

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA



A RECUPERAÇÃO DO CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO

Projecto de reintegração funcional e sociocultural

Mariana Proença Brojo dos Santos Pinto
(licenciada)

Dissertação para aprovação do Grau Mestre em Arquitectura

Orientador Científico Professor Doutor Luís Afonso

Coorientador Científico Professor Doutor Manuel C. Teixeira

Lisboa
2014

Resumo

O presente trabalho visa uma proposta de reabilitação do edifício devoluto do Cine-teatro Gardunha do Fundão no distrito de Castelo Branco.

Estando as operações de reabilitação de modo geral relacionadas com matérias do passado e do presente para a melhoria funcional, socioeconómica e ambiental das áreas de intervenção, a seguinte reflexão assenta na melhoria das relações urbanas da área que o edifício afecta.

A reintegração funcional e sociocultural do Cine-Gardunha surge no seguimento do interesse de restituição dos Cine-teatros às sociedades considerando-os elementos de coesão das cidades e vilas que integram.

A análise centrar-se-á na localidade, mas mantendo sempre como referência os conteúdos que estiveram ligados à edificação destes equipamentos culturais.

Primeiramente, será apresentada uma análise sobre as relações entre a sociedade, as pré-existências e o contexto urbano do antigo Cine-Gardunha para a determinação da sua importância para a cidade. De seguida, a devida contextualização histórica do período de edificação dos Cine-teatros e dois casos de diferentes intervenções em Palmela e em Matosinhos. Após o devido enquadramento, uma proposta de programa e reestruturação do antigo edifício.

Palavras-chave: reabilitação, Cine-teatro Gardunha, Fundão, relações urbanas, reintegração funcional e sociocultural.

Abstract

In general, urban regeneration process is linked to past and present matters that results in functional, socio-economic and environmental improvement in the areas of intervention to rejoin the urban context. Therefore, the following review is about a rehabilitation proposal of the Cine-teatro Gardunha at Fundão, looking for the improvement of urban interactions of the affected area.

The functional and sociocultural reintegration of Cine-teatro Gardunha become a topical issue due to significant national commitment to restore the Cine-teatros to villages and cities.

Analysis will be centered at the locality, nonetheless maintaining always as reference the contents connected to the edification of these cultural equipment.

Firstly will be presented an analysis of the relations between society, the pre-existence and the urban context of the ancient Cine-Gardunha in what regards city importance. Secondly, the historical contextualization of the Cine-teatros and two interventions cases: Palmela and Matosinhos. Afterwards the owing historical framework, a proposal of program for the old building restructuring.

Key words: urban regeneration, Cine-teatro Gardunha, Fundão, urban interactions, functional and sociocultural reintegration.

Índice

1. Introdução	18
2. O Fundão como contexto urbano, programa e orçamento	24
3. A importância entre o contexto urbano e as dinâmicas sociais da cidade para a reintegração do Cine-teatro Gardunha	35
4. Estado de Arte	41
4.1. A reabilitação do Teatro Constantino Nery em Matosinhos.....	55
4.2. A preservação do Cine-teatro São João em Palmela	63
5. Contexto geral e princípios programáticos para a proposta de reabilitação do Cine- teatro Gardunha e extensão das funções da Academia de Música e Dança da Santa Casa da Misericórdia do Fundão	71
5.1. Contextualização e definição do programa da proposta de intervenção	79
5.2. Análise e memória descritiva da proposta	90
6. Considerações finais	103
7. Bibliografia	106
8. Anexos	110
8.1. Tabela de áreas da proposta	111
8.2. Estudo da proposta do acesso vertical para o Cine-teatro	113
8.3. Estudo da proposta de alçados	115
8.4. Desenhos rigorosos da proposta	118

Índice de figuras

Figura 2.1 Mapa do distrito de Castelo Branco (http://netin.es.eipcb.pt/cp_patrimonio/localizacao_fundao.htm)	24
Figura 2.2 Mapa do concelho do Fundão (http://netin.es.eipcb.pt/cp_patrimonio/localizacao_fundao.htm)	25
Figura 2.3 Câmara Municipal do Fundão (autora)	25
Figura 2.4 Cidade do Fundão (www.cm-fundao.pt)	26
Figura 2.5 Cidade de Castelo Branco (www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=280491&page=9)	27
Figura 2.6 Cidade da Covilhã (www.cm-covilha.pt/)	27
Figura 2.7 Barragem do Padre Alfredo em Unhais da Serra (unhaisdaserra.com/?page_id=43)	27
Figura 2.8 H2otel em Unhais da Serra (www.h2otel.com.pt)	27
Figura 2.9 Gráfico da pop. Residente região centro (Censos 2011, INE)	28
Figura 2.10 Mapa de distribuição da pop. residente (Censos 2011, INE)	28
Figura 2.11 Quadro de comparação de dados dos Censos 2001 e 2011 (autora)	29
Figura 2.12 Escola Secundária do Fundão e Escola Profissional do Fundão (www.cm-fundao.pt)	31
Figura 2.13 Picadeiro Real em Alpedrinha (www.cm-fundao.pt)	31
Figura 2.14 Edifício Moagem (www.fundao.pt)	31
Figura 2.15 Quadro de distribuição de incentivos em Portugal (Relatório final da Avaliação da Operacionalização inicial dos Sistemas de Incentivos, 2011)	34
Figura 3.1 Cine-teatro Gardunha do Fundão (autora)	35
Figura 3.2 Avenida da Liberdade do Fundão (CM Fundão)	35
Figura 3.3 Axonometria do Cine-teatro Gardunha (CM Fundão)	35

Figura 3.4 Cine-teatro Gardunha do Fundão (autora)	35
Figura 3.5 Cine-teatro Gardunha do Fundão (autora)	35
Figura 3.6 Planta da cidade do Fundão (autora)	36
Figura 3.7 Planta original do piso térreo do Cine-teatro Gardunha (autora)	37
Figura 3.8 Planta original do primeiro piso do Cine-teatro Gardunha (autora)	37
Figura 3.9 Espaço interior do Cine-Gardunha do Fundão (CM Fundão).....	37
Figura 3.10 Espaço interior do Cine-Gardunha do Fundão (CM Fundão).....	37
Figura 3.11 Espaço interior do Cine-Gardunha do Fundão (CM Fundão).....	37
Figura 3.12 Espaço interior do Cine-Gardunha do Fundão (CM Fundão).....	37
Figura 3.13 Espaço interior do Cine-Gardunha do Fundão (CM Fundão).....	37
Figura 3.14 Espaço interior do Cine-Gardunha do Fundão (CM Fundão).....	37
Figura 3.15 Alçado original do Cine-teatro Gardunha (CM Fundão)	38
Figura 3.16 Alçado original do Cine-teatro Gardunha (CM Fundão)	38
Figura 3.17 Desenho da sala de espectáculos do Cine-Gardunha (CM Fundão).....	38
Figura 4.1 Teatro grego <i>Epidauros</i> (Artigo do <i>Estudo Acústico dos Teatros Gregos</i> , revista Projecto, 2005)	41
Figura 4.2 Comportamento do som (Som e Acústica, informação teórica da disciplina de Física da IFSC, 2008)	41
Figura 4.3 Teatro da Trindade em Lisboa (http://www.inatel.pt)	41
Figura 4.4 <i>Nickelodeon Imperial</i> , Nova Orleães (<i>Os Cinemas em Portugal</i> , Prova final de licenciatura em Arquitectura, 2008)	42
Figura 4.5 <i>Electric theatre</i> em Londres (http://corporate.picturehouses.co.uk/venue/the-gate)	42
Figura 4.6 <i>Electric theatre</i> em Londres (http://corporate.picturehouses.co.uk/venue/the-gate)	41

Figura 4.7 Teatro <i>Majestic</i> em Houston (<i>Os Cinemas em Portugal</i> . Prova final de licenciatura em Arquitectura, 2008)	43
Figura 4.8 Real Coliseu em Lisboa (A arquitectura de Cine Teatros: Evolução e Registo [1927-1959] Equipamentos de cultura e lazer em Portugal no Estado Novo, 2012).....	44
Figura 4.9 Teatro Nacional D. Maria II em Lisboa (http://restosdecoleccion.blogspot.pt/)	45
Figura 4.10 Alçado do Cine-teatro Alcácer do Sal (A arquitectura de Cine Teatros: Evolução e Registo [1927-1959] Equipamentos de cultura e lazer em Portugal no Estado Novo, 2012)	48
Figura 4.11 Alçado do Cine-teatro Alcácer do Sal (A arquitectura de Cine Teatros: Evolução e Registo [1927-1959] Equipamentos de cultura e lazer em Portugal no Estado Novo, 2012).....	48
Figura 4.12 Cinema Monumental em Lisboa (http://restosdecoleccion.blogspot.pt/).....	50
Figura 4.13 Cine-teatro em Castelo Branco (www.cm-castelobranco.pt).....	50
Figura 4.14 Planta de implantação do Teatro Cine da Covilhã (A arquitectura de Cine Teatros: Evolução e Registo [1927-1959] Equipamentos de cultura e lazer em Portugal no Estado Novo, 2012).....	50
Figura 4.15 Planta do Teatro Cine da Covilhã (<i>Os Cinemas em Portugal</i> , Prova final de licenciatura em Arquitectura, 2008)	52
Figura 4.16 Corte longitudinal do Teatro Cine da Covilhã (<i>Os Cinemas em Portugal</i> , Prova final de licenciatura em Arquitectura, 2008)	52
Figura 4.17 Teatro Cine da Covilhã (<i>Os Cinemas em Portugal</i> , Prova final de licenciatura em Arquitectura, 2008)	52
Figura 4.18 Teatro Cine da Covilhã (<i>Os Cinemas em Portugal</i> , Prova final de licenciatura em Arquitectura, 2008)	52
Figura 4.19 Espaço interior do Teatro Cine da Covilhã (<i>Os Cinemas em Portugal</i> , Prova final de licenciatura em Arquitectura, 2008).....	52
Figura 4.20 Sala de espectáculos do Teatro Cine da Covilhã (www.cm-covilha.pt)	52

Figura 4.21 Gráfico da distribuição por grupos de Cine-teatros construídos (autor)	53
Figura 4.22 Mapa de distribuição dos Cine-teatros construídos (autora)	53
Figura 4.23 Mapa de distribuição dos Cine-teatros construídos (autora)	53
Figura 4.24 Mapa de distribuição dos Cine-teatros construídos (autora)	53
Figura 4.25 Mapa de distribuição dos Cine-teatros construídos (autora)	54
Figura 4.1.1 Teatro Constantino Nery (http://www.cm-matosinhos.pt)	55
Figura 4.1.2 Cidade de Matosinhos (Google Earth. Imagem adaptada pela autora)	56
Figura 4.1.3 Planta de implantação do Teatro Constantino Nery (www.cm-matosinhos.pt/www.afaconsult.com/portfolio)	57
Figura 4.1.4 Teatro Constantino Nery (www.cm-matosinhos.pt/www.afaconsult.com/portfolio)	57
Figura 4.1.5 Alçado do Teatro Constantino Nery (www.cm-matosinhos.pt/www.afaconsult.com/portfolio)	57
Figura 4.1.6 Alçado do projecto do Teatro Constantino Nery (www.cm-matosinhos.pt/www.afaconsult.com/portfolio)	59
Figura 4.1.7 Maquete do projecto do Teatro Constantino Nery (www.cm-matosinhos.pt/www.afaconsult.com/portfolio)	59
Figura 4.1.8 Maquete do projecto do Teatro Constantino Nery (www.cm-matosinhos.pt/www.afaconsult.com/portfolio)	60
Figura 4.1.9 Maquete do projecto do Teatro Constantino Nery (www.cm-matosinhos.pt/www.afaconsult.com/portfolio)	60
Figura 4.1.10 Espaço interior do projecto do Teatro Constantino Nery (www.cm-matosinhos.pt/www.afaconsult.com/portfolio)	60
Figura 4.1.11 Espaço interior do projecto do Teatro Constantino Nery (www.cm-matosinhos.pt/www.afaconsult.com/portfolio)	60
Figura 4.1.12 Reconstrução do Teatro Constantino Nery (www.cm-matosinhos.pt/www.afaconsult.com/portfolio)	61

Figura 4.1.13 Plantas originais e actuais do Teatro Constantino Nery (<i>Sousa Bastos. Recuperação e reconversão do antigo Teatro. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, 2011</i>)	61
Figura 4.1.14 Alçado do Teatro Constantino Nery (www.cm-matosinhos.pt/www.afaconsult.com/portfolio)	62
Figura 4.1.15 Alçado do Teatro Constantino Nery (http://blossombirds.com)	62
Figura 4.1.16 Sala de espectáculos do Teatro Constantino Nery (<i>Os Cinemas em Portugal, Prova final de licenciatura em Arquitectura, 2008</i>)	62
Figura 4.2.1 Planta de implantação do Cine-teatro São João (site oficial da Direcção-Geral do Património Cultural em www.patrimoniocultural.pt)	63
Figura 4.2.2 Cine-teatro São João (Sistema de Informação para o Património Architectónico, SIPA)	63
Figura 4.2.3 Espaço Interior do Cine-teatro São João (Galeria digital da Biblioteca de Arte Calouste Gulbenkian)	63
Figura 4.2.4 Espaço Interior do Cine-teatro São João (Galeria digital da Biblioteca de Arte Calouste Gulbenkian)	63
Figura 4.2.5 Planta da vila de Palmela (Google Earth. Imagem adaptada pela autora)	64
Figura 4.2.6 Cine-teatro São João (www.cm-palmela.pt)	64
Figura 4.2.7 Cine-teatro São João (Sistema de Informação para o Património Architectónico, SIPA)	64
Figura 4.2.8 Cine-teatro São João (Sistema de Informação para o Património Architectónico, SIPA)	64
Figura 4.2.9 Cine-teatro São João (Google Earth. Imagem adaptada pela autora)	64
Figura 4.2.10 Cine-teatro São João (Sistema de Informação para o Património Architectónico, SIPA)	64
Figura 4.2.11 Largo de São João em Palmela (http://sinergia.mota-engil.pt)	65
Figura 4.2.12 Largo de São João (http://centrohistorico.cm-palmela.pt)	65

Figura 4.2.13 Cine-teatro São João (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, SIPA)	65
Figura 4.2.14 Cine-teatro São João (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, SIPA)	65
Figura 4.2.15 Cine-teatro São João (http://centrohistorico.cm-palmela.pt)	65
Figura 4.2.16 Cine-teatro São João (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, SIPA)	65
Figura 4.2.17 Alçado do Cine-teatro São João (A arquitectura de Cine Teatros: Evolução e Registo [1927-1959] Equipamentos de cultura e lazer em Portugal no Estado Novo, 2012).....	66
Figura 4.2.18 Alçado do Cine-teatro São João (A arquitectura de Cine Teatros: Evolução e Registo [1927-1959] Equipamentos de cultura e lazer em Portugal no Estado Novo, 2012).....	66
Figura 4.2.19 Cine-teatro São João (site oficial da Direcção-Geral do Património Cultural em www.patrimoniocultural.pt)	66
Figura 4.2.20 Cine-teatro São João (site oficial da Direcção-Geral do Património Cultural em www.patrimoniocultural.pt)	66
Figura 4.2.21 Cine-teatro São João (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, SIPA)	66
Figura 4.2.22 Cine-teatro São João (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, SIPA)	66
Figura 4.2.23 Cine-teatro São João (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, SIPA)	66
Figura 4.2.24 Cine-teatro São João (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, SIPA)	67
Figura 4.2.25 Cine-teatro São João (site oficial da Direcção-Geral do Património Cultural em www.patrimoniocultural.pt)	67

Figura 4.2.26 Cine-teatro São João (Sistema de Informação para o Património Architectónico, SIPA)	67
Figura 4.2.27 Cine-teatro São João (site oficial da Direcção-Geral do Património Cultural em www.patrimoniocultural.pt)	67
Figura 4.2.28 Cine-teatro São João (Sistema de Informação para o Património Architectónico, SIPA)	67
Figura 4.2.29 Cine-teatro São João (Sistema de Informação para o Património Architectónico, SIPA)	67
Figura 4.2.30 Cine-teatro São João (Sistema de Informação para o Património Architectónico, SIPA)	67
Figura 4.2.31 Cine-teatro São João (Sistema de Informação para o Património Architectónico, SIPA)	67
Figura 4.2.32 Espaço interior Cine-teatro São João (www.cm-palmela.pt)	68
Figura 4.2.33 Espaço interior Cine-teatro São João (http://centrohistorico.cm-palmela.pt).....	68
Figura 4.2.34 Espaço interior Cine-teatro São João (http://centrohistorico.cm-palmela.pt).....	68
Figura 4.2.35 Espaço interior (site oficial da Direcção-Geral do Património Cultural em www.patrimoniocultural.pt)	68
Figura 4.2.36 Sala de espectáculos (Sistema de Informação para o Património Architectónico, SIPA)	68
Figura 4.2.37 Sala de espectáculos (Sistema de Informação para o Património Architectónico, SIPA)	68
Figura 4.2.38 Espaço interior Cine-teatro São João (http://centrohistorico.cm-palmela.pt).....	68
Figura 4.2.39 Espaço interior Cine-teatro São João (http://centrohistorico.cm-palmela.pt).....	68

Figura 4.2.40 Sala de espectáculos (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, SIPA)	69
Figura 4.2.41 Sala de espectáculos (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, SIPA)	69
Figura 4.2.42 Sala de espectáculos (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, SIPA)	69
Figura 4.2.43 Cine-teatro São João (site oficial da Direcção-Geral do Património Cultural em www.patrimoniocultural.pt)	69
Figura 4.2.44 Cine-teatro São João (site oficial da Direcção-Geral do Património Cultural em www.patrimoniocultural.pt)	69
Figura 4.2.45 Cine-teatro São João (site oficial da Direcção-Geral do Património Cultural em www.patrimoniocultural.pt)	69
Figura 4.2.46 Espaço interior Cine-teatro São João (site oficial da Direcção-Geral do Património Cultural em www.patrimoniocultural.pt)	69
Figura 4.2.47 Sala de espectáculos (www.panotwins.de)	70
Figura 5.1 Corte longitudinal do Cine-teatro de Alcobaça (site oficial do Gabinete de Arquitectura Espaço, Tempo e Utopia)	72
Figura 5.2 Cine-teatro de Alcobaça (site oficial do Gabinete de Arquitectura Espaço, Tempo e Utopia)	72
Figura 5.3 Sala de espectáculos do Cine-teatro de Alcobaça (site oficial do Gabinete de Arquitectura Espaço, Tempo e Utopia)	72
Figura 5.4 <i>Theatro Circo</i> de Braga (www.skyscrapercity.com)	73
Figura 5.5 Sala de espectáculos do <i>Theatro Circo</i> de Braga (www.theatrocirco.com) .	73
Figura 5.6 Auditório do <i>Theatro Circo</i> de Braga (www.theatrocirco.com)	73
Figura 5.7 Espaço interior do <i>Theatro Circo</i> de Braga (www.theatrocirco.com)	73
Figura 5.8 Corte longitudinal do <i>Theatro Circo</i> de Braga (www.theatrocirco.com)	73
Figura 5.9 Planta do <i>Theatro Circo</i> de Braga (www.theatrocirco.com)	73

Figura 5.10 Cine-teatro de Fafe (site oficial do Gabinete Peeling living projects)	74
Figura 5.11 Cine-teatro de Fafe (site oficial do Gabinete Peeling living projects)	74
Figura 5.12 Sala de espectáculos do Cine-teatro de Fafe (site oficial do Gabinete Peeling living projects)	74
Figura 5.13 Sala de espectáculos do Cine-teatro de Fafe (site oficial do Gabinete Peeling living projects)	74
Figura 5.14 Espaço interior do Cine-teatro de Fafe (site oficial do Gabinete Peeling living projects)	74
Figura 5.15 Cine-teatro de Fafe (site oficial do Gabinete Peeling living projects)	74
Figura 5.16 Cine-teatro de Fafe (Google Earth. Imagem adaptada pela autora)	74
Figura 5.17 Cine-teatro de Fafe (Google Earth. Imagem adaptada pela autora)	74
Figura 5.18 Auditório do edifício Moagem no Fundão (www.cm-fundao.pt/)... ..	75
Figura 5.19 Cine-teatro Gardunha (autora).....	75
Figura 5.20 Planta da cidade do Fundão (CM Fundão. Planta adaptada pela autora) .	76
Figura 5.21 Cidade do Fundão (autora).....	76
Figura 5.22 Cidade do Fundão (autora).....	76
Figura 5.23 Cidade do Fundão (autora).....	76
Figura 5.24 Cidade do Fundão (autora).....	76
Figura 5.25 Cidade do Fundão (autora).....	76
Figura 5.26 Cidade do Fundão (autora).....	78
Figura 5.27 Cidade do Fundão (autora).....	78
Figura 5.28 Cidade do Fundão (autora).....	78
Figura 5.29 Cidade do Fundão (autora).....	78
Figura 5.1.1 Planta de implantação do Cine-teatro Gardunha (CM Fundão. Planta adaptada pela autora)	79
Figura 5.1.2 Cine-teatro Gardunha (CM Fundão)	79

Figura 5.1.3 Cine-teatro Gardunha (autora).....	79
Figura 5.1.4 Cine-teatro Gardunha (CM Fundão)	80
Figura 5.1.5 Cine-teatro São João (site oficial da Direcção-Geral do Património Cultural em www.patrimoniocultural.pt)	80
Figura 5.1.6 Cine-teatro Gardunha (autora).....	80
Figura 5.1.7 Cine-teatro Gardunha (autora).....	80
Figura 5.1.8 Cine-teatro Gardunha (autora).....	80
Figura 5.1.9 Cine-teatro Gardunha (autora).....	80
Figura 5.1.10 Alçado do Cine-teatro Gardunha (autora)	81
Figura 5.1.11 Alçado do Cine-teatro Gardunha (autora)	81
Figura 5.1.12 Cine-teatro Gardunha (autora).....	81
Figura 5.1.13 Planta do piso térreo do Cine-teatro Gardunha (CM Fundão. Planta adaptada pela autora)	82
Figura 5.1.14 Espaço interior do Cine-Gardunha (CM Fundão)	82
Figura 5.1.15 Espaço interior do Cine-Gardunha (CM Fundão)	82
Figura 5.1.16 Planta do primeiro piso do Cine-teatro Gardunha (CM Fundão. Planta adaptada pela autora)	83
Figura 5.1.17 Espaço interior do Cine-Gardunha (CM Fundão)	83
Figura 5.1.18 Espaço interior do Cine-Gardunha (CM Fundão)	83
Figura 5.1.19 Espaço interior do Cine-Gardunha (CM Fundão).....	83
Figura 5.1.20 Cine-teatro Gardunha (CM Fundão)	84
Figura 5.1.21 Cine-teatro Gardunha (CM Fundão)	84
Figura 5.1.22 Sala de espectáculos do Cine-teatro Gardunha (CM Fundão)	84
Figura 5.1.23 Corte longitudinal AA' do Cine-teatro Gardunha (CM Fundão. Corte adaptado pela autora.)	84

Figura 5.1.24 Planta de tecto da sala de espectáculos do Cine-teatro Gardunha (CM Fundão. Desenho adaptado pela autora.)	84
Figura 5.1.25 Sala de espectáculos do Cine-teatro Gardunha (CM Fundão)	84
Figura 5.1.26 Sala de espectáculos do Cine-teatro Gardunha (CM Fundão)	84
Figura 5.1.27 Sala de espectáculos do Cine-teatro Gardunha (CM Fundão)	84
Figura 5.1.28 Sala de espectáculos do Cine-teatro Gardunha (CM Fundão)	84
Figura 5.1.29 Sala de espectáculos do Cine-teatro Gardunha (CM Fundão)	84
Figura 5.1.30 Sala de espectáculos do Cine-teatro Gardunha (CM Fundão)	84
Figura 5.1.31 Espaço interior do Cine-Gardunha (CM Fundão)	85
Figura 5.1.32 Sala de espectáculos do Cine-teatro Gardunha (CM Fundão)	85
Figura 5.1.33 Sala de espectáculos do Cine-teatro Gardunha (CM Fundão)	85
Figura 5.1.34 Sala de espectáculos do Cine-teatro Gardunha (CM Fundão)	85
Figura 5.1.35 Planta de coberturas da Academia de Música e Dança do Fundão (CM Fundão. Planta adaptada pela autora.).....	87
Figura 5.1.36 Academia de Música e Dança do Fundão (Google Earth. Imagem adaptada pela autora.)	87
Figura 5.1.37 Academia de Música e Dança do Fundão (autora)	87
Figura 5.1.38 Academia de Música e Dança do Fundão (Google Earth. Imagem adaptada pela autora.)	87
Figura 5.1.39 Planta do piso térreo da Academia de Música e Dança do Fundão (CM Fundão. Planta adaptada pela autora.).....	88
Figura 5.1.40 Academia de Música e Dança do Fundão (autora)	88
Figura 5.1.41 Espaço interior da Academia de Música e Dança do Fundão (ACMDF)	88
Figura 5.1.42 Espaço interior da Academia de Música e Dança do Fundão (ACMDF)	88
Figura 5.1.43 Espaço interior da Academia de Música e Dança do Fundão (ACMDF)	88
Figura 5.1.44 Espaço interior da Academia de Música e Dança do Fundão (ACMDF)	88

Figura 5.2.1 Desenho da proposta (portefólio da autora)	90
Figura 5.2.2 Desenho da proposta (portefólio da autora)	90
Figura 5.2.3 Desenho da proposta (portefólio da autora)	90
Figura 5.2.4 Desenho da proposta (portefólio da autora)	90
Figura 5.2.5 Desenho da proposta (portefólio da autora)	91
Figura 5.2.6 Desenho da proposta (portefólio da autora)	91
Figura 5.2.7 Desenho da proposta (portefólio da autora)	91
Figura 5.2.8 Desenho da proposta (portefólio da autora)	91
Figura 5.2.9 Desenho da proposta (portefólio da autora)	91
Figura 5.2.10 Desenho da proposta (portefólio da autora)	92
Figura 5.2.11 Desenho da proposta (portefólio da autora)	92
Figura 5.2.12 Desenho da proposta (portefólio da autora)	92
Figura 5.2.13 Desenho da proposta (portefólio da autora)	92
Figura 5.2.14 Desenho da proposta (portefólio da autora)	92
Figura 5.2.15 Desenho da proposta (portefólio da autora)	92
Figura 5.2.16 Planta de coberturas da proposta (autora)	93
Figura 5.2.17 Rua António Paulouro no Fundão (autora)	93
Figura 5.2.18 Desenho da proposta (portefólio da autora)	94
Figura 5.2.19 Desenho da proposta (portefólio da autora)	94
Figura 5.2.20 Desenho da proposta (portefólio da autora)	94
Figura 5.2.21 Desenho da proposta (portefólio da autora)	94
Figura 5.2.22 Planta do piso térreo da proposta (autora)	95
Figura 5.2.23 Planta do primeiro piso da proposta (autora)	96
Figura 5.2.24 Corte longitudinal da proposta (autora)	97
Figura 5.2.25 Planta do segundo piso da proposta (autora).....	98

Figura 5.2.26 Desenho da proposta (portefólio da autora)	99
Figura 5.2.27 Desenho da proposta (portefólio da autora)	99
Figura 5.2.28 Desenho da proposta (portefólio da autora)	99
Figura 5.2.29 Desenho da proposta (portefólio da autora)	100
Figura 5.2.30 Desenho da proposta (portefólio da autora)	100
Figura 5.2.31 Desenho da proposta (portefólio da autora)	101
Figura 5.2.32 Desenho da proposta (portefólio da autora)	101
Figura 5.2.33 Desenho da proposta (portefólio da autora)	102
Figura 5.2.34 Desenho da proposta (portefólio da autora)	102
Figura 5.2.35 Alçados da proposta (autora)	102

1. Introdução

“Utilizar é um conceito equivalente a transformar; aquele que consome, de alguma maneira se transforma.

“O animal, que possui uma memória genética limitada, vive o tempo com uma aceção do presente e usa o espaço transformando-o ligeiramente; o homem, como possui uma memória cultural, transforma o espaço de uma maneira mais profunda e duradoura.”¹

As tendências de desenvolvimento das sociedades contemporâneas são hoje claramente marcadas pelo crescente individualismo pessoal promovido pela mobilidade, troca de informação e progresso tecnológico. Assim como na habitação A redução espacial e funcional dos espaços com a supressão de usos consequente de uma sociedade de consumo que atribui às estruturas um carácter efémero.²

Todavia, se por um lado a sociedade parece ir ao encontro do imediatismo, da automatização e da massificação cultural³ em que as noções de tempo e espaço foram alteradas, ainda é possível verificar a ligação humana aos espaços aquando da perda do lugar⁴.

A consequência é a consciência da existência de depósitos de valor⁵ material e imaterial⁶ que subsistem num determinado contexto. Representam o passado, a sedimentação do tempo que passou a ser conservado dentro do campo de acção que é o presente. Neste contexto, os depósitos são a própria arquitectura no sentido em que é recipiente, e cada arquitectura é um depósito único de um conjunto que conforma o espaço arquitectónico.

Este registo temporal das várias maneiras de habitar que actuaram e actuam sobre o espaço faz parte da identidade cultural

¹ Fernando Torrijos - *Sobre el uso estético del espacio, El Espacio como produto de consumo estético* (tradução), 1988, pp. 13

² Ana Silva Moreira - *Novas tendências do habitar. A Habitação do Futuro vista pelo Cinema*. Dissertação de Mestrado, 2010, pp. 62-63

³ Conceito originário da Revolução Industrial, aproximadamente durante o período de meados do século XVIII e meados do século XIX, que designa a associação da maquinaria ao homem, resultando numa perda da definição dos valores da sociedade próprios da sua cultura.

⁴ Caso do Cine-teatro Monumental em Lisboa, aquando da sua demolição numa manhã de 1984, que gerou a indignação da população, saindo à rua em protesto e formando um motim na Praça Duque de Saldanha.

⁵ O conceito de valor surge, neste sentido, em ligação com a arquitectura, na medida em que, sendo esta arquivo e a sua condição actual de como é habitada consequência deste processo, como testemunha transporta conteúdos, propriedades culturais que integram a diferenciação que caracteriza a sociedade.

⁶ A noção de material e imaterial apresentam-se como duas faces da mesma moeda do valor arquitectónico. Por um lado, o valor material apreendido no suporte físico da arquitectura, quando é possível habitar e, por outro lado, a imaterialidade, ligada ao valor memorial que imortaliza a arquitectura numa essência não palpável.

da sociedade⁷. De consenso e partilhada por todos os elementos da população, podendo ou não contribuir para a coesão social em que a arquitectura é o ponto de referência e enquadramento.

Na realidade, o espaço arquitectónico a partir do seu carácter omnipresente⁸ organiza, orienta e interage com a pessoa e envolvente através das suas características formais. Nesta narrativa o conteúdo é transmitido nas representações vividas e contadas, na dimensão temporal atribuída pelas pessoas tornando-se matéria do passado que afecta o presente.

Evidenciando o vínculo da arquitectura ao habitar, existe outra obrigação essencial à manutenção da arquitectura, a própria acção ou inacção sobre esta. Ou seja, apesar da arquitectura subsistir devido ao próprio valor que transporta, quanto mais quando com um suporte físico, ela tem que ser flexível e acompanhar as alterações dos hábitos. Tem de ser alvo de reflexão na análise das estratégias de planeamento urbano às várias escalas para que assim lhe seja garantida a sustentabilidade⁹.

A cidade nas suas várias maneiras de crescer, nas adaptações entre diferentes tecidos do pré-existente e do que é recente, desenvolveu um temperamento e densificou-se. Tornou-se cada vez mais complexa a rede da envolvente na qual a arquitectura está agregada, por vezes unicamente despertada pela relação com uma específica sociedade. Desta forma, para que não haja uma descontextualização, uma perda de sentido e um sentimento de perda, a maior capacidade será de avaliar o valor de cada arquitectura. Cada relação, o seu impacto nas várias participações do quotidiano e admitir que o espaço está em constante mutação e é tão importante aceitar a mudança como preservar o passado.

⁷ A identidade cultural, neste caso, parte integrante de uma determinada sociedade, caracteriza-se pela existência de uma linguagem de valores, que todos partilham e falam, e de conhecimento consensual. Esta é definida no processo de construção das características culturais, sociais, económicas, políticas, ambientais associadas a um espólio material e imaterial da sociedade que a torna um conjunto de diferenciação, com uma essência e definição próprias.

⁸ O carácter omnipresente como um dos aspectos que define a arquitectura está evidente na aceitação que é esta é o que nos enquadra e o que nos rodeia quando habitamos. Se o espaço nos indica o percurso, ou seja, nos dá orientação de onde é a entrada e a saída, a sala e o quarto, para que se possa habitar, não só a pessoa influencia o espaço podendo-o transformar, como o espaço influencia o habitante com a sua concepção formal dos corredores de distribuição que intersectam espaços amplos e reservados, controlando a sua exposição e fazendo o local de determinada função, de modo a manifestar-se no comportamento humano.

⁹ Os critérios de sustentabilidade abordam a afectação ambiental e a salvaguarda do património. Uma operação que incida fisicamente provocando uma melhoria da qualidade de vida de uma população, mas com ponderação sobre os recursos que são necessários para que tal aconteça.

É neste âmbito que surge o interesse pelas estruturas dos Cine-teatros¹⁰ construídas no período do Estado Novo¹¹, entre 1927 e 1959, reflectido no estudo do projecto de reintegração do antigo Cine-teatro Gardunha¹² na Avenida da Liberdade no Fundão¹³. E, dada a expropriação do terreno adjacente ao edifício a sudoeste na Rua Jornal do Fundão, as novas instalações da Academia de Música e Dança da Santa Casa da Misericórdia¹⁴. A natureza programática de ambas as propostas contribuirão para a análise da vertente urbana na solução da imagem do alçado e as temáticas da confrontação entre o pré-existente e a transformação da própria cidade.

Os Cine-teatros são obras integrantes dos planos urbanísticos da sua altura, mas maioritariamente de iniciativa privada. Estes levantam as questões sobre a qualidade de vida e as dinâmicas de interacção social derivadas das condicionantes que acompanharam a sua construção. A sua localização, a imagem formal dos alçados, as funções, a mensagem definida pelo Estado transmitida às populações, o controlo de que foram alvos, o número de edificações ao longo do território nacional, as relações formais entre estes e o valor enquanto espólio de um período de construção português.

As observações referidas anteriormente, recorrendo ao objecto de estudo do Cine-teatro Gardunha, servirão para

¹⁰ Os Cine-teatros portugueses são edificações cuja situação actual se encontra num processo de abandono e degradação, e algumas de expropriação por parte do órgão municipal responsável, havendo já um grande leque de reabilitações segundo programas de investimentos nacionais e europeus, alguns com alterações de funções, ainda existindo casos de edifícios que se mantiveram activados e originais.

Estes registam o aparecimento oficial a partir de 1927 após a constituição de um diploma legislativo, definindo os requisitos para a sua construção, sustentando a vontade da existência de um grande equipamento cultural e público de referência das cidades e sociedades.

Actualmente, além da sua presença incontestável, estas arquitecturas também representam perda e custos para as populações, forçando a uma reabilitação calculada numa análise do potencial das especificidades destas arquitecturas, traduzida numa nova apropriação, com o objectivo de as reintegrar e lhes assegurar continuidade.

¹¹ Regime autoritário que se manteve em Portugal desde a Constituição em 1933 à Revolução de 1974. Também denominado período Salazarista. Entre os valores e as políticas em que o Estado se organizava, não esquecendo os seus instrumentos, englobava-se o reforço à cultura. De facto, foi definida uma arquitectura de carácter monumental à imagem do regime para que a mensagem pretendida fosse transmitida.

¹² O Cine-teatro Gardunha, exemplo do movimento de edificações de salas de espectáculos entre 1927 a 1959, foi inaugurado em 1958, sendo representativo das construções mais tardias. Encontra-se localizado na Avenida da Liberdade do Fundão, em Castelo Branco, na principal artéria da cidade. Com uma área de implantação de cerca de 1000 m² e uma sala de espectáculos de 740 lugares, encontra-se inactivo, exceptuando o Café Cine, antigo e actual ponto de encontro. O edifício está integrado numa Área de Reabilitação Urbana (ARU) que conforma a zona antiga da cidade, regulamentada e incentivada por apoio financeiro da autarquia e programas de entidades nacionais e europeias.

¹³ O Fundão é uma cidade portuguesa pertencente ao concelho do Fundão, no distrito de Castelo Branco, enquadrada pela paisagem de montanha da Serra da Gardunha e da Serra da Estrela. O concelho, composto por 31 freguesias e 31 000 habitantes, apresenta uma realidade de grandes desigualdades demográficas, sendo o povoamento concentrado nos espaços urbanos de maior expressão e disperso nos espaços rurais, que aposta no sector industrial e serviços de proximidade numa tentativa de contrariar o envelhecimento da população e consequente desertificação.

¹⁴ A Academia de Música e Dança do Fundão, fundada em 1994 com o apoio da Santa Casa da Misericórdia, contou com um arranque de 106 alunos. Entre os vários prémios de reconhecimento e participação em concursos, fundou orquestra de violinos e ganhou mais de uma centena de competições internacionais. Esta dedica-se principalmente à faixa etária entre os 5 e os 18 anos, sendo uma das ferramentas de desenvolvimentos cultural jovem da zona.

Actualmente, visto o contínuo progresso, a escola tem o seu edifício principal localizado no Fundão e um segundo em Penamacor. Porém, apesar de ainda usar um segundo espaço temporário também no Fundão, a escola não consegue dar resposta ao número de estudantes.

especificar as debilidades urbanas e funcionais da área. Assim como para evidenciar as preocupações da estratégia de satisfação das exigências da sociedade em questão de modo a que as opções da proposta estejam de acordo com uma reabilitação sustentável e com o seu papel no contexto patrimonial¹⁵ inerente à memória do lugar.

Em contrapartida, a Academia de Música e Dança, justificada pelo desenvolvimento do ensino que provocou uma saturação dos espaços já existentes, terá como objectivo a extensão e especialização das funções da instituição.

Apesar dos dois objectos de estudo abordarem questões e estratégias diferentes, ambos são representações e participantes na realidade da sociedade e da economia local actual. Condicionados por critérios comuns, enquadrados pela mesma envolvente, que podem gerar como conjunto uma reparação na coesão da zona urbana.

Por conseguinte, para o alcançar ter-se-á que clarificar o Cine-Gardunha, retirar-lhe a sua imutabilidade enquanto património desactivado que segrega o espaço e integrar a Academia. Compreender a pertinência e complementaridade das funções dos programas dos dois edifícios, e a proximidade física que os compromete com a mesma imagem e fluxos urbanos. Todavia, será importante que conservem independência para evidenciar a diferença entre os dois com o propósito de salvaguardar o equilíbrio entre o que é antigo e contemporâneo. A mutação do espaço será, então, uma questão assumida e as opções das propostas estarão de acordo com uma solução de integração.

Assim, as questões que favorecem a exposição da problemática são a relação entre o Cine-teatro Gardunha, a Academia e o contexto urbano. E o valor das arquitecturas existentes para as sociedades que controlam o seu uso, explorando as relações de proximidade e monumentalidade entre a arquitectura e as pessoas.

Focando no papel do arquitecto, principalmente quando se tratam de pré-existências, este deve ter em conta o impacto sobre a população, os hábitos e costumes, o *modus vivendi*, a paisagem que constitui a memória física, experienciada, herdada, sentida e vivida.

¹⁵ A utilização do termo "patrimonial" foi feita com a consciência que, apesar de existir uma definição para o mesmo e para os critérios da sua classificação, ainda hoje estes continuam em discussão.

Daí a importância da memória, que é pilar da identidade cultural, a diferenciação, própria de cada comunidade, representada na comunicação a partir de símbolos¹⁶ partilhados, aceites por todos, e consolidada pelo uso particular que a sociedade faz do tempo no espaço¹⁷. Esta ideia pode-se traduzir numa realidade, no sentido em que gera um impacto real na pessoa ao provocar sentimentos de pertença, empatia em relação ao espaço, perda perante o seu desaparecimento.

Como resultante, é a existência de uma memória colectiva que dá sentido ao objecto arquitectónico e, sem esta, o risco é de descontextualização devido a acções urbanas que podem descontextualizar os lugares.

Os Cine-teatros são grandes equipamentos que foram sujeitos a uma criteriosa regulamentação e legislação. São um conjunto num movimento de edificação nas cidades de província, constituindo um grupo extenso de referências. Com características em comum no aspecto técnico, materialidade, relações espaciais interiores e urbanas, funções, características formais, semelhanças na relação entre o espaço de implantação e a envolvente, história e historicidade, acompanhada pela simbologia do regime que lhes atribuiu uma marca publicitária, as especificidades das populações, de média dimensão, podendo-se afirmar que constituem uma imagem de conjunto. São estas circunstâncias que lhes dão dimensão na actualidade e ampliarão a oportunidade de consolidação e reencontro com a memória do aparecimento do cinema e das grandes e modernas salas de espectáculo do século XX.

Assim, do ponto de vista da operacionalização do processo de concepção, a primeira premissa é a reabilitação adequada para evitar a destruição e esquecimento das obras representantes de um período de história da construção portuguesa.

A sua boa arquitectura será medida no préstimo da obra à cidade e o modo como os usos e particularidades urbanas escolhidas permitem a sua habitação. Por conseguinte, para a integração funcional e sociocultural será determinante uma análise validada pela reflexão sobre o contexto da cidade, o que é

¹⁶ Objecto dinâmico associado a uma norma.

¹⁷ Fernando Torrijos - *Sobre el uso estético del espacio, El Espacio como produto de consumo estético* (tradução), 1988, pp. 22

relevante no lugar e no espaço a diferentes escalas, a materialidade e a imaterialidade do edifício.

2. O Fundão como contexto urbano, programa e orçamento

O Fundão é uma cidade portuguesa pertencente ao concelho do Fundão, no distrito de Castelo Branco. Localiza-se num dos ramos da Serra da Gardunha a uma altitude entre os 400 e 500 metros.

O concelho do Fundão em conjunto com o concelho da Covilhã e Belmonte formam a região da Cova da Beira. Esta é servida por uma densa rede hidrográfica, solos graníticos e xisto. Caracterizada por uma área florestal de castanheiros, eucaliptos e pinheiros, apresenta uma paisagem de montanha, enquadrada pela Serra da Gardunha e pela Serra da Estrela, repleta de miradouros naturais.



Fig. 2.1 – Mapa do distrito de Castelo Branco.

O Fundão é um concelho composto por 31 freguesias ao longo de 700 Km² e um total de 31 000 habitantes dos quais 10 000 residem na cidade.

Remonta ao período de existência de um Castro lusitano na Idade do Ferro, durante o 1º milénio a.C.. Posteriormente destruído, foi substituído por uma *villa* romana que formava uma propriedade agrícola. Esta perdurou até à Idade Média, altura do primeiro registo da vila como Fundão, na primeira década do século XIV e com um aglomerado de 32 casas.

instabilidade política provocada pela Guerra Civil²⁰ entre liberais pró-D. Pedro II e conservadores pró-D. Miguel.

Em 1988 o Fundão é considerado cidade. Fazem parte dos registos locais pré-existências romanas de casais, a *villa* e inscrições, e da Idade Média templos, a Igreja Matriz e outras instituições religiosas.

Actualmente, o concelho é composto por uma grande área de quintas e pequenos aglomerados urbanos de aldeias e vilas, sendo a cidade do Fundão o centro urbano de maior expressão. Analisando a região, pode-se dizer que é uma área maioritariamente rural, de pouca densidade construtiva e populacional. Apresenta um envelhecimento gradual dos seus habitantes, sendo uma das zonas do território fortemente marcada pela emigração devido à procura de melhoria das condições de vida dos grandes centros urbanos.



Fig. 2.4 – Imagem do centro urbano do Fundão.

Esta heterogeneidade de ocupação no espaço e a diminuição da população activa jovem explicam os índices de desenvolvimento das actividades económicas e da própria vocação para o sector primário ligado à natureza: a agricultura, a silvicultura, a pecuária, a apicultura, a caça e as indústrias extractivas. Já o sector secundário é caracterizado pela transformação dos recursos que as actividades acima referidas

²⁰ Período de instabilidade política em Portugal que culminou entre 1832 e 1834 com a chegada de D. Pedro IV, liberalista, que pretendia acabar com o governo absolutista de D. Miguel. Embora estes sejam os anos da Guerra Civil, só em 1947 o liberalismo prevalece com uma definição mais madura das suas bases políticas e sociais.

exploram, bem como as empresas de construção civil. Porém, a exploração ainda não chega aos níveis de crescimento suficientes para competir em mercados maiores que assegurem a sua subsistência e rentabilidade.

Mas se as projecções, tendo em conta as tendências actuais para a crescente desertificação no interior não favorecem a sobrevivência deste tipo de contextos urbano-rurais²¹, por outro lado estas realidades também parecem a causa do aparecimento de novas questões. Novos tipos de negócio, procura por parte de empresas atentas às novas e melhores condições, tais como o fácil acesso a recursos humanos e materiais incentivadas pelo grande número de programas e apoios de investimento da iniciativa nacionais e europeus²².

É de realçar o facto de até os pequenos agentes económicos locais se aperceberem das cadências de mercado. Por sua conta e risco dão início a actividades empresariais próprias ligadas ao retalho de produtos de produção, desde a venda ambulante até à venda em grandes armazéns que já promovem a diferenciação do produto local.

Esta inclinação faz com que os agentes económicos do sector terciário assumam a região como ideal à prática de actividades comerciais e turísticas. Estes tiram partido da relação entre o espaço e a natureza, aposta nos transportes por parte dos municípios, proximidade aos centros urbanos expressivos da Covilhã a 15 Km e Castelo Branco a 36 Km e da ligação da A23 da Guarda a Torres Novas e à A1. São estas condições que fomentam a fixação de empresas como o H2otel, em Unhais da Serra²³, o Data Center da PT Empresas na Covilhã em 2013 e o Centro NearShore da Altran Portugal no Fundão de 2014.

Os recursos energéticos resultantes da boa exposição solar e o vento vindo de norte também contribuem para a diversificação das actividades dos sectores fomentando o uso de energias alternativas. Uma adaptação é da empresa Penteadora, S.A, indústria de lanifícios, com a construção de uma barragem alimentada por uma nascente da Serra da Estrela que através do



Fig. 2.5 – Imagem da cidade de Castelo Branco.



Fig. 2.6 – Imagem da encosta da Serra onde se localiza a Covilhã.



Fig. 2.7 – Barragem do Padre Alfredo em Unhais da Serra que fornece recursos à Empresa Penteadora desde 1940.



Fig. 2.8 – H2otel em Unhais da Serra.

²¹ Informação recolhida de *Dinâmicas Regionais na Região Centro - Análise dos resultados preliminares dos Censos 2011 para a região centro*.

²² Informação recolhida do documento *Apoio e Investimento* do programa da Câmara Municipal do Fundão e da informação sobre *Incentivos Fiscais e outros* em http://www.cm-fundao.pt/movetofundao/incentivos_fiscais_outros.

²³ "Situado em Unhais da Serra em comunhão com o Parque Natural da Serra da Estrela, o H2otel é um hotel de montanha construído de raiz, arquitectonicamente integrado na paisagem, permitindo assim uma íntima ligação à natureza. "... a imagem de um grande hotel de montanha com alusões à linguagem tradicional num conceito contemporâneo..." (Arq. Jorge Palma, 2004)." Citação da memória descritiva do projecto disponível em <http://www.h2otel.com.pt/?cix=592&lang=1>.

uso de aerogeradores e hidráulicos produz energia necessária ao seu funcionamento. Mais recente, a pré-instalação para painéis fotovoltaicos na habitação e posterior colocação da tecnologia por parte dos residentes para aproveitamento solar visível na grande maioria das coberturas das habitações unifamiliares.

Hoje parece surgir em confronto ao cepticismo uma aparente atitude para patrocinar o que a região tem para dar. E as novas apropriações do espaço parecem cingir-se a um leque de oportunidades provenientes da complementaridade entre as várias actividades de cada sector.

Sendo esta a realidade da região e da cidade do Fundão, as circunstâncias actuais do Cine-teatro Gardunha surgem como consequência das condições políticas, socioeconómicas e demográficas locais.

Por conseguinte, será essencial compreender os dados que caracterizam a região centro²⁴.

Segundo o levantamento dos Censos de 2011, a região no âmbito do território nacional regista uma densidade populacional de 83 habitantes por km² face aos 115 habitantes por km² de Portugal.

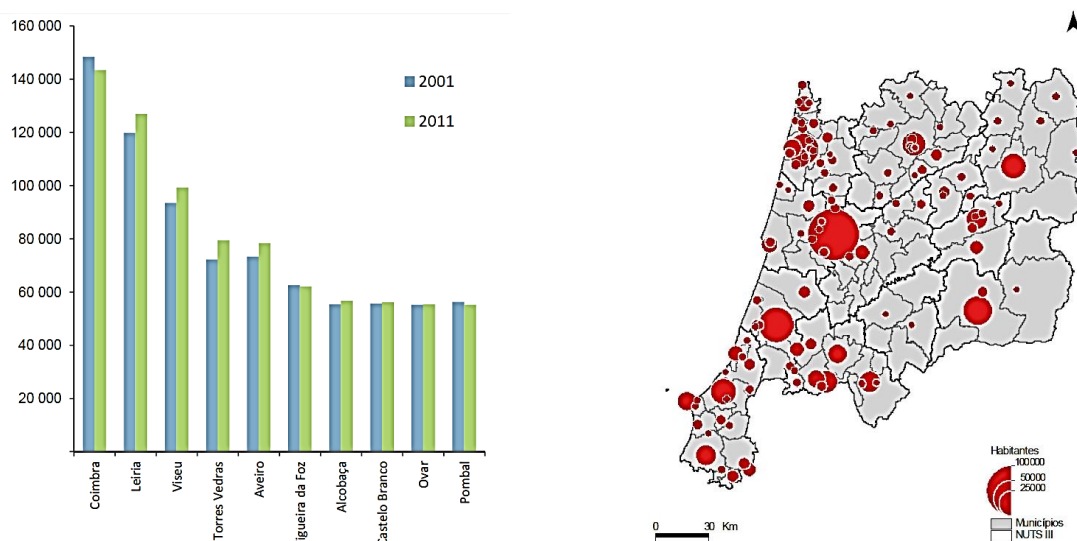


Fig. 2.9 e 2.10 – Gráfico de 2011 da população residente nos 10 municípios com mais população da região centro. Mapa de distribuição da população residente em lugares com 2 000 ou mais habitantes.

Dada a desigualdade de ocupação entre os centros urbanos litorais e o interior, pode-se afirmar a ainda actual tendência para que o fluxo de pessoas continue a ser num sentido

²⁴ "(...) a Região Centro situa-se bem no coração do País, compreendendo uma extensa área, albergando integralmente os distritos de Coimbra, Castelo Branco e Leiria, grande parte dos distritos de Aveiro, Viseu e Guarda, e parte do distrito de Santarém.", recolhida em <http://www.guiadacidade.pt/pt/regioes-regiao-centro>.

de desertificação do interior e envelhecimento da população que se mantém.

Em Março de 2011 registou-se que a região centro, representante de 22% da população continental, contabilizava 2 327 026 habitantes residentes com uma perda de cerca de 1% em dez anos, continuando na tendência decrescente verificada desde a década de 90. Outra situação é o desequilíbrio entre nascimentos e óbitos, se bem que o seu impacto é atenuado pela migração positiva consequente das apostas nas actividades locais.

Relativamente ao distrito de Castelo Branco e Municípios próximos ao caso de estudo, um dado curioso é o crescimento de 7,8% do número médio de famílias na Região Centro inferior ao aumento de 15,6% de alojamentos, alojamentos secundários, de utilização sazonal e vagos. Todavia, mesmo sendo estas as disposições, continua a existir uma forte disparidade na própria região, continuando o excedente de habitação a situar-se na zona interior face à oferta do litoral.

	População Residente	Famílias	Alojamentos	Edifícios	População desempregada
Distrito de Castelo Branco	208 063	80 417	135 148	106 476	
	196 262	81 628	148 708	114 467	
Município de Castelo Branco	55 708	21 555	35 027	23 438	
	56 109	23 277	38 382	24 668	
Município do Fundão	31 482	12 120	20 849	17 292	1 178
	29 213	12 012	22 058	18 168	
Município da Covilhã	54 505	20 353	30 627	20 001	3 301
	51 797	21 258	35 302	22 082	
Município de Belmonte	7 592	2 815	4 564	3 956	472
	6 859	2 752	4 937	4 210	

Fig. 2.11 – Quadro referente aos valores dos Censos 2001 e 2011 na Região centro.

Na análise dos dados da região centro verifica-se que Castelo Branco, apesar de ser capital de distrito, concentra os mesmos cerca de 50 000 habitantes de população residente que a Covilhã, fazendo destas as concentrações mais expressivas. Relativamente ao número de famílias, alojamentos e edifícios, a situação é semelhante, apresentando Castelo Branco e a Covilhã valores próximos. O Município do Fundão, além de representar apenas 30 000 habitantes, apresenta um número de familiar de

12000 famílias que se manteve idêntico nos últimos dez anos. Tanto os alojamentos como o número de edifícios aumentou 5% e 3% respectivamente. Outro valor interessante que vai de encontro ao presente envelhecimento gradual da população residente centro é dos reformados que representam 26% do total de habitantes.

Da análise conclusiva, é de salientar que a Cova da Beira, constituída por 25 Municípios, apresentou uma perda de 30 000 habitantes desde 2001 a 2011. Esta reforça a principal entrave ao desenvolvimento da região, a gradual substituição da restante população jovem pela população envelhecida que resulta na actual ruralidade do território. Esta preocupação só encontra resposta mantendo-se como assunto corrente nos programas de acção do Estado mas, essencialmente, a partir de uma estratégia local, pensada, que gere acções.

É com a intenção de salvaguardar as qualidades da região que o Município do Fundão definiu “uma estratégia de desenvolvimento da região que consiste na atracção de mais investimento, na criação de condições para a implementação de empresas, no reforço da coesão social, na melhoria da mobilidade, na aposta da reabilitação urbana e no desenvolvimento do turismo”²⁵.

Sendo a região caracterizada pelo sector agropastorício, e sendo esta a inclinação natural, também é uma das motivações o fácil acesso a baixo custo ao regadio da Cova da Beira do qual beneficiam cerca de 10 000 agricultores.

No que se refere à promoção de atracção para a localização de entidades empresarias, o incentivo é feito a partir da existência de três Parques Industriais: o de Silvares, o da Gardunha Sul e os 1 002 135 m² do Fundão. Estes são divididos em áreas de lote devidamente infraestruturadas de 1 000 e 10 000 m² a baixo preço de venda. Neste último, além da sua proximidade ao centro urbano e estar definido pela nacional N18, é já elemento fundamental para o desenvolvimento económico local devido às entidades que aí se instalaram. Uma destas é o Mercado Abastecedor, uma incubadora de empresas e centro de empreendedorismo, com 8 hectares. Esta integra um complexo de espaços para os vários tipos de negócio de produção e distribuição

²⁵ Citação recolhida em <http://www.cm-fundao.pt/municipio/Hist%C3%B3ria>.

da qual faz parte a empresa responsável pelo processo de produção e manutenção da cereja.

Dada a localização e as relações intermunicipais da região, muitos dos projectos desenvolvem-se em parceria contando com o Instituto Politécnico de Castelo Branco²⁶, a Universidade de Beira Interior²⁷ e a integração do Fundão no pólo de empresas Parkurbis, ambos na Covilhã. Quanto ao contexto exclusivamente fundanense, este é fortemente incentivado pelas três escolas básicas e pela escola João Franco do 2º Ciclo anexada à escola Secundária. Também neste âmbito faz parte a Escola Profissional do Fundão em conjunto com o Centro de Formação e Tecnologia, responsável por formar e empregar mão-de-obra especializada absorvida por muitas indústrias situadas na zona industrial da cidade.

A outra actividade fundamental que o Município do Fundão tem desenvolvido é o turismo que compreende a oferta hoteleira, as aldeias históricas, as aldeias do Xisto, o turismo de serra e a programação própria de cada localidade de acordo com a cultura e tradição que se partilha entre as várias freguesias.

Para finalizar, a última iniciativa municipal no complexo A Moagem, o Living Lab Cova da Beira, que também beneficia das parcerias referidas, funcionando como incubadora, centro de formação avançada, casa-oficina, escola rural, clube de produtores e responsável pelo programa cultural do Fundão.

Quanto às estratégias de aplicação local que partem da gestão nacional, o concelho do Fundão, o concelho de Belmonte e Covilhã fazem parte do fundo comunitário da Iniciativa Comunitária LEADER²⁸ na Cova da Beira, NUT III²⁹, desde 1992. A iniciativa é assegurada pela Associação de Desenvolvimento Rural³⁰ que a partir de incentivos a projectos de carácter rural tem o intuito de promover a qualidade vida da localidade. Um dos principais estímulos que a RUDE³¹ compreende é a necessidade



Fig. 2.12 - Escola Secundária do Fundão e Escola Profissional do Fundão.



Fig. 2.13 – Imagem do Picadeiro Real no centro histórico de Alpedrinha no Fundão. O edifício data do século XVIII, tendo sido alvo de obras de reabilitação para ser convertido em Museu em 2003.



Fig. 2.14 – Edifício da Moagem inaugurado em 2006.

²⁶ O Instituto Politécnico de Castelo Branco, sendo a Universidade da cidade de distrito, integra as áreas de ensino em engenharia, educação, artes, saúde e gestão.

²⁷ A Universidade da Beira Interior, UBI, apresenta uma grande abrangência a nível das disciplinas e graduações, apresentando mestrados e doutoramentos nas áreas de ciência, engenharia, ciências sociais e humanas, ciências da saúde, artes e letras.

²⁸ Programa específico da União Europeia, é uma estratégia comunitária que visa o desenvolvimento sustentável das comunidades que operou entre 2000 e 2006 em Portugal,

²⁹ A NUT III da Cova da Beira representa 80 471 residentes numa área de 936 Km² composta pelo concelho de Belmonte e parte dos concelhos da Covilhã e do Fundão.

³⁰ Associação de desenvolvimento rural que faz a gestão da GAL da Cova da Beira.

³¹ Associação de Desenvolvimento Rural.

de fixar a classe etária mais jovem e a publicidade e requalificação dos interesses culturais e do património.

As áreas dos vários concelhos pertencentes à NUT III caracterizam-se pelos aspectos comuns relativos à abundância de recursos naturais, partilhando das mesmas parcerias, dos mesmos quadros de análise e objectivos “nas vertentes dos Produtos Locais, Património Histórico, Turismo e Ambiente, Posicionamento Transfronteiriço, Inovação e Competitividade e Coesão Social e Territorial”³².

Outra informação sobre o quadro de gestão da região centro são os projectos de gestão e incentivo PRODER³³. O Programa de Desenvolvimento Rural cofinanciado pelo Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural³⁴ é o primeiro passo na direcção da criação do Quadro de Referência Estratégico Nacional³⁵. Um dos aspectos do programa de gestão é a “Abordagem LEADER”, um modelo de gestão que é sustentado pela relação entre as entidades locais consideradas e pelas parcerias já existentes, as GAL’s, segundo acções integradas e de cooperação para lançar a competitividade regional. Esta competitividade que atribui um carácter de sustentabilidade fundamental à zona “assenta na capacidade do seu sistema produtivo em manter e renovar as suas especificidades, sobretudo através dos seus factores intangíveis e dos chamados laços invisíveis (...) que contribuam para a renovação da realidade social e económica”³⁶.

A Estratégia Local de Desenvolvimento determinada pela GAL Cova da Beira é, então, orientada pela medida de “Diversificação da economia e criação de emprego”, a partir propostas que garantam a “Diversificação de Actividades na Exploração Agrícola”, a “Criação e Desenvolvimento de Microempresas”, o “Desenvolvimento de Actividades Turísticas e de Lazer”, a “Conservação e Valorização do Património Rural” e os “Serviços Básicos para a População Rural”³⁷.

Outras medidas do PRODER são a fixação de jovens agricultores e a inovação empresarial, recorrendo a

³² Citação de <http://www.rude-adr.pt/?cix=219>.

³³ O PRODER é uma ferramenta estratégica e financiada, acordada para actuar entre 2007 e 2013, creditado pela Comissão Europeia que visa à promoção rural do país.

³⁴ Denominação FEADER.

³⁵ O QREN reúne os sistemas de incentivos para a política nacional, orientada pela política europeia, entre 2007 e 2013, financiado por recursos comunitários na ordem dos 20 milhões de euros.

³⁶ Citação retirada de <http://www.rude-adr.pt/?cix=219>.

³⁷ Citação retirada de <http://www.proder.pt/conteudo.aspx?menuid=385>.

aconselhamento especializado na actividade e apoios financeiros de acordo com o tipo de negócio.

Quanto ao Cine-teatro Gardunha, este surge no âmbito da gestão nacional através do conjunto de investimentos definidos pelo QREN cujos objectivos são alcançados pelos Programas Operacionais.

Os propósitos do Quadro de Referência Estratégico Nacional assentam no desenvolvimento económico e na coesão territorial e social financiado pelos Fundos Estruturais e o Fundo de Coesão, enquadrados pelos princípios “da concentração, da selectividade, da viabilidade económica e sustentabilidade financeira, da coesão e valorização territoriais e da gestão e monitorização estratégica, pelos vários programas operacionais.”³⁸

O programa FEDER³⁹ da Região Centro, cujo grande Plano de Acção actual se denomina por o Mais Centro⁴⁰, surgiu em complementaridade ao programa FEADER, ambos a concretizar no período de sete anos e que até 2012 e representavam os compromissos dos quatro eixos prioritários do QREN a cumprir. Apesar das elevadas taxas de execução alcançadas das operações, as debilidades que o país atravessa obrigaram a uma extensão do período para 2015 reforçada pela iniciativa JESSICA⁴¹.

A iniciativa Joint European Support for Sustainable Investment in City Areas surge como um reforço para a execução dos programas operacionais que deveriam estar concluídos até 2012, e é regulado pela Comissão Europeia e pelo Banco Europeu de Investimento, criando novas formas de financiamento através dos Fundos de Desenvolvimento Urbano. Além da necessidade de coordenar a iniciativa com os programas operacionais já existentes e as várias entidades responsáveis, o JESSICA

³⁸ Informação do Relatório Anual de Execução Mais Centro – Programa Regional do centro de 2012.

³⁹ Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional.

⁴⁰ O Mais Centro é o novo programa operacional da Região Centro, desde 2012, com a seguinte distribuição segundo os seguintes “eixos prioritários”: “Competitividade, Inovação e Conhecimento (718 milhões de euros FEDER); Valorização do Espaço Regional (210 milhões de euros FEDER); Coesão Local e Urbana (724 milhões de euros FEDER); Assistência Técnica (44,6 milhões de euros FEDER)”.
http://maiscentro.qren.pt/private/admin/ficheiros/uploads/Relat%C3%B3rio%20Anual%20Execu%C3%A7%C3%A3o%202012_final.pdf

⁴¹ O Joint European Support for Sustainable Investment in City Areas é uma iniciativa, a partir de fundos europeus, de aplicação em Portugal, cujos principais propósitos são a “reabilitação e regeneração urbana, incluindo regeneração de equipamento e infraestruturas urbana; eficiência energética e energias renováveis; revitalização da economia urbana, especialmente PME e empresas inovadoras; disseminação das tecnologias de informação e comunicação em áreas urbanas, incluindo redes de banda larga e sem fios”.

organiza-se segundo três etapas: a criação do Fundo de Participação JESSICA, a selecção e aprovação dos Fundos de Desenvolvimento Urbano geridos pelo Banco Europeu de Investimento e, por último, o investimento em projectos urbanos. Os novos compromissos após a reprogramação estratégica de 2012 resultaram numa redistribuição do capital para o sucesso dos programas operacionais do Plano de Acção, com maior incentivo para o eixo prioritário Norte, Centro e Alentejo.

PROGRAMAS	Compromisso Inicial	Compromisso após Reprogramação Estratégica
POVT	30 000 000	0
PO Norte	30 000 000	45 000 000
PO Centro	20 000 000	28 800 000
PO Lisboa	5 000 000	5 000 000
PO Alentejo	10 000 000	16 200 000
PO Algarve	5 000 000	5 000 000
DGTF	30 000 000	30 000 000

Fig. 2.15 – Quadro de distribuição de incentivos financeiros nas várias regiões de Portugal.

O Cine-teatro Gardunha sofreu a primeira tentativa de apropriação por parte do órgão municipal em 2004 com “a candidatura da recuperação do imóvel ao Programa Operacional da Cultura no último Quadro Comunitário de Apoio ou no Quadro Nacional de Referência Estratégica (QREN)”⁴². Apenas em 2014 a Câmara tomou posse administrativa do equipamento⁴³ com o decorrer do processo de expropriação desde 2008.

Neste cenário, foi ao abrigo do fundo de participação JESSICA e numa parceria com os municípios da Beira Interior que a CMF realizou a inscrição para reabilitação do Cine-Gardunha. Desta forma, a obra já consta no orçamento rectificativo para 2014⁴⁴ com uma verba de 1,5 milhões, estando metade do orçamento definido para a melhoria das condições técnicas da sala de espectáculos.

⁴² Informação retirada da edição online do Jornal *O Interior* em <http://www.ointerior.pt/noticia.asp?idEdicao=379&id=15664&idSeccao=4415&Action=noticia>.

⁴³ Notícia anunciada pela Rádio Cova da Beira a 19 de Fevereiro de 2014 acedida em <http://www.rcb-radiocovadabeira.pt/pag/21169>.

⁴⁴ Edição online do *Jornal de Oleiros* de 26 de Dezembro de 2013 em <http://www.jornaldeoleiros.com/2013/12/26/outros-concelhos/fundao/fundao-aprovou-o-orcamento.html>.

3. A importância entre o contexto urbano e as dinâmicas sociais da cidade para a reintegração do Cine-teatro Gardunha

Este é o contexto do concelho, da economia, das políticas que o gerem e a população que enquadra o destino do Cine-teatro Gardunha do Fundão.

Deste modo, será importante enunciar as componentes que caracterizam a arquitectura e o impacto que têm no contexto urbano e nas dinâmicas sociais que caracterizam a população, nomeadamente o vínculo à imagem.

Assim, no que toca ao lugar, a primeira reflexão é sobre a localização do edifício e a sua envolvente próxima. No Fundão, o Cine-teatro Gardunha ocupa uma posição de centralidade na cidade. Na Avenida da Liberdade, que divide o centro histórico da zona nova, o edifício está implantado numa das esquinas de um dos quarteirões regulares de uma área bem consolidada, de boas acessibilidades e proximidade aos principais serviços. Esta situação permite uma vista desimpedida do Cine-Teatro, valorizada por pontos de vista de primeiro plano e pontos de vista de horizonte na envolvente.

Esta situação faz com que a localização destes equipamentos, assim como a própria dimensão dos edifícios, levanten a questão da exposição visual dos lugares de implantação. Assim como as relações importantes entre a imagem da envolvente próxima, o edifício e as áreas de intercepção e inter-relação com as componentes urbanas.



Fig. 3.1 – Imagem actual do Cine-Gardunha na Avenida da Liberdade.



Fig. 3.2 – Avenida da Liberdade na década de 70.

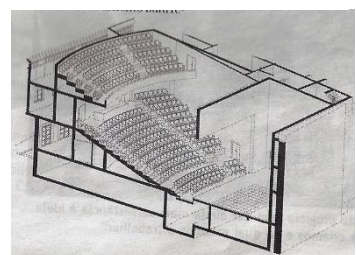


Fig. 3.3 – Axonometria simplificada da sala de espectáculos.



Fig. 3.4 e 3.5 – Fotografias superiores do Cine-teatro Gardunha actualmente.

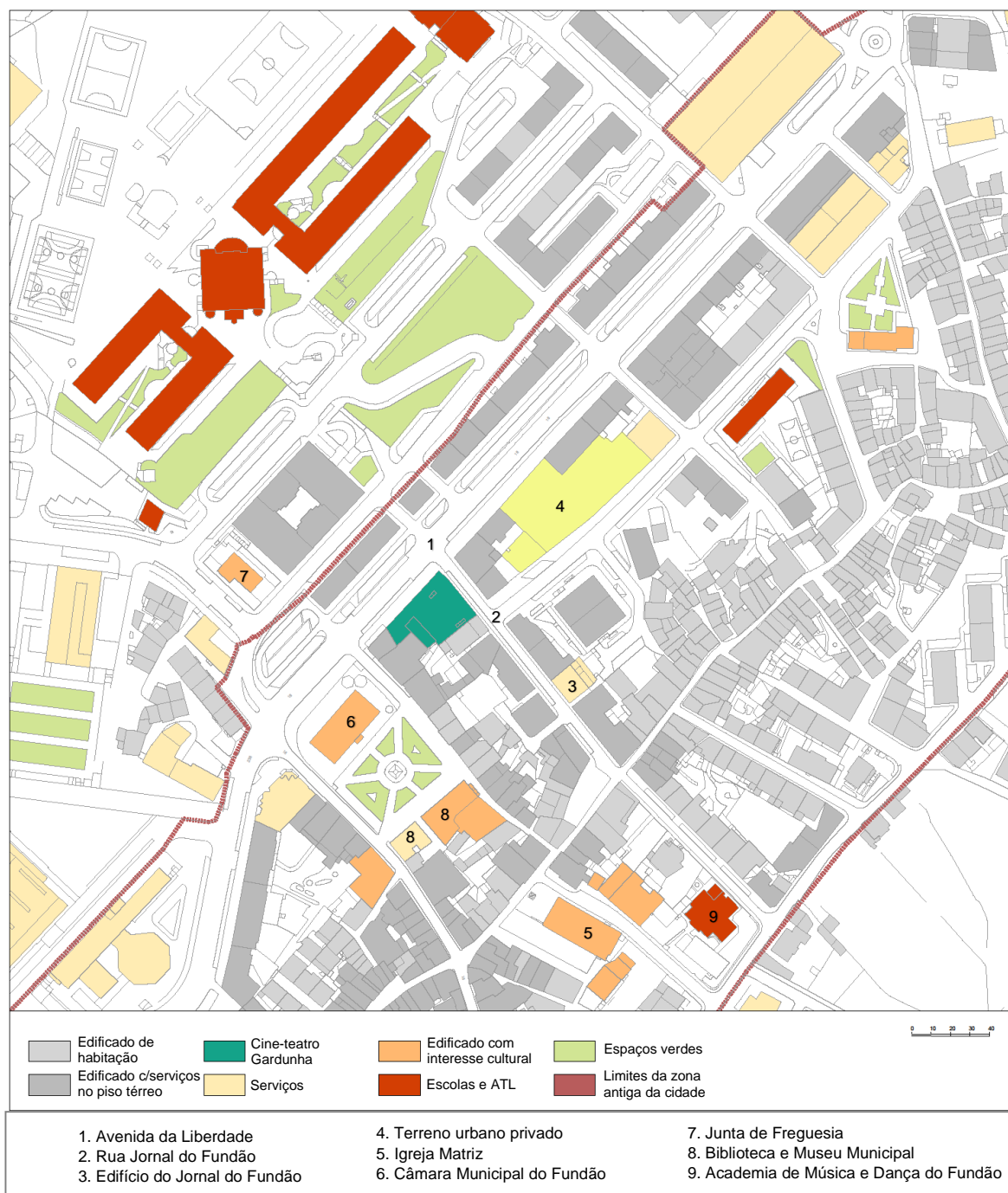


Fig. 3.6 – Planta actual da cidade do Fundão caracterizada com a localização das actividades, edifícios de interesse sociocultural e espaços verdes.

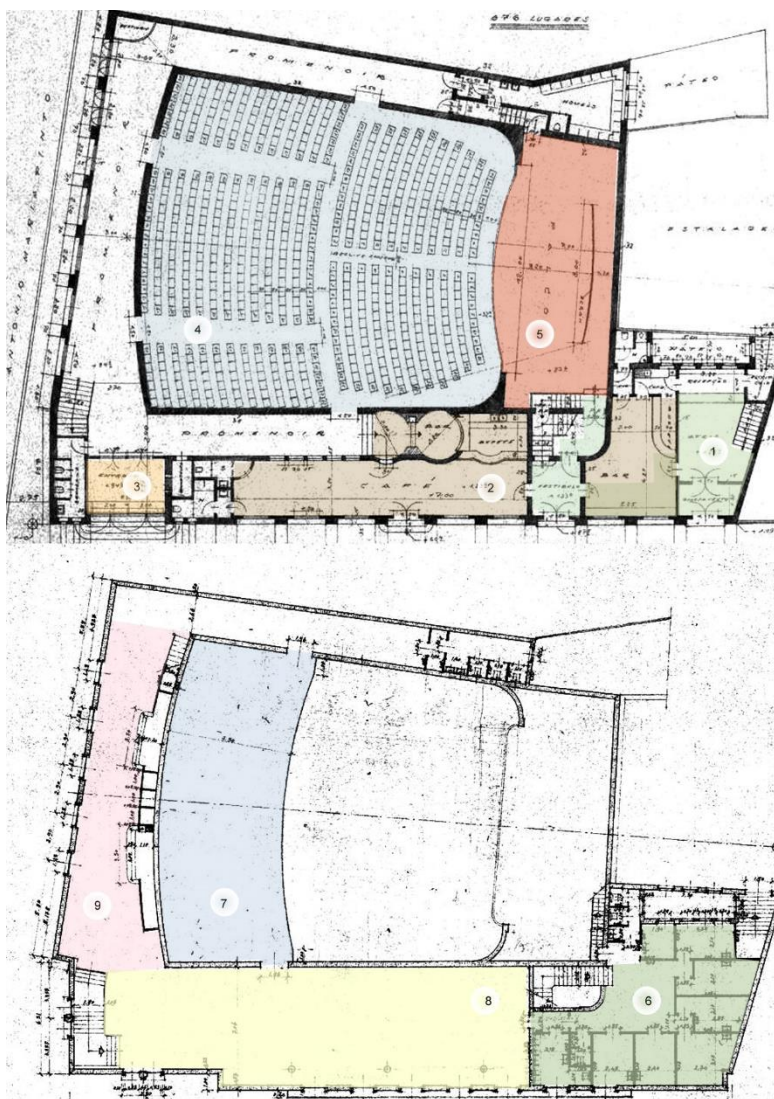


Fig. 3.7 e 3.8 – Imagem das plantas originais do nível 1 e nível 2 do Cine-teatro Gardunha do Fundão (abaixo as informações referentes à obra).

Neste contexto, torna-se relevante o tema da materialidade, a imagem dos alçados na configuração das ruas. Este é formado pela reflexão sobre os materiais constituintes e as relações de textura e estereotomia entre eles, a estrutura, a técnica construtiva e a própria degradação. Tal como a vocação da própria obra, neste caso, para servir um programa cultural de palco devido à grande sala de espectáculos, apontando as restrições inerentes à planta original.

Data de inauguração – 1958. Adquirido pela Câmara Municipal em 2001
Estilo – Arquitectura Português Suave / Estado Novo e interior *Art Deco*
Área de implantação – 1042 m²
Área bruta de const. dos níveis I, II, III e terraço – 968 m², 1048 m², 395 m², 440 m²
Área útil dos níveis I, II e III – 881 m², 619 m², 213 m²
Área útil da sala de espectáculos – 465 + 158 = 623 m² (p.d. 10,2 m e capacidade total de 740 lugares sentados)



Fig. 3.9 – Vista da entrada principal adjacente à escada.



Fig. 3.10 e 3.11 – Perspectiva da entrada na sala de espectáculos no lado oposto ao palco.



Fig. 3.12 – Vista da área dos cabides.



Fig. 3.13 – Sala dos espelhos.



Fig. 3.14 – Área de cabides e acesso à cabina de projecção no piso superior.

Programa de usos do nível I e respectivas áreas:		
1 Entrada dos artistas		42 m ²
2 Café (única área que mantém funções)	32 + 73 =	105 m ²
3 Entrada principal		14 m ²
4 Sala de espectáculos		362 m ²
5 Palco		94 m ²
Programa de usos do nível II e respectivas áreas:		
6 Camarins dos artistas		87 m ²
7 Balção da Sala de espectáculos		146 m ²
8 Sala dos espelhos		171 m ²
9 Espaço para cabides		97 m ²
Programa de usos do nível III e respectivas áreas úteis		
Zona técnica e cabina de projecção		98 m ²

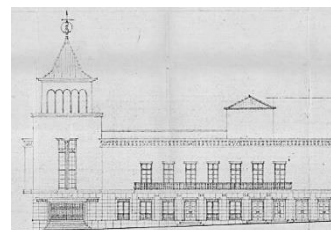


Fig. 3.15 – Imagem do alçado do Cine-teatro para a Avenida da Liberdade.

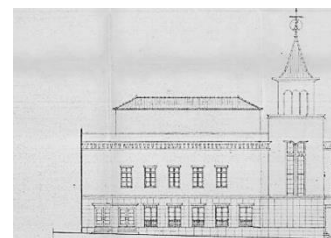


Fig. 3.16 – Alçado para a Rua Jornal do Fundão.

Por fim, a imagem memorativa que o edifício carrega, ou seja, a identidade do lugar que o Cine-Gardunha ocupa na cidade. Para ela contribuem a implantação no quarteirão rectangular com logradouro, ladeado por edifícios e passeio, ligado à traça e especificidade do estilo. Mesmo inactivo, o Cine-teatro também sofreu uma sedimentação de lembranças do que passou, mas continua a ser o vínculo à presença da obra o mais expressivo na memória das pessoas.

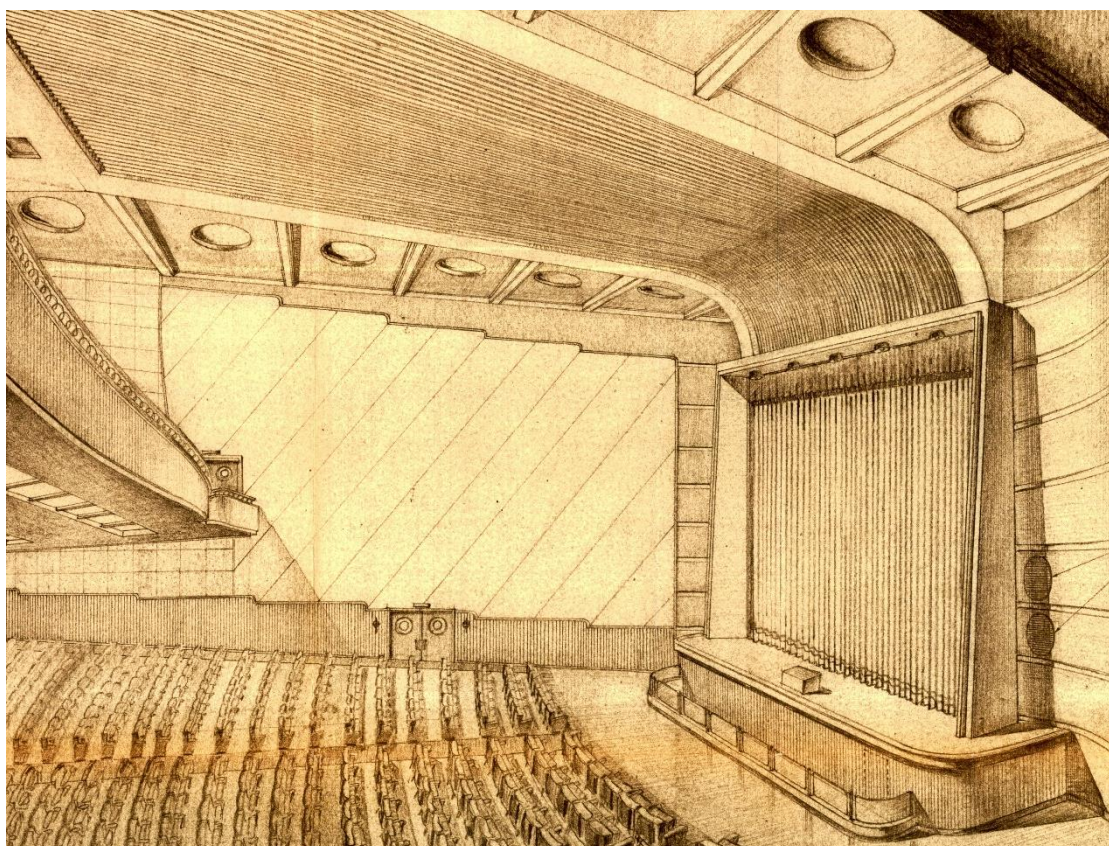


Fig. 3.17 – Perspectiva da sala de espectáculos do desenho original.

Esta questão ganha ainda mais importância quando ressaltada pela narrativa destas construções do Estado Novo. Foram consequência e testemunho de um período na definição da Nação pela finalidade da sua construção, pelo número de obras e como foram habitadas, antigo local de encontro e espaço de cultura e lazer.

Pode-se concluir que numa análise centrada na obra, esta transporta uma dimensão material e rememorativa que o Cine-Gardunha manteve ao longo das décadas. Pelas ligações que conserva, a sua alteração exige um entendimento do tipo de construção, a esfera de ambiência que invoca e a responsabilidade sociocultural que desempenha e poderia desempenhar na cidade.

Apesar das circunstâncias apresentadas, e do que é imutável e estabelecido *a priori*, a solução tem de ser uma arquitectura participante na consolidação dos tecidos urbanos e no quotidiano. Para tal, tem que se poder reinventar a si própria tal como uma pessoa, preservando a sua essência e características, de modo a poder acompanhar os tempos, a cidade e se actualizar.

“As cidades, tal como os continentes, são simplesmente enormes factos da natureza, aos quais temos de nos adaptar. Estudamos a sua origem e função porque esses aspectos são interessantes e também porque se tornam úteis para se fazerem previsões.”⁴⁵

Assim se expõe a oportunidade de reintegração e reestruturação do Cine-teatro, analisando e encarando as factuais tanto como restrições como potencialidades viabilizadas pelas próprias restrições.

Deste modo, numa vertente projectual o plano para a proposta passa pela atenção às relações de quebra e continuidade com as estruturas próximas dada a importância da sua localização. A intenção é de incorporar um programa multifuncional e de polivalência baseado nas características socioculturais e assim contribuir para o desenvolvimento a reintegração do edifício na sociedade.

De facto, apenas a correspondência das funções do edifício às necessidades da população alvo podem garantir a preservação do património. Nesta perspectiva, as opções passam por um redimensionamento da sala de espectáculos (assumindo

⁴⁵ Kevin Lynch – *A boa forma da cidade*, 1999.

que a extinção de um programa cultural de plateia apenas iria trabalhar em confronto à memória colectiva), e uma aposta nos usos relacionados com este carácter programático em que também eles possam ser explorados pelas pessoas e adaptados num fenómeno de flexibilização do espaço. Estes critérios ressalvam a necessidade de uma coesão social na qual a arquitectura deve participar mediante a complementaridade entre funções.

Quanto à imagem do edifício, esta encontra-se vinculada ao simbolismo de uma arquitectura do Estado Novo, com um forte peso na configuração da paisagem. O Cine-teatro apresenta-se de forma imponente como grande equipamento cultural da cidade, outrora também símbolo de modernidade e marco das localidades. Devido a esta significação, poder-se-á afirmar que existe um comprometimento com a imagem existente, dado que uma atitude radical seria traduzida numa descaracterização do lugar. Não negando que a nova afectação de usos e a extensão da Academia de Música e Dança terá obrigatoriamente um impacto na morfologia da Rua Jornal do Fundão, vai requerer-se assumir o contemporâneo e o passado como tais para que não entrem em conflito com a valência patrimonial.

São as escolhas tomadas que atestam a reabilitação devido ao estado actual de degradação dos Cine-teatros, com o propósito de definir e explorar as mais-valias que os caracterizam.

“As decisões relativas à política urbana, à distribuição dos recursos, ao local da nova residência ou como construir algo, *devem* servir-se de normas acerca do que é bom e mau. Os valores de curto ou longo alcance, de altruísmo ou egoísmo, de carácter implícito ou explícito, são ingredientes inevitáveis da decisão. Sem um sentido de melhoramento qualquer acção acaba por ser perversa.”⁴⁶

⁴⁶ Kevin Lynch – *A boa forma da cidade*, 1999.

4. Estado de Arte

Os equipamentos são edifícios caracterizados por darem resposta à mudança de hábitos e costumes do quotidiano das sociedades, sendo por vezes os espaços de interacção social.

Neste sentido, os Cine-teatros portugueses representam uma alteração dos hábitos e costumes da sociedade, formando um conjunto de referência da construção portuguesa durante a primeira metade do século XX. Após a publicação do diploma legislativo de 1927⁴⁷, os Cine-teatros tornaram-se oficialmente o grande equipamento cultural e público das cidades, uma representação urbana de monumentalidade e modernismo que vendia o programa de espectáculo, de cinema e teatro às populações.

Deste modo, está na génese do surgimento destes equipamentos a difusão do cinema. O programa era a novidade, pois o teatro já havia sido tema de reflexão com as preocupações sobre a projecção do som até à sua formalização nos teatros de raiz italiana com plateia, balcões e camarotes numa disposição circular virados para a caixa de palco. Já o cinema, primeiramente foi acolhido em espaços menos nobres, de estrutura simples, associados ao cinema ambulante, feiras e circos, consequência do cepticismo que primeiro acompanhou a actividade. Posteriormente, com a transformação desta num negócio rentável, conceberam-se os equipamentos culturais que iriam satisfazer as novas exigências fazendo com que o regime definisse guias para a construção de uma rede vasta e equilibrada pelo território nacional de grandes edifícios publicitários.

Pode-se afirmar que o incentivo do Estado trabalha a favor da massificação da construção na medida em que define os princípios programáticos que as localidades vão encomendar directamente para que se construa o equipamento. No entanto, sempre a cargo das populações locais, sendo por isso, em última análise, da iniciativa destas as arquitecturas edificadas.



Fig. 4.1 – Teatro grego Epidaurus construído no século II a. C.

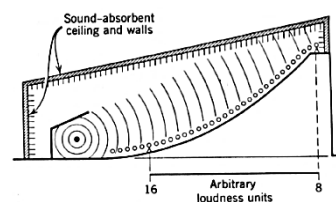


Fig. 4.2 – Ilustração do comportamento do som perante o revestimento de espuma acústica nas superfícies.

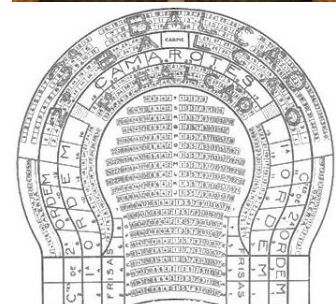


Fig. 4.3 – Imagem da sala de espectáculos e desenho da planta do Teatro da Trindade, em Lisboa, inaugurado em 1867. O edifício manteve sempre funções, sendo alvo de inúmeras operações de recuperação entre 1967 e 2009 para conservar o carácter de raiz italiana.

⁴⁷ O Decreto nº 13 564 de 6 de Maio de 1927 publicado no “Diário do Governo. I Série” foi o primeiro acto oficial para a regulamentação dos espaços e das actividades culturais ligadas ao teatro, dança e exibição cinematográfica.

A par das imposições, e das suas consequências, os Cine-teatros também vão ser alvo de inovações técnicas, como as primeiras experiências com o betão. A utilização permitiu maior liberdade construtiva ao mesmo tempo que o Estado tentava assumir uma imagem formal de um país moderno para combater a realidade vivida de um país rural. E, mais tarde, foi o material de aplicação de novos conceitos modernistas por parte de arquitectos que se encarregam dos projectos⁴⁸.

Assim sendo, torna-se necessário compreender a intenção destes específicos espaços, a sua contextualização histórica, política, económica e sociocultural da sociedade do século XX em Portugal e como estes ocupam um lugar na arquitectura e nas localidades médias portuguesas.

De facto, existe uma situação de causa-consequência entre a sociedade e os Cine-teatros, já que estes são fruto das alterações das dinâmicas sociais. Ou melhor, resposta às exigências dessas com a exploração da nova atracção ao cinema, à semelhança do que acontecia com os restantes modelos políticos europeus⁴⁹.

Apresentado como uma atracção sem grandes apostas de sucesso, o cinema é acolhido em locais existentes, teatros, music-halls e cafés-concerto. Eram espaços cujas características respondiam às primeiras necessidades da função e dariam os indícios das futuras salas. Os espaços eram rectangulares, com bancadas organizadas em filas paralelas ao plano da tela ao fundo e cabina de projecção.

A reacção das populações rapidamente tornou o cinema num fenómeno com fins lucrativos evidentes devido ao grande número de espectadores e bilhetes a preços baixos. O programa estendeu-se às salas de feiras e circos que, de certa maneira, se tornaram os locais de excelência e exclusividade da projecção. Com o tempo, edifícios abandonados, ou qualquer outro em que fosse possível aos proprietários a sua adaptação à função, multiplicaram os espaços de projecção⁵⁰.



Fig. 4.4 – Nickelodeon Imperial em Nova Orleães, construído em 1907.



Fig. 4.5 e 4.6 – Electric theatre em Londres, de 1911. Este tem uma configuração primitiva do espectáculo de cinema, com filas de cadeiras paralelas sem inclinação do piso.

⁴⁸ Ana Isabel Pinto de Oliveira Felino - *Os cinemas em Portugal. A interpretação de um arquitecto: Raul Rodrigues Lima*, Prova final de Licenciatura em Arquitectura, 2008, pp. 209

⁴⁹ Nos Estados Unidos, em 1906, existiam mil *nickelodeons* e na Europa surgiam os *electric theatres*. França exportava para as suas colónias os teatros que se tornam cinemas, de fachada solenes, mas alvos de sofisticação. Na Alemanha os espaços de projecção são antigos parlamentos ou bibliotecas, que denotavam uma certa austeridade, e em Itália exaltam-se as antigas ordens e estruturas ricamente trabalhadas.

⁵⁰ Ana Isabel Pinto de Oliveira Felino - *Os cinemas em Portugal. A interpretação de um arquitecto: Raul Rodrigues Lima*, Prova final de Licenciatura em Arquitectura, 2008, pp. 40-42.

Até à década de 1930 com a indústria do cinema em proliferação e a adesão em massa, estes espaços tornam-se insuficientes, apelando por algo maior e exclusivo.

Daí a origem dos Cine-teatros, que inicialmente começaram a partir do empréstimo de grandes edifícios e, posteriormente, permanência das funções nestes. O cinema ganha formalização própria segundo um determinado tratamento dos espaços que fascinava o público e atraía à entrada através da exuberância das fachadas, espaços teatralizados num percurso de corredores, longas escadarias, grandes foyers, salões de festa e uma orquestra.

Foi durante os anos 20 e 30 que o cinema desempenhou um papel educacional e de propaganda ao mesmo tempo que adquiria uma arquitectura própria. Conquistou as classes sociais altas que se identificavam com o espaço, ao mesmo tempo que oferecia ao povo uma fuga virtual devido à ambiência de excessividade.

A arquitectura dos Cine-teatros ganha relevo e autonomia na formalização das estruturas, escolha de espaços, decoração, incentivando a toda uma teatralidade e um culto ao luxo com templos, referências de outras arquitecturas, ao gosto dos proprietários.

A ida ao cinema tornou-se frequente sendo o edifício o local de encontro. De facto, tanto a arquitectura escolhida como o local da sua implantação, em zonas centrais, importantes e públicas, contribuem para a adesão.

O *Majestic*, do arquitecto John Eberson⁵¹, no Texas, Estados Unidos, e o *Cine Sandia* em Estocolmo, de Gunnar Asplund⁵², são dos primeiros em que se influencia a atmosfera com grandes salas capazes de receber todo uma ilusão de composições e cenas que aproximam a relação entre o palco e a plateia⁵³.

Contudo, enquanto decorriam “os loucos anos 20”⁵⁴, o gosto pela sumptuosidade e extravagância parecia estar acima de todas as outras questões e, apenas na viragem para a década de

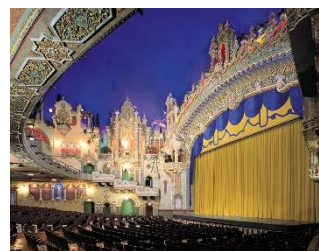


Fig. 4.7 – Teatro *Majestic*, em Houston, de 1923.

⁵¹ Arquitecto romeno responsável por alguns dos teatros atmosféricos como o teatro *Majestic* (1875-1954).

⁵² Arquitecto sueco autor (1885-1940).

⁵³ Ana Isabel Pinto de Oliveira Felino - *Os cinemas em Portugal. A interpretação de um arquitecto: Raul Rodrigues Lima*, Prova final de Licenciatura em Arquitectura, 2008, pp. 36.

⁵⁴ Os anos 20 no século XX foram um período de estilo de vida excessivo marcado pelos encontros sociais e gosto pelas artes como o ballet, a ópera, o jazz e a moda.

40 se assiste ao início de um estudo na procura pela funcionalidade dos espaços a favor de uma simplificação.

Assim, à semelhança do que se passa na Europa e nos Estados Unidos, a história do cinema em Portugal desenvolve-se com a difusão do cinema por salas de projecção devido à adesão em massa.

A sua importação ocorre na passagem no final do século XX com a primeira divulgação em 1896 no Real Coliseu de Lisboa⁵⁵, uma estrutura que se assemelhava a um barracão simples com a flexibilidade para o programa.

Após a chegada do cinema a território nacional, observou-se o mesmo efeito que noutros países com o sucesso perante o público e a expansão. Seguiu-se o Porto, com o Teatro-circo do Príncipe Real⁵⁶, demolido em 1967.

Identificada a adesão, rapidamente os espaços deixam de ser suficientes, assim como o modo de exposição do espectáculo concentrado nos intervalos das peças. Ao mesmo tempo, recorreu-se igualmente à ocupação de estruturas existentes para gerar um conceito de teatro-circo à semelhança dos music-halls e cafés-concentro.

Em Portugal, a definição de um espaço exclusivo ao cinema aparece mais tarde devido à importância da actividade, fazendo com que as companhias responsáveis formassem um espectáculo unicamente de projecção, agora em salões construídos.

Assim, são os Cine-teatros equipamentos que acompanharam uma mudança de costumes e quotidiano das sociedades pós-Revolução Industrial: a redução do período de horas de trabalho, a existência da folga semanal e férias pagas que deixam mais tempo para o lazer e procura de actividades culturais, fazendo dos espaços sociais as novas distrações.

Numa época em que ainda é a distinção social que define os espaços e lugares de primazia, é a variedade e acessibilidade de oferta que vai garantir o acesso a actividades por parte de todas



Fig. 4.8 – Alçado principal do Real Coliseu em Lisboa (1887 – 1929).

⁵⁵ Localizado na Rua da Palma em Lisboa, foi o primeiro espaço multifunções que recebeu a primeira projecção nacional do Animatógrafo.

⁵⁶ O Teatro-circo do Príncipe Real, no Porto, foi inaugurado em 1855, sendo um barracão de madeira mandado construir por D. José Toudon Ferrer Catalan para a sua companhia equestre.

Em 1867 foi demolido e substituído por um semelhante de pedra e cal e que, por sua vez foi substituído pelo actual Teatro Sá da Bandeira.

Foi considerado o melhor teatro da cidade, onde se apresentaram peças como “A Dama das Camélias” e filmes portugueses realizados pelo cineasta Aurélio da Paz dos Reis.

as classes também presente, mais tarde, em edifícios de programas nobres, como os Cine-teatros.

Assim, as novas preferências fazem dos cafés, clubes e sociedades recreativas espaços de reunião, e fazem surgir um grande número de espectáculos. Estes são exibidos em locais públicos, nas principais avenidas, no passeio público e nos jardins. Outros são acolhidos nos equipamentos urbanos construídos na segunda metade do século XIX, os chamados teatros de raiz italiana. Um desses exemplos é o Teatro D. Maria II⁵⁷, inaugurado em 1846, em Lisboa.

O cinema surge como uma novidade no início do século XX. Inicialmente, adapta-se a locais de concentração, como feiras, circos, esplanadas, especialmente, dada a pouca exigência da actividade. Por um lado, apenas tem lugar na programação secundária e, por outro, as condições para o funcionamento do animatógrafo passavam pelo simples distanciamento a uma tela de projecção.

Somente após a afirmação como actividade de excelência, e proveitosa, ganhando autonomia como programa principal, é que viria a reclamar espaços exclusivos. Ainda a salientar, é a transformação de sessões breves em filmes e o cinema sonoro que levou a novas exigências técnicas e à legislação de 1913⁵⁸, em que passava a ser exigida uma cabina de projecção e uma licença para a exibição de filmes sonoros. Esta alteração obrigava aos proprietários e empresas o investimento.

Numa primeira fase, são os teatros à italiana o equipamento urbano que vai dar lugar às primeiras grandes salas permanentes do cinema. Estes, maioritariamente localizados nas grandes cidades como Lisboa, são alvo das exigências de projecção, assim como de nova capacitação de lugares. Alguns exemplos são o Teatro do Éden e o Teatro S. Luís⁵⁹ ambos da década de 1930. Todavia, são os casos em que se associava obrigatoriamente o programa moderno de cinema ao programa de teatro, considerado a actividade cultural e de representação dos valores do Estado, que vão dar origem aos Cine-teatros.



Fig. 4.9 – Imagem do Teatro Nacional D. Maria II, no Rossio.

⁵⁷ O Teatro Nacional D. Maria II, projecto do architecto italiano Fortunato Lodi, foi mandado construir em 1842 por Almeida Garret. Encontra-se classificado desde 1928 como imóvel de interesse público e seu registo foi feito com o nome de Teatro Nacional de Almeida Garret.

⁵⁸ Decreto de 29 de Junho de 1913 que define as “Prescrições de Segurança para os estabelecimentos de cinematógrafos”.

⁵⁹ Informação retirada <http://restosdecolecao.blogspot.pt/search?q=eden>.

Ao mesmo tempo, outras iniciativas, como as novas revistas *Cine Revista* de 1917 e a revista *Cinéfilo* de 1928, denunciavam as situações de precaridade e reduzido número de sessões destas estruturas que acolhem o cinema nas cidades médias e vilas⁶⁰.

O cinema, pela facilidade de transmissão de mensagem e pelo seu carácter documental, é apoiado pelo Estado na medida em que serve como propaganda da sua acção de regeneração através da afirmação dos valores da Nação, ordem, tradição e nacionalismo. Eram os órgãos que regulavam a orientação oficial da imagem do país, tanto a formação como a informação, o Secretariado de Propaganda Nacional formado em 1933. Mais tarde, em 1944, denominou-se Secretariado Nacional da Informação após a concentração de poderes com a integração dos serviços de censura, a lei de Protecção do Cinema e a criação do Fundo do Cinema e do Teatro.

O SPI responsabilizava-se pela escolha de programação transmitindo longas-metragens, temas históricos e, em 1930, o primeiro jornal televisivo, o *Jornal Português*. Em 1935 aprova o Cinema Ambulante que garantia a actividade de projecção em todos os locais. Não existia a necessidade de recintos nem grande definição das infraestruturas, deixando a distribuição da organização da rede ao cuidado da iniciativa privada das populações⁶¹.

É durante a política das obras públicas⁶² que se assiste a um aumento do investimento estatal, parte do programa do Ministério das Obras Públicas e Comunicações. Regressa-se à construção de infraestruturas, equipamentos e intervenção nos monumentos nacionais, apoiado pela Lei da Reconstituição Económica⁶³, em 1935, que reservava parte do investimento a concretizar até 1950. O lançamento da indústria cimenteira, a aposta na indústria base, rede energética e uma rede-rodoviária expressiva são consequência desta política a partir de 1950.

Com a consolidação do uso do betão segundo modelos europeus, principalmente em Lisboa e no Porto, o Estado ganha

⁶⁰ Susana Constantino Peixoto da Silva – *Arquitectura de Cine-teatros: evolução e registo [1927-1959-]*, Equipamentos de cultura e lazer em Portugal no Estado Novo, 2010, pp. 28-30.

⁶¹ Susana Constantino Peixoto da Silva – *Arquitectura de Cine-teatros: evolução e registo [1927-1959-]*, Equipamentos de cultura e lazer em Portugal no Estado Novo, 2010, pp. 38.

⁶² Política de construção e manutenção de infraestruturas públicas no período entre 1946 e 1974 em Portugal.

⁶³ Lei nº 1914 aprovada a 24 de Maio de 1935 que visava o planeamento do Estado no investimento de infraestruturas de carácter público num período de 15 anos.

interesse pelo emprego de novos materiais e técnicas para a afirmação da imagem do regime.

Define-se durante a Política das Obras Públicas, entre 1930 e 1960, a construção de edifícios públicos. Estes iriam transportar um carácter simbólico de resposta à programação, exigências técnicas e introduzir novos elementos formais, como a iluminação, o vidro e o *lettering*. Formas modernas, associadas aos novos costumes que aparecem a partir de 1920.

Apenas no século XX o cinema aparece com uma tipologia e representação formal urbana próprias. Deste modo, temos durante a década de 1930 os primeiros equipamentos, fora dos principais centros urbanos, que ganham densidade até à década de 1950. São denominados de Cine-teatros, cujo período de definição e construção é oficialmente entre 1927 e 1959.

Na década de 1920, as alterações sociais e ganho de autonomia do cinema pedem uma solução arquitectónica própria. Os teatros de raiz italiana tonam-se insuficientes, pois davam primazia ao programa de teatro a nível da sua configuração. Com a lei dos Cinemas, em 1924, inicia-se o processo de definição do espaço de cinema sem se sobrepor à função do teatro, sem resultar em grandes alterações. As salas continuam a ter uma base trapezoidal com o ecrã na base menor, mas a base maior por vezes em curva e projecção axial.

Neste primeiro período assiste-se à localização de salas de cinema, maioritariamente, nas grandes cidades, e os Cine-teatros nas cidades médias e vilas como programa misto de teatro e cinema. Pode-se afirmar que existe a intenção de restaurar o equilíbrio na distribuição territorial, estando na base do crescimento de salas as imposições da legislação, a complexidade técnica, a difusão da informação, a lotação, as exigências dos espectadores e o carácter notável dos edifícios. Estas salas já garantiam a qualidade de conforto, segurança e visualização.

A partir de 1929 a Inspeção Geral dos Espectáculos, dependência do SNI e o órgão de fiscalização e regulamentação dos serviços, atribuía a designação de Cine-teatros após respectivas aprovações de licenças, vistorias e comprometimento com as regras de segurança e instalações necessárias.

Entre 1913 e 1959 é o Decreto nº 13 564 que determina os princípios fundamentais para instituir os Cine-teatros. Este definia a organização interna das várias dependências para a actividade e a localização em lote com acesso a mais de um

arruamento. Eram definidos o uso da totalidade do edifício e não era permitido o uso misto, as localizações e dimensionamento das saídas em proporção à lotação, o enquadramento urbano, a imagem exterior e os materiais escolhidos.

Exigia-se uma organização com uma clara distinção entre as partes públicas e técnicas. Um edifício partido em três partes: duas públicas constituídas pelo vestíbulo e anexos, a segunda correspondente à sala de espectáculos, e uma terceira, técnica, em que constavam os camarins e arrecadações. A organização interna deveria compreender uma sala organizada em filas de cadeiras, coxias e orquestra, e o palco constituído pelos apoios técnicos, caixa de placó, subpalco, foyer dos artistas e camarins.

Mas se se requeria uma linguagem comum e funcional, assiste-se também ao interesse por parte dos arquitectos de vanguarda no estudo da nova relação entre os elementos construtivos. Esta tentativa está representada nos inúmeros projectos de licenciamento. Os desenhos originais são compostos por grandes vãos, consolas e a organização espacial interior são traduzidas no alçado, todas iniciativas de confronto aos requisitos da imagem formal requerida pelo regime.

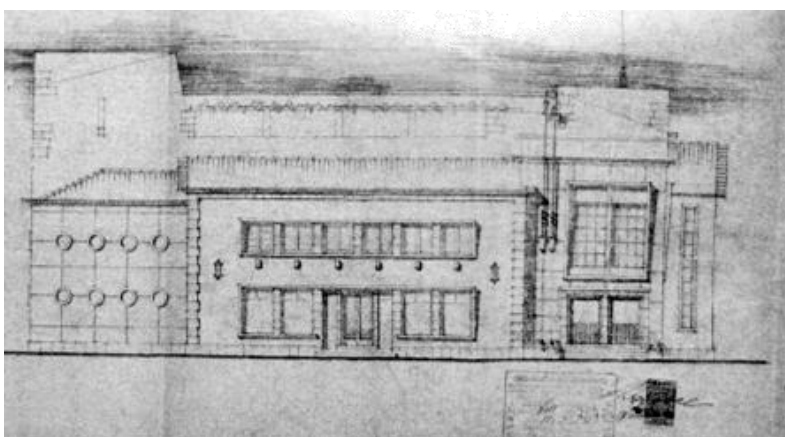
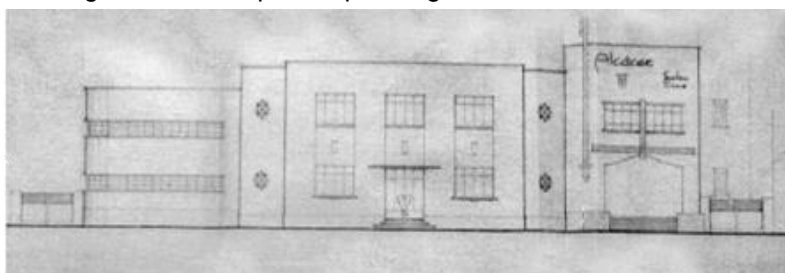


Fig. 4.10 e 4.11 – Alçado principal do Cine-teatro Alcácer do Sal no projecto de licenciamento em 1947 e no sétimo aditamento em 1951.

Apenas em 1959, com o Decreto nº 42 660, são reformulados os princípios da construção e é o Regime de Condicionamento de Abertura das Salas de Cinema e Cine-teatros

que vai evidenciar os problemas associados à construção dos Cine-teatros. Este definiu os novos princípios de modo a evitar a desproporção entre a lotação e os espaços numa relação mais próxima às necessidades da dimensão da população local. Esta medida evitava um investimento inútil, executando um extenso levantamento do número de recintos, número de espectáculos e exhibições. Era agora decretada a distinção oficial entre Cinema e Cine-teatros, classificado conforme o tipo de espectáculo.

Em adição, é também extinta a proibição de edifícios mistos com o Decreto nº 34 590, de 1945, em que deixava de ser permitida a adaptação de edifícios de outros usos para a projecção. Este gerou as multisalas e cinema-estúdios, aproveitando situações de cave e piso térreo e alterando a relação urbana ao prescindir da fachada. O cinema ganhava foco funcional em detrimento da sua publicidade.

A classificação oficial de Cine-teatro surge com a Lei do Teatro, em 1950, apesar de se aceitar que é a legislação de 1927 que marca o seu impulso inicial. A Lei do Teatro passou a obrigar à construção de um teatro para promover um cinema com apresentação de espectáculos desse cariz, pelo menos, 120 dias ao ano. As salas exclusivas ao cinema só eram permitidas quando detectada uma sala exclusiva ao teatro na localidade.

Este princípio está na base de um compromisso entre os dois programas com a necessidade de ligar o programa cultural ao programa educativo e está na origem do edifício Cine-teatro.

No que diz respeito à organização dos lugares, estes encontravam-se divididos entre plateia, primeira e segunda, e balcão e, por vezes, uma tribuna ao fundo da plateia elevada e independente do balcão.

Na nova análise da organização dos lugares, para o teatro, a melhor visualização eram os camarotes e junto ao palco. No cinema, os lugares próximos do balcão eram os que melhor funcionavam e os mais próximos ao palco os de pior visibilidade.

Com as novas alterações, os camarotes e galerias laterais acabaram por desaparecer, pois tornavam-se desnecessários para a visualização numa tela. Os lugares de menor prestígio eram os da geral, onde se sentavam as classes sociais inferiores, e era este sector o que mais variava de localização. Na situação dos Cine-teatros e Salas de Cinema, a geral era remetida para o fundo no último balcão caso existisse um segundo balcão, ou, então, ocupava as filas da frente, contando com foyer e acessos

independentes. A nova programação torna os fossos de orquestras sejam desnecessários e o distanciamento da plateia ao palco obrigatório devido ao programa de cinema.

A tardia reformulação dos critérios para instituir as salas de espectáculo fez com que grande parte das obras construídas partilhem actualmente das mesmas questões, sendo a situação mais evidente um resultado geral de uma desproporcionalidade das lotações das salas em relação à dimensão da população. Devido à vontade de criar um grande equipamento e à interpretação da legislação, estes foram construídos quase sempre com salas de 1000 lugares, tendo os teatros comerciais cerca de 600 lugares enquanto os teatros-circo e teatros públicos 1500 lugares.

Requerendo uma localização central com qualidade urbana, a implantação dos edifícios foi definida nos planos urbanísticos de 1934⁶⁴. Hoje é possível observar os vários casos de edifícios que configuram praças ou artérias principais das localidades ocupando a esquina ou o quarteirão total. São espaços que podem ser denominados por centros cívicos de carácter oficial quando partilham o espaço com outras estruturas socioeconómicas⁶⁵, como a Caixa Geral de Depósitos, os Correios, o Paço do Concelho e o Palácio da Justiça.



Fig. 4.12 – Cinema Monumental de 1951, em Lisboa. O edifício demolido em 1984, apresentava torre de marcação para a rua principal, mas entrada ao eixo, ocupando a totalidade do quarteirão.



Fig. 4.13 – Cine-teatro Avenida, em Castelo Branco, construído em 1954. Este é um exemplo de ocupação parcial do quarteirão com entrada ao canto.

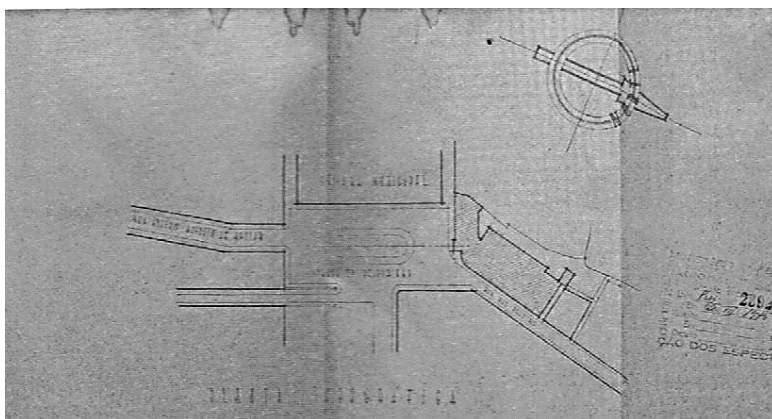


Fig. 4.14 – Planta de implantação do Teatro Cine da Covilhã para o projecto de licenciamento em 1954.

Conforme a sua ocupação, a configuração dos edifícios também sofria alterações. Na situação de esquina, a marcação da torre e entrada eram ao canto, sendo um terço dos Cine-teatros de raiz os edifícios que apresentam esta situação. Os edifícios cuja

⁶⁴ Em 1934, os planos urbanísticos ficavam a cargo das Câmaras Municipais e submetidos posteriormente à aprovação dos organismos responsáveis do MOPC.

⁶⁵ Susana Constantino Peixoto da Silva – *Arquitectura de Cine-teatros: evolução e registo [1927-1959-], Equipamentos de cultura e lazer em Portugal no Estado Novo*, 2010, pp. 46

implantação era o quarteirão total, o desenvolvimento era longitudinal, com entrada a eixo e composição simétrica.

Eram elementos de caracterização para uma imagem de conjunto panos de fachada cegos com grande tratamento das zonas de entrada. Envidraçados e varandas nas zonas de convívio, com grande nível de acabamentos, que requeriam a melhor localização nos edifícios. Numa fase mais tardia e de influência modernista, ganharam janelas de canto, palas, referências decorativas regionalistas presentes nos pináculos, beiradas, esferas armilares e cantarias. Mantiveram a simbologia do Estado Novo, montras e *lettering*, mas gradualmente os alçados começaram a ser um reflexo da organização interior.

O período de construção dos Cine-teatros registado entre 1927 e 1959 ocupa um período na história portuguesa incentivado por grandes proprietários, associações de grupos de burgueses e empresas, comerciantes associados a grandes capitalistas. A partir da encomenda directa ao Estado, que também se responsabilizava pelos processos de licenciamento e vistorias, requereram os grandes equipamentos culturais que hoje são importantes referências na identidade e memória das cidades e vilas.

Apesar das intenções e da promessa da actividade, este foi um processo moroso que, numa primeira fase, continuou vinculado à adaptação ou construção de espaços salões que recebiam pouca atenção no desenho do alçado. Só mais tarde, depois de um êxito claro, estes espaços começaram a ser pensados em termos funcionais e arquitectónicos.

A crescente ida ao cinema transforma e gera salas ao longo do país, e entre as décadas de 30 e 60, durante o regime do Estado Novo, os Cine-teatros tornam-se edifícios de cinema e teatro autónomos de elevada importância cultural para as localidades. Nos anos 40 era o estilo *Português Suave* que imperava, e o Estado continuou a não aceitar o modernismo e funcionalidade que determinados arquitectos já procuravam. Raul Rodrigues Lima⁶⁶, arquitecto responsável por um grande número destes edifícios da época, como o Teatro Cine da Covilhã de 1954, foi um dos protagonistas.

⁶⁶ O arquitecto português Raul Rodrigues Lima (1909-1980) foi responsável por nove Cine-teatros e por inúmeros edifícios de carácter oficial do regime nas décadas de 1940 e 1950.

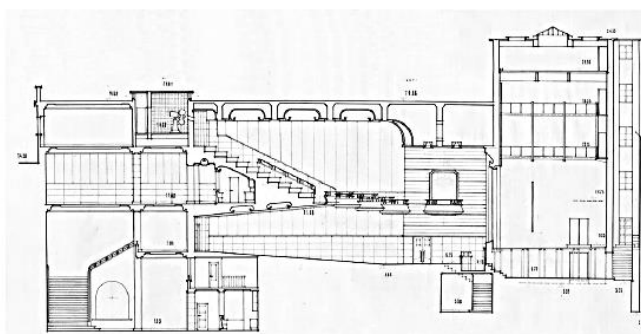
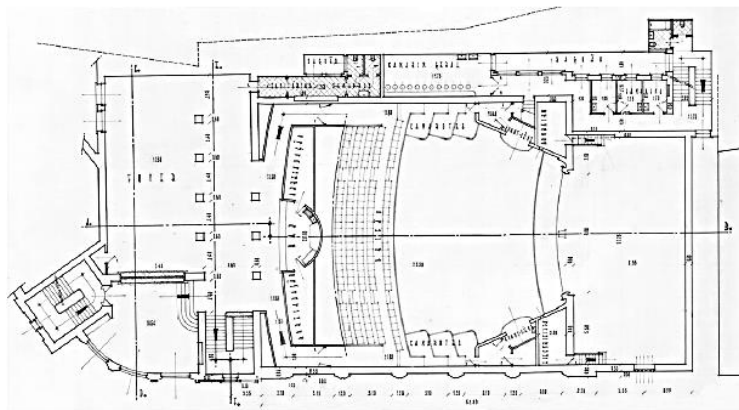


Fig. 4.15 e 4.16 – Planta do piso térreo do Teatro Cine da Covilhã e corte longitudinal da sala de espectáculos.

Algumas das metas atingidas devem-se à capacidade estrutural do betão, com o sistema de pórtico e enchimento de paredes com alvenaria, balcão a toda a largura da sala, configuração rectangular ou em leque e circulação lateral. As caixilharias eram metálicas, utilizando tijolo de vidro e vidro decorativo e iluminação néon em vãos cada vez maiores, instituindo no edifício formas lisas na fachada para o seu carácter publicitário. Outra meta foi a associação da fachada ao interior, admitindo três volumes independentes, os foyers, a sala de espectáculos e a caixa de palco, distinto em cada pano de fachada com tratamento diferente. A atenção também recaía nos materiais de revestimento para um bom tratamento acústico, na ventilação, no mobiliário integrado nos espaços e pormenores *Art Deco*⁶⁷.

A dinâmica do teatro e cinema num só edifício adensou a variedade de respostas que o espaço deveria oferecer, criando igualmente uma incerteza na composição da imagem dos edifícios. Os alçados deveriam indiciar o espaço interior, o estilo



Fig. 4.17 – Teatro Cine da Covilhã ao centro e a Câmara Municipal à esquerda.



Fig. 4.18 – Imagem do conjunto de edifícios que configuram a praça com o Cine-teatro. A Câmara Municipal à direita, os Correios e a Caixa Geral de Depósitos.



Fig. 4.19 – Escadaria da entrada principal do Teatro Cine da Covilhã.



Fig. 4.20 – Imagem actual do balcão da sala de espectáculos.

⁶⁷ A *Art Deco* em Portugal (1912 – 1960), pelo seu espírito decorativo, foi a linguagem adoptada pelos arquitectos para se contraporem ao carácter conservador do Estado ao mesmo tempo que o próprio regime aceitava o estilo como um meio de propaganda. O estilo *Art Deco* ficou conhecido pela sua natureza monumental conseguida a partir da combinação da linguagem ornamental exuberante com a linguagem formal, cores discretas, linhas circulares ou rectas estilizadas e formas geométricas.

nacional a que a comunidade de arquitectos estava sujeita ao mesmo tempo que crescia uma apropriação dos Municípios com a introdução de elementos regionalistas.

Uma das obras desta época, dos anos 50, foi o Monumental, em Lisboa, em que houve a preocupação com a estrutura e a escolha de uma posição de centralidade na cidade. Este adquiriu um carácter de monumentalidade, de grandes dimensões e uma acentuação da verticalidade e simetria. O Teatro Cine da Covilhã, de dimensões mais reduzidas e métrica de vãos e arcadas tradicionais, continha uma vertente regionalista do estilo.

Sumariamente, temos no período entre 1927 e 1939 20 novos Cine-teatros. No Porto e Lisboa apenas se construíram 4 destes, sendo antes a sua proliferação de Salas de Cinema. Entre 1940 e 1949, foram edificados 12 novos Cine-teatros e entre 1950 e 1959, 32 novos, dois dos quais em Lisboa. Ainda de salientar é o número de antigas salas italianas adaptadas a Cine-teatros. Estas constituem 23% do total de Cine-teatros, conseguidas a partir de intervenções desde a localização de uma cabina de projecção até alterações estruturais. Outra situação é a instalação de Cine-teatros em edifícios como igrejas e conventos. O total são 114 localidades com 172 edifícios autónomos, sendo 28% construídos em capitais de distrito⁶⁸.

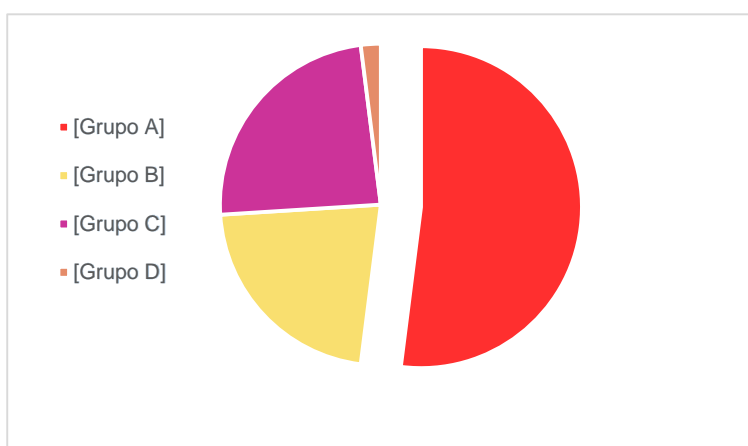


Fig. 4.21 – Gráfico da distribuição por grupos classificativos dos edifícios reconhecidos oficialmente por Cine-teatros. O Grupo A é referente aos Cine-teatros de raiz; o Grupo B às salas de Cinema; o Grupo C as adaptações de Teatros e Teatros-Circo existentes; o Grupo D as adaptações de tipologias diferentes.

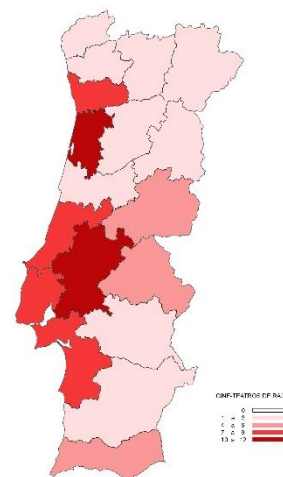


Fig. 4.22 – Mapa de distribuição dos Cine-teatros de raiz no território.



Fig. 4.23 – Mapa de distribuição de Salas de Cinema.

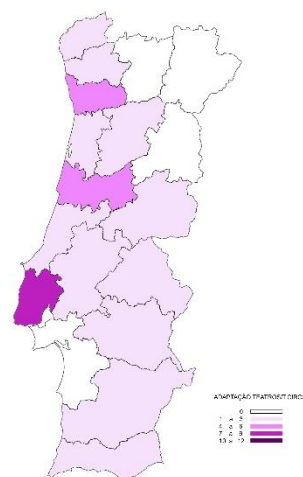


Fig. 4.24 – Mapa de distribuição de Cine-teatros instalados em antigos teatros de raiz italiana.

⁶⁸ Lista e classificação de Cine-teatros contruídos recolhida em Susana Constantino Peixoto da Silva – *Arquitectura de Cine-teatros: evolução e registo [1927-1959-], Equipamentos de cultura e lazer em Portugal no Estado Novo*, 2010, Anexos pp.194-197.

A história e evolução da arquitectura dos Cine-teatros é caracterizada por uma resistência do nacionalismo à modernidade dando origem a estruturas ambíguas. Os arquitectos viam-se na obrigação de exaltar os valores do Estado ao mesmo tempo que tentavam novas opções organizativas da fachada e dos espaços que integravam os diferentes programas a partir de uma perspectiva funcional.

O estilo nacional prevaleceu, sendo grande o testemunho de obras públicas deste tempo. Os Cine-teatros conservaram uma imagem global devido às opções construtivas e compositivas que enquadraram. Todavia, ficaram para sempre aliados a uma arquitectura esgotada pela recusa de mudança, mas responsável pela promoção da arte do teatro e do cinema que dinamizaram as actividades das próprias localidades. Apesar do foco de construção de Salas de Cinema em Lisboa até à década de 1940, é a partir desta data que os Cine-teatros se vão generalizar pelas várias cidades do país, criando uma rede vasta e que, entre 1948 e 1960, são capazes de responder aos requisitos dos programas.

O cinema tem grande impacto até aos anos 60, perdendo o seu destaque com a divulgação da televisão e os novos hábitos da sociedade. Esta alteração provocou um abandono dos equipamentos, deixando os susceptíveis a uma errada interpretação da sua actual situação precária.

Assim, os Cine-Teatros são lembrados actualmente como a grande sala de espectáculos em que as várias classes desfrutaram da mesma ambiência. Além dos cafés e café concerto, as imagens mais marcantes eram os grandes salões de festas da classe nobre e os grandes foyers e escadarias que antecediam as grandes dependências do seu programa.

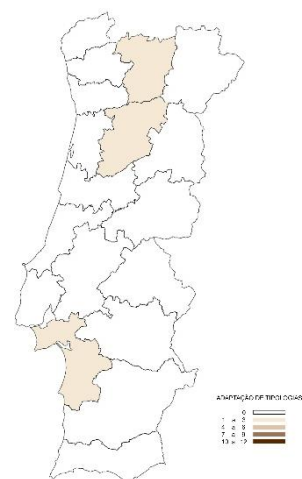


Fig. 4.25 – Mapa de distribuição de Cine-teatros a partir da adaptação de tipologias existentes.

4.1. A reabilitação do Teatro Constantino Nery em Matosinhos

O Teatro Municipal Constantino Nery, localizado em Matosinhos⁶⁹ no distrito do Porto, foi inaugurado no dia 10 de Junho de 1906 e figura como um dos primeiros Cine-teatros a integrar a rede de equipamentos culturais portugueses construídos na primeira metade do século XX. Este é um dos exemplos edificados pertencente à iniciativa privada mandado construir por um ex-emigrante português, Emídio José Ló Ferreira que, regressando do Brasil com fortuna e apoiado pelo então Governador brasileiro Constantino Nery, lhe dedica a edificação.



Fig. 4.1.1 – Imagem do alçado do edifício Constantino Nery enquanto inactivo.

O melhor período do Cine-teatro foi durante as décadas de 50 e 60, não se conseguindo evitar que entrasse num processo de abandono e fechando as portas a partir dos anos 80. Apenas em 2001 cessou o processo de expropriação por parte da Câmara

⁶⁹ A cidade de Matosinhos, pertencente à Área Metropolitana da cidade do Porto e compreende no município 175 478 habitantes segundo os censos de 2011.

Matosinhos é caracterizada pela área costeira banhada pelo Oceano Atlântico, pelos recursos que daí provêm e pelo seu património e arquitectura contemporânea. Os registos históricos datam do 1º milénio a.C., deixando obras românicas do século XI, como o Mosteiro de Leça do Balio, renascentistas do século XVI, a Igreja do Bom Jesus de Matosinhos e fortalezas do século XVII, o Forte de Nossa Senhora das Neves, em Leça da Palmeira. Quanto à arquitectura mais recente, o município acolhe obras importantes como a Quinta da Conceição (1960) e a reabilitação do Museu da Quinta de Santiago (1996) do arquitecto Fernando Távora, a Casa de Chá da Boa Nova (1963) e a Piscina das Marés (1970) do arquitecto Álvaro Siza. Outras intervenções são as casas pátio (1993) no Porto de Leixões e a reconversão da marginal sul de Matosinhos (2002) da autoria do arquitecto Eduardo Souto Moura.

Municipal de Matosinhos e, em 2003, abria concurso para a sua reestruturação. Encontra-se reabilitado e em funções desde 2008 devido ao projecto do arquitecto Alexandre Alves Costa⁷⁰.

Ao Cine-teatro foi atribuída uma classificação enquanto Valor Concelhio e Imóvel de Interesse Municipal registado no Sistema de Informação para o Património Arquitectónico⁷¹ gerido pelo Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, IP⁷². O Constantino Nery representa uma importante parte do património cultural de Matosinhos, do território nacional e da memória da população, para a qual contribui a existência de um suporte físico e o enquadramento urbano.

O teatro encontra-se situado na Avenida de Serpa Pinto, paralela à rua que limita o Porto de Leixões e a Marina Leça da Palmeira. A área é formada por uma malha regular ortogonal de quarteirões de grande densidade construtiva e que definem a frente urbana da marginal de Matosinhos.

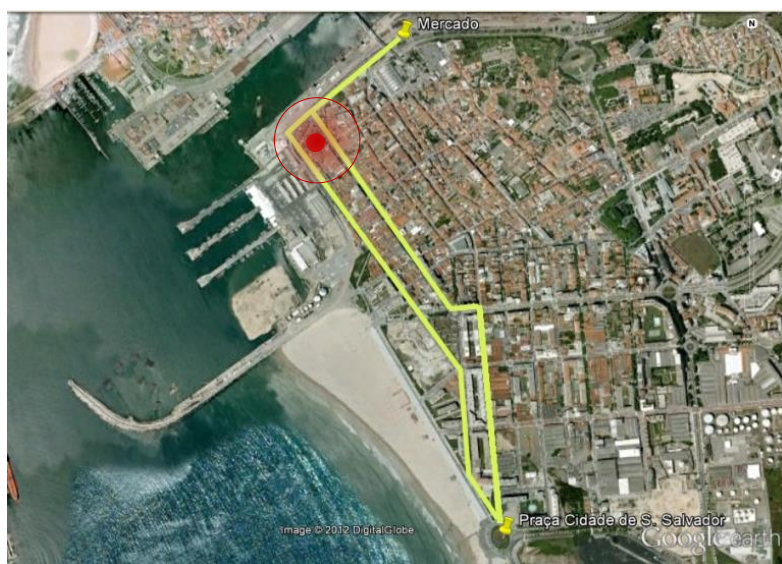


Fig. 4.1.2 – Localização do Teatro Constantino Nery no porto de Matosinhos.

⁷⁰ O arquitecto português Alexandre Vieira Pinto Alves Costa, nascido em 1939 no Porto, licenciou-se na Escola de Belas Artes do Porto.

Além das suas obras de habitação unifamiliar e multifamiliar em edifício, equipamentos de várias tipologias e participação no Projecto de Requalificação da Baixa do Porto em 2001 e, em 2003, o projecto para o Cine-teatro Constantino Nery, em Matosinhos, contribuiu activamente como representante do Planeamento e Apoio a Projecto na acção Saal que teve lugar após o 25 de Abril de 1974.

⁷¹ O SIPA é um sistema de informação e documentação sobre o património arquitectónico, urbanístico e paisagístico português e de origem ou matriz portuguesas cuja entidade responsável é o IHRU. Os critérios e dados geridos apresentam um conjunto de recursos de importância nacional, regional e local.

⁷² O IHRU, que substituiu o antigo Instituto Nacional de Habitação, tem como propósito assegurar o comprometimento com a política do Governo para as áreas de habitação e reabilitação urbana, mas articulada com a política das cidades e outras políticas sociais e de salvaguarda e valorização patrimonial que asseguram a memória do edificado e a sua evolução.

Devido à sua localização, faz parte da imagem urbana da zona. Apresenta uma única fachada para a rua, ocupando a totalidade do lote e estando os limites de interface com a sua envolvente completamente consolidados.

O edifício tinha, e ainda mantém, uma planta regular rectangular, um corpo central comprido no sentido da entrada, dois corpos de um piso nas extremidades e um terceiro, mais elevado, nas traseiras. O corpo principal era finalizado por uma cobertura de três águas e, os restantes, de duas águas.



Fig. 4.1.3 – Planta de implantação do Cine-teatro Constantino Nery.

Embora a existência de uma única fachada orientada a Nordeste, esta supõe a organização estrutural e formal do restante edifício. A fachada é composta por duas filas sobrepostas de vãos pares alinhados que configuram um edifício de dois pisos cujo desenho da fachada é formal, geométrico e na sua maioria retratado por elementos revivalistas. Este aspecto traduz a fase inicial pela qual os Cine-teatros portugueses passaram em que a imagem do edifício se mantém vinculada aos antigos teatros de tradição italiana. Ainda assim, não deixava de cumprir a sua primeira função: anunciar uma sala de espectáculos para o público exibindo uma imagem urbana solene e monumental.

A imagem formal é composta por uma repetição dos elementos de pilastras, vãos duplos enquadrados por arcos de volta perfeita no piso inferior alternados por vãos de arcos plenos. Estes arcos plenos repetem-se na totalidade do piso superior, finalizados por frontões curvos e triangulares, balaustradas em cantaria de pedra, cornijas e frisos em alto-relevo de sentido horizontal e decoração com motivos geométricos e regionalistas. São organizados em dois níveis segundo uma simetria cuja



Fig. 4.1.4 – Imagem do contexto urbano do Cine-teatro antes da obra de reestruturação.

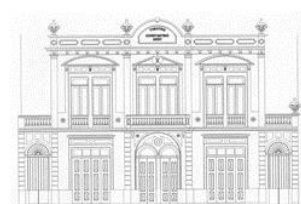


Fig. 4.1.5 – Desenho técnico do alçado original.

charneira, além da entrada, é o centro do edifício marcado e encimado por uma cornija semicircular.

O Cine-teatro Constantino Nery apresenta poucas semelhanças com o caso de estudo principal, o Cine-teatro Gardunha. Elas são, formalmente, a composição dos edifícios em dois pisos marcados por uma grande geometria e simetria. Além de pertencerem, claro, ao mesmo conjunto de equipamentos construídos, albergam as mesmas funções e respectivos espaços de apoio do programa de teatro e cinema, foyer e salão de festas.

Apesar das diferenças evidentes que se explicam pelo intervalo temporal entre as duas obras que ficou caracterizado por uma evolução nos critérios que os condicionaram e os tornaram diferentes, ambos partilham das mesmas circunstâncias culturais, sociais, económicas, políticas e ambientais, e ambos passaram por um período de degradação e representam custos para as populações locais. Este facto faz com que a principal matéria de interesse de ligação entre as obras seja, novamente, sobre o papel da arquitectura e do espaço arquitectónico, e a importância da arquitectura para as populações e localidades.

Ao contrário do Cine-Gardunha, ainda inactivo, o Cine-teatro Constantino Nery também se insere na problemática de um equipamento que não acompanhou as transformações das dinâmicas que estão na base da formação das cidades e vilas. Como Matosinhos é um centro urbano substancialmente mais expressivo que o Fundão, no caso fundanense será a desproporção entre o edifício e o número de habitantes que evidenciará as principais dificuldades na manutenção de uma frequência de programas. Quanto ao Cine-teatro Constantino Nery, a questão começa quando confrontado pela consolidação da envolvente da Avenida de Serpa Pinto, tal como na situação que se repete na Avenida da Liberdade do Fundão. Quanto à sua manutenção, também confirma a dependência da salvaguarda do teatro com a rotatividade, frequência das actividades e os propósitos definidos pelas várias entidades envolvidas num cenário de uma possível reabilitação.

Foi devido a este contexto que o Teatro Municipal Constantino Nery se tornou alvo de reflexão com o propósito de o reabilitar, devidamente assegurado pelas preocupações do órgão municipal local que regulamentou as soluções do projecto escolhido em concurso público internacional vencido pelo atelier do arquitecto Alexandre Alves Costa em 2003.

Durante o processo, os objectivos assumidos pelas várias entidades, de modo a garantir a manutenção do edifício, foram “assegurar uma programação regular de qualidade, fomentar a criatividade, o encontro e intercâmbio de ideias entre diferentes artistas portugueses e estrangeiros, promover a formação cultural através do desenvolvimento de actividades dirigidas quer ao público em geral e aos novos públicos, quer às diversas instituições e associações cívicas e a todos os intervenientes na actividade cultural da região, garantir o apoio técnico e logístico a outras instituições e criadores na realização de projectos de índole diversa, participar nas redes nacionais e internacionais de circulação de espectáculos, contribuir para o aumento da oferta nacional de produção de espectáculos, e estimular a reflexão e a crítica formadora de consciências. Em concreto, pretende -se incentivar, através da dinamização do espaço, o cinema experimental, independente e documental e ou de qualidade, o teatro de origem nacional ou estrangeira, a música, a dança, leituras ou recitais poéticos, conferências, *workshops*, ateliers e *masterclasses*, debates e colóquios sobre temas científicos ou artísticos e exposições.”⁷³

O projecto apresentado pelo gabinete do arquitecto Alves Costa propunha uma ocupação total do lote de 16 metros por 44 metros, conservando da obra original apenas a fachada para a Avenida de Serpa Pinto, o único registo existente da marca do teatro de raiz italiana.

Quanto à organização espacial, a localização das áreas sociais e espaço polivalente são junto ao plano da entrada onde se encontra a circulação vertical, caixa de escadas e elevadores. Após o foyer de recepção no piso térreo, grande parte da planta mantém-se reservada para a sala de espectáculos de configuração rectangular ao centro. A plateia é formada por três secções de cadeiras retrácteis assentes no nível térreo, abdicando da anterior configuração italiana com arco do proscénio e permitindo um aproveitamento em salão. A boca do palco com 16 metros de altura, tradicionalmente apoiado por varanda com guarda, permite uma apresentação de performances de média produção e, a partir de elementos em suspensão, obtém-se um ecrã para o programa de cinema e palestras. No último piso, no

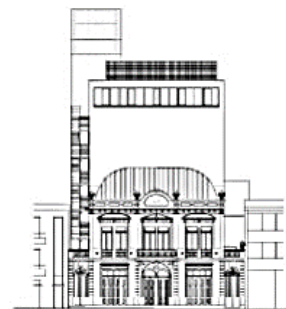


Fig. 4.1.6 – Desenho técnico do alçado da proposta em que se mantém o alçado original.

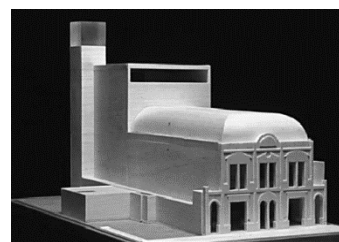


Fig. 4.1.7 – Maqueta do projecto em que é possível observar o corpo mais elevado do palco.

⁷³ Projecto de Alteração do Regulamento do Cineteatro Constantino Nery - Teatro Municipal, 2012, pág.1, consultado em http://www.cm-matosinhos.pt/uploads/writer_file/document/4512/Alt_Reg_C_Teat_C_Nery.pdf

alinhamento do palco, uma sala de ensaios, e do lado oposto, a cabina de projecção adaptada a uma treliça tridimensional que lhe confere mobilidade dentro do espaço polivalente em que está integrada.

Outro dado da obra, relativo ao elemento mais elevado do conjunto localizado no lado do interior do quarteirão, é uma caixa em betão armado de seis pisos com ligação a partir de elevador e escada marcado por torre de secção quadrada.

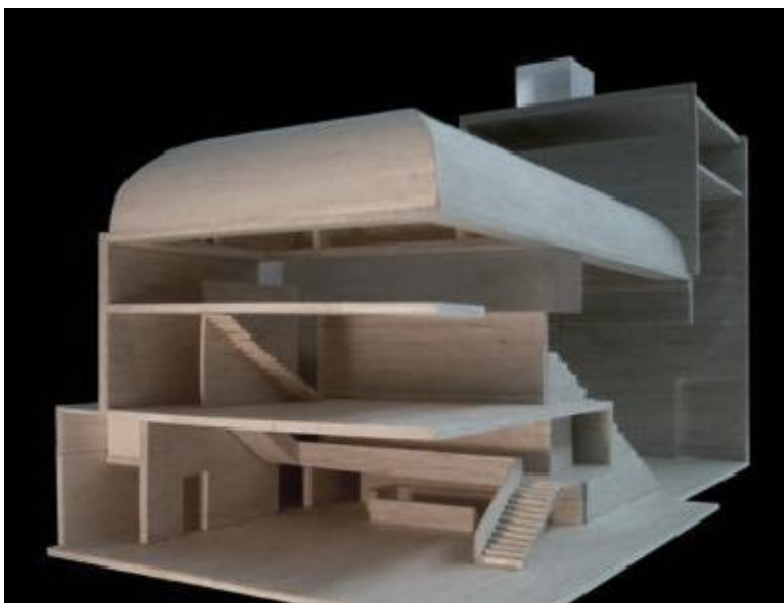


Fig. 4.1.8 – Vista da relação do foyer, sala polivalente e cabina de projecção com os restantes usos a partir da circulação vertical e horizontal.

Quanto a soluções técnicas, embora se tenha recorrido à demolição do núcleo do edifício conservando apenas a fachada da rua e as paredes exteriores, beneficiou-se desta opção para aligeirar a carga da estrutura recorrendo a uma laje mista na separação do segundo e terceiro pisos e eliminando a necessidade de descarga pelas paredes. Este último piso parcial é uma novidade.

A relação da cave do subpalco com o palco resolveu-se a partir de uma plataforma ascendente assistida por máquinas motorizadas. A estrutura das duas paredes originais de 35 mm perpendiculares ao plano da fachada e os novos elementos estruturais são em betão armado. A nova cobertura é forrada a cobre e actua como novo elemento de caracterização da imagem do edifício

Para que fosse possível a acessibilidade e intervenção na obra, foi necessária a remoção temporária do alçado existente e, para as escavações, a utilização de uma estrutura de

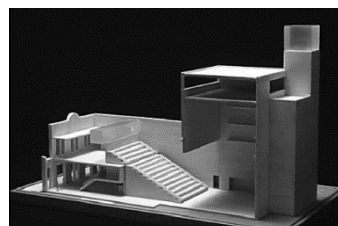


Fig. 4.1.9 – Vista da maqueta da configuração volumétrica da sala de espectáculos e ensaio.



Fig. 4.1.10 – Sala polivalente resultante da diminuição da lotação de espectáculo.



Fig. 4.1.11 – Modelo da bancada da sala de espectáculos.

microestacas, com ancoragens provisórias enterradas até atingir o solo granítico.⁷⁴

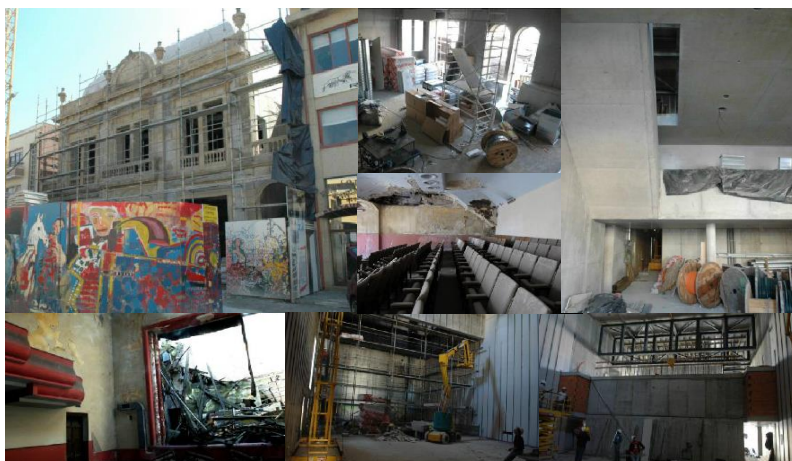


Fig. 4.1.12 – Imagens do processo de reconstrução do interior do Cine-teatro, nomeadamente o aumento do poço do palco e o sistema de sustentação das paredes laterais de 35 mm originais.

A obra final, por parte definida pela própria vocação do Cine-teatro Constantino Nery para apresentar um programa de espectáculos, foi orientada pela vontade de reintegrar o antigo teatro nas dinâmicas da população que serve, responder e evoluir com aquela específica sociedade.

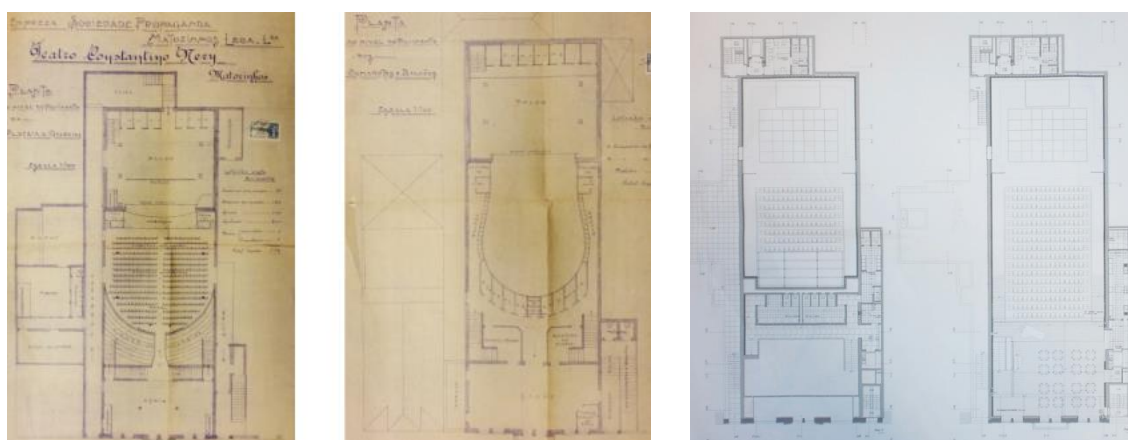


Fig. 4.1.13 – Plantas da organização original do Cine-teatros e plantas da posterior intervenção, primeiro e segundo piso. Embora a implantação semelhante e localização das dependências dos programas, são perceptíveis as diferenças formais da sala de espectáculos, o que obrigou à reconstrução quase da totalidade do edifício.

Deste modo, para o alcançar os intervenientes tiveram em conta o programa para um público e os limites do antigo teatro para a procura de espaços amplos livres que maximizassem a flexibilidade. Outro aspecto é a ligação directa e clara conseguida nas transições das funções, pois a partir do foyer da entrada é possível aceder às restantes dependências. Por fim, a adaptabilidade do número de lugares aos diferentes tipos de

⁷⁴ Informação sobre a memória descritiva da obra em <http://iporto.amp.pt/arquivo/iporto-16>.

espectáculos, definidos para uma lotação máxima de 240 lugares, permitindo assim o bom funcionamento e a correcta configuração conforme os programas.



Fig. 4.1.14 – Fachada da Avenida de Serpa Pinto após as obras no edifício.

Recentemente, e desde 2008, o Cine-teatro Constantino Nery tem assistido a uma constante rotatividade semanal dos espectáculos. Tem recebido variedade de pequenas e médias produções, tais como a Ópera La Traviatta de Verdi com a Companhia de Estudo Lírico de Madrid e a Orquestra Mediterrânea, o bailado La Savalliana com a Companhia Nacional de Bailado a partir dos Teatros em Rede, e concertos com figuras portuguesas actuais.

A manutenção do Cine-teatro tem sido determinada pelos apoios e parcerias numa rede nacional cofinanciada pelo Quadro de Referência Estratégico Nacional e pelo Programa Operacional da Cultura⁷⁵ que aposta no cinema e no teatro como um acontecimento a nível global com importância para as comunidades. Deste modo, o Constantino Nery volta a ser um espaço de encontro cultural e criativo pertencente ao quotidiano da população de Matosinhos e dinamizador do sector turístico.



Fig. 4.1.15 – Iluminação artificial do Cine-teatro Nery.



Fig. 4.1.16 – Bancada retráctil da actual sala de espectáculos.

⁷⁵ O POC é um programa autónomo de incentivo à cultura para o desenvolvimento social e económico das sociedades no âmbito do QREN no período entre 2000 e 2006.

4.2. A preservação do Cine-teatro São João em Palmela

O Cine-teatro São João é um dos exemplares da rede de salas de cinema e teatro construídas durante o Estado Novo, inaugurado em Julho de 1952, localizado no centro da vila de Palmela, no concelho de Palmela⁷⁶, distrito de Setúbal.

Mandado construir por iniciativa do órgão local, sofreu os mesmos condicionamentos da legislação que instituiu os Cine-teatros resultando numa obra de características semelhantes a outras e, em especial, ao Cine-Gardunha. Um dos aspectos que justifica a semelhança entre as fachadas das duas obras é que ambas foram projectadas pelo arquitecto Willy Braun⁷⁷.



Fig. 4.2.2 – Fotografia dos anos 60 a partir do largo de São João.

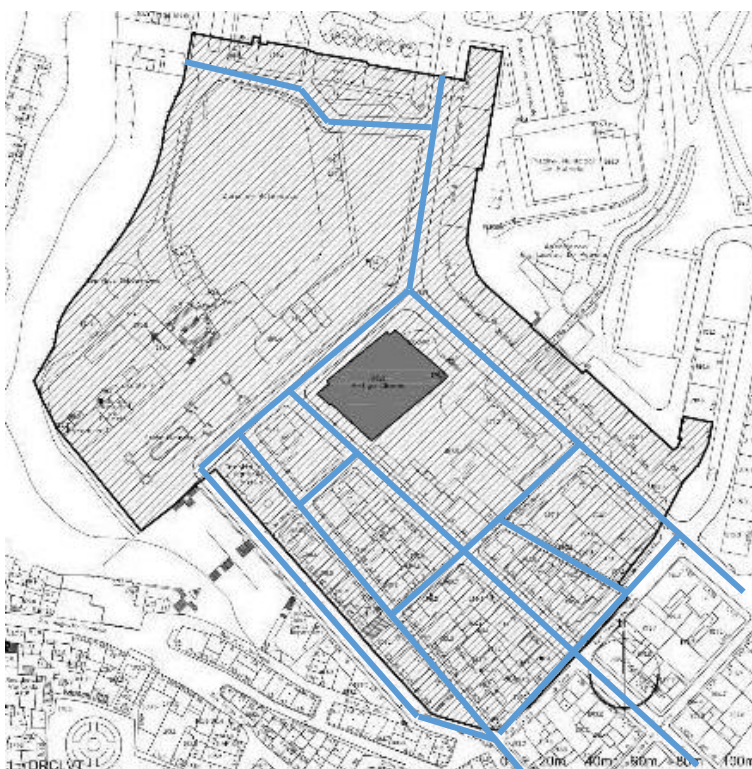


Fig. 4.2.1 – Planta de implantação do Cine-teatro S. João. Importância da malha do quarteirão e ruas que definem o largo perceptível na planta da vila.



Fig. 4.2.3 e 4.2.4 – Imagens da antiga sala de espectáculos.

O Cine-teatro de São João, além da sua importância como componente do património cultural da zona e para o território, classificado como Monumento de Interesse Público pelo

⁷⁶ A vila de Palmela, no Distrito de Setúbal, compreende 17 400 habitantes, e 62 805 no município formado por 5 freguesias, segundo os Censos de 2011.

Apesar da sua dimensão, conserva um importante património cultural de interesse local e nacional, como o já referido Cine-teatro São João e o Castelo a 378 metros de altura, no ponto mais elevado e o maior miradouro da vila, chegando a alcançar a vista de Lisboa, e remonta ao período de ocupação muçulmana, sendo testemunho e local estratégico nas conquistas portuguesas entre o século VIII e o século XII, altura em que também foi construído.

⁷⁷ Arquitecto austríaco nascido na década de 1880 a quem o Estado português encomendou 49 projectos de Cine-teatros construídos.

IGESPAR⁷⁸, é um dos exemplos cuja localização é fora do principal centro urbano do concelho, numa vila.

O edifício manteve-se encerrado entre 1981 e 1991, reabrindo após a sua aquisição por parte da Câmara Municipal de Palmela. Dadas as boas condições do Cine-teatro, este passou imediatamente a receber um programa regular e apenas em 1993 sofreu uma intervenção de extensão do palco a partir da extinção do fosso de orquestra. Em 1996 foram feitas obras aos camarins para se tornarem residência permanente da Companhia Dançarte resultando no desenvolvimento dos programas exibidos.

Em 2008, numa proposta de promoção cultural com a criação de uma rede de equipamentos e apoio a agentes criativos locais, é aprovada a reabilitação da totalidade do edifício do Cine-teatro S. João. As obras iniciam-se em 2009 e reabre em 2010.

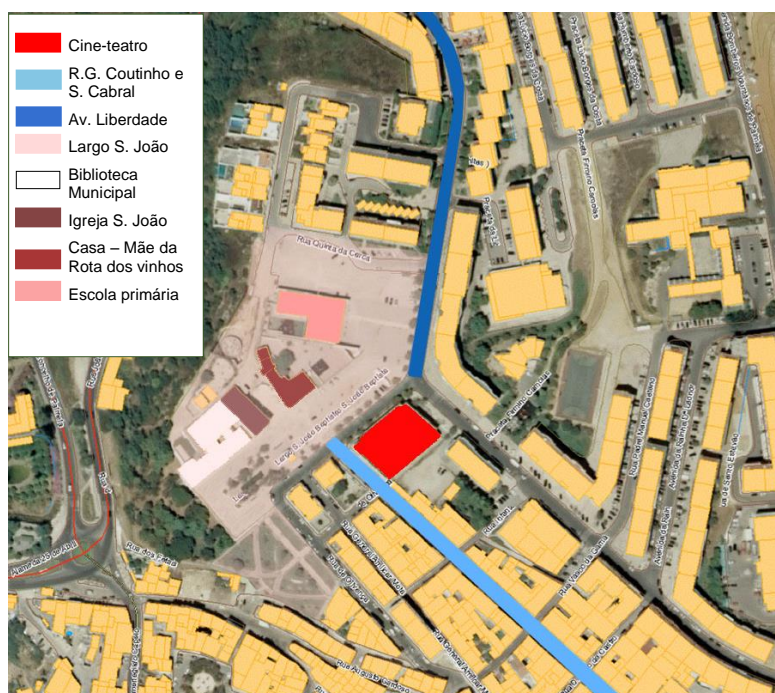


Fig. 4.2.5 – Planta do enquadramento urbano do Cine-teatro São João e localização dos seus elementos.

Analisando o contexto urbano do Cine-teatro São João, este localiza-se na extremidade de um dos quarteirões da malha regular e consolidada da zona antiga da vila. Encontra-se limitado por três ruas e um muro a sudeste. A entrada está virada para a rua Gago Coutinho e Sacadura Cabral, marcada pela torre, e o segundo alçado que a integra encontra-se virado a noroeste para o largo de São João Baptista. O largo, por sua vez, foi alvo de



Fig. 4.2.6 – Fachada actual do Cine-teatro a noroeste.



Fig. 4.2.7 – Fachada da vista da rua Gago Coutinho e S. Cabral. Desta para o muro que limita o quarteirão do edifício.



Fig. 4.2.8 – Fachada a sudeste limitado pelo muro.



Fig. 4.2.9 – Vista da Avenida da Liberdade.



Fig. 4.2.10 – Vista este das fachadas do Cine-teatro e destaque para a entrada do terreno que antecede o edifício.

⁷⁸ O Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, I.P., é um instituto público português que tem como objectivo "a gestão, a salvaguarda, a conservação e valorização dos bens que, pelo seu interesse histórico, artístico, paisagístico, científico, social e técnico, integrem o património cultural arquitectónico, arqueológico classificado do País".

intervenção em 2008⁷⁹, e é composto pela Igreja de São João Baptista, uma fonte luminosa, a Casa – Mãe da Rota dos Vinhos, uma escola primária e a Biblioteca Municipal de Palmela.



Fig. 4.2.11 – Imagem do largo de São João Baptista e da Igreja em oposição ao Cine-teatro.



Fig. 4.12 – Montagem de panorâmica do Largo de São João Baptista com a fonte luminosa ao centro. Destaque para o tratamento do pavimento em calçada portuguesa e pedra calcária.

O distanciamento ao largo, a concentração de outras infraestruturas, a formalização do edifício em dois pisos à superfície marcado por torre mais alta e a arquitectura do Cine-teatro remetem-no para o equipamento de referência da localidade. De facto, nesta situação é privilegiada a relação de monumentalidade entre o equipamento e a população. São inúmeros os pontos de vista em que é possível observar o Cine-teatro São João, ainda destacado pela dimensão da obra em relação à envolvente.

São estes os parâmetros das similaridades entre o Cine-teatro São João e o estudo de caso do Cine-teatro Gardunha. Ambos são os equipamentos de referência para as localidades a que pertencem, localizados no centro, numa zona privilegiada de boas acessibilidades e concentração de actividades, e sempre numa situação superior em relação à envolvente próxima.

Todavia, além do enquadramento, os Cine-teatros apresentam fachadas e organização espacial semelhantes.

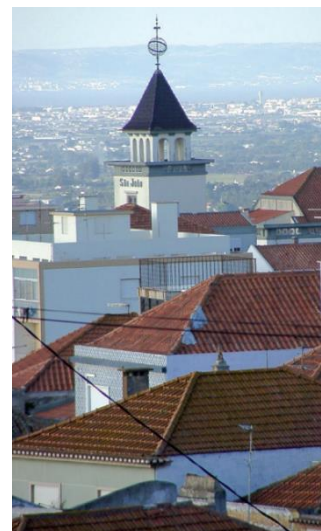


Fig. 4.2.13 – Vista aérea da torre do Cine-teatro.



Fig. 4.2.14 – Vista superior da rua G. Coutinho e S. Cabral.

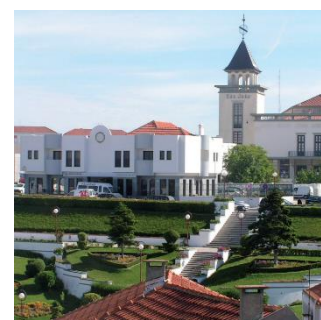


Fig. 4.2.15 – Fotografia da praça a sudoeste do Cine-teatro.



Fig. 4.2.16 – Vista do Cine-teatro São João a partir do largo.

⁷⁹ O largo de São João recebeu um tratamento paisagista em 2008, iniciativa dos responsáveis da autarquia em que o objectivo foi requalificar o centro da vila. O espaço foi tratado para ser valorizado o espaço público com a possibilidade de receber as iniciativas locais. Da proposta foram definidos 100 lugares de estacionamento, a redução da velocidade rodoviária a partir dos arruamentos e tratamentos de piso em calçada, além do projecto de fontes, iluminação e áreas ajardinadas que agora conformam o largo.

O Cine-teatro São João, limitado por três ruas, apresenta três fachada e a percepção da quarta. Constituído por três pisos, um subterrâneo e terraço na cobertura, é definido por uma planta rectangular e uma volumetria simples, marcadamente horizontal e a torre vertical no eixo de simetria. A torre de secção quadrada encimada por pináculo, ligeiramente recuada em relação aos restantes planos, é onde se localiza a entrada ao público e é o elemento que equilibra a composição.

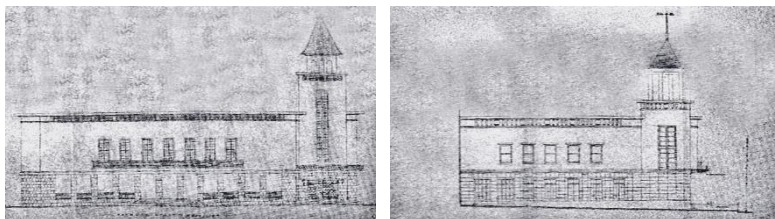


Fig. 4.2.17 e 4.2.18 – Desenhos originais dos alçados para a rua Gago Coutinho e Sacadura Cabral e para o largo de São João.

O Cine-teatro exibe uma imagem formal, sóbria, de grande horizontalidade e robustez, apenas aligeirado pelos vãos em relação aos planos da fachada. É marcado pela platibanda que remata todo o edifício e pelo ritmo constante de vãos ao longo dos dois pisos, sendo excepcionais as fachadas da torre.

A repetição ao nível térreo é feita por uma galeria contínua ao largo de São João e a rua G. Coutinho e S. Cabral limitada por pilares em betão e revestida a pedra granítica. A galeria é interrompida na área correspondente à entrada, exibindo duas portas duplas em ferro resguardadas pela varanda da torre. No nível superior a repetição é feita a partir de vãos de duas portas emoldurados repetidos na zona central do plano do alçado rebocado e pintado.

As duas fachadas referidas apresentam maior tratamento devido às guardas em ferro, às saliências dos frisos e molduras, à estereotomia da pedra, à presença da torre e maior relação entre o interior e exterior. Em contrapartida, as fachadas opostas são mais simples, apresentam menor tratamento e vãos mais modestos e pontuais.

Na realidade, todo o edifício é desenhado segundo um jogo ortogonal minucioso e rigoroso presente nos vãos, frisos, estereotomia da pedra e na própria volumetria devido ao elemento vertical de excepção, a torre, o elemento de referência urbana da vila.



Fig. 4.2.19 – Vista da torre.



Fig. 4.2.20 – Pormenor dos vãos verticais que acentuam a torre.



Fig. 4.2.21 – Vista da fachada da entrada do edifício.



Fig. 4.2.22 – Fotografia a partir do Largo de São João.



Fig. 4.2.23 – Pormenor do encontro a Este.



Fig. 4.2.24 – Fotografia da entrada do Cine-teatro São João. Destaque para o desnível entre a cota das portas e a rua vencido por degraus.

A cobertura é formada por telhados de quatro e uma água forrados a telha e o terraço é limitado por uma platibanda elevada. Os acessos ao edifício são feitos por meio de escadas visto que o Cine-teatro se encontra implantado acima das cotas das ruas.

Quanto à lógica da planta, os indícios exteriores sugerem uma organização rectangular, distribuição na periferia e o programa de espectáculos no núcleo interior.

As diferentes funções são organizadas segundo a sala de espectáculos, espaço cénico referente ao palco e técnico da caixa de palco. Este núcleo é circundado por espaços de circulação de carácter público que compreendem os foyers, bar, instalações sanitárias, bilheteira e bengaleiro, além dos camarins e gabinetes de apoio ao espectáculo, neste caso, anteriores ao palco.



Fig. 4.2.28 e 4.2.29 – Imagem do foyer de entrada. Na primeira, a entrada e a circulação à direita termina no acesso à galeria aberta e numa ligação subterrânea ao palco. Na imagem esquerda, a escada de acesso ao segundo piso.

Deste modo, a partir do átrio da entrada tem-se acesso ao foyer da entrada, paralelo à Rua G. Coutinho e S. Cabral, onde o visitante tem acesso às circulações laterais. Ao fundo encontra-se à esquerda o foyer do bar e separados por uma porta os camarins dos artistas. No encontro dos dois foyers localiza-se a escada de acesso ao piso superior.



Fig. 4.2.25 – Galeria da fachada da entrada do Cine-teatro.



Fig. 4.2.26 – Pormenor dos vãos gradeados a ferro forjado.



Fig. 4.2.27 – Pormenor das portas de entrada no Cine-teatro.



Fig. 4.2.30 – Ao fundo, a escada de acesso ao piso superior.

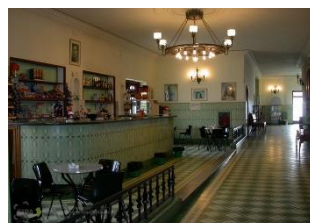


Fig. 4.2.31 – Vista do bar a partir da porta dos camarins.

A distribuição vertical dá acesso ao foyer no desenvolvimento da rua G. Coutinho e S. Cabral. Este era o espaço reservado à antiga sala dos espelhos.



Fig. 4.2.32 – Imagem do espaço reservado ao salão e actual zona de exposições temporárias. Ao fundo, o condicionamento ao seguinte espaço de circulação.

A área do segundo piso correspondente ao bar e à galeria exterior assim como a área de circulação oposta fazem os acessos ao balcão da sala de espectáculos.

Quanto ao núcleo que compreende o programa de espectáculos, este apresenta uma planta rectangular organizada em filas de cadeiras. A sala é formada pela plateia no piso térreo e balcão com plateia no piso superior, palco e subpalco. A sua lotação ficou fixada em 634 lugares a partir de 1963.

A boca do palco tem 15 metros de altura e 8 metros de largura, e o palco é elevado 1,2 metros numa estrutura revestida a madeira que correspondia ao fosso de orquestra e subpalco.



Fig. 4.2.36 e 4.2.37 – Fotografias da antiga sala de espectáculos.

A sala é tratada segundo trabalhos de estuque nos planos das paredes e tectos, e pavimento em madeira e alcatifa. A guarda do balcão é em alvenaria, madeira e perfis de ferro. As cadeiras são de madeira forradas a couro.



Fig. 4.2.33 e 4.2.34 – Vista da escada de acesso ao segundo piso.



Fig. 4.2.35 – Acesso ao foyer do salão do segundo piso.

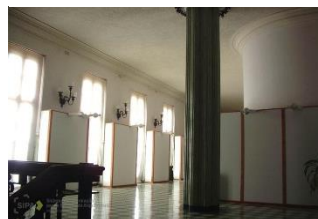


Fig. 4.2.38 – Vista da saída da escada.



Fig. 4.2.39 – Imagem da área de circulação adjacente ao terreno ladeado pelo muro.



Fig. 4.2.40 – Fotografia da actual boca do palco da sala de espectáculos.

A cabina de projecção localiza-se no terceiro piso, no plano oposto ao palco. Este piso parcial é acedido por uma segunda circulação vertical na área Este do edifício, e também compreende o acesso à torre. A partir deste nível é possível aceder ao terraço.



Fig. 4.2.43 e 4.2.44 – Imagens da vista a partir da torre e pormenor da zona acessível do terraço.



Embora o edifício mantenha a mesma traça, assim como a maioria dos espaços originais, foi alvo de intervenções para alterações, de manutenção e restauro.

Além da anterior reestruturação da área dos artistas para 12 camarins e a extensão do palco, em 2010 são feitas infraestruturas e um projecto de conforto e segurança para responder às exigências dos espaços actuais. As obras de restauro incidiram maioritariamente nos pavimentos e revestimentos, incluindo os trabalhos de azulejo e estuque.



Fig. 4.2.41 – Pormenor das cadeiras da sala, tratamento dos tectos e do palco.

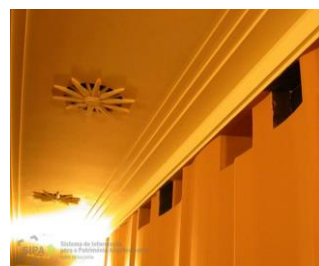


Fig. 4.2.42 – Pormenor das aberturas para a projecção.



Fig. 4.2.45 – Imagem da platibanda que limita o terraço.



Fig. 4.2.46 – Pormenor do revestimento a azulejo verde.

Hoje em dia, mantém a mesma sala de espectáculos, embora com uma redução significativa da lotação que passou para 480 lugares dada a situação desproporcional entre as actividades e a dimensão da população. As restantes instalações ainda são as dependências do programa referido que eram exigidas por norma a este tipo de equipamento, como os camarins, área de arrumos e de apoio ao palco, o salão uma zona de estar e adaptável a várias actividades, e o bar.



Fig. 4.2.47 – Montagem da actual sala de espectáculos em que é possível observar a nova organização dos lugares.

O Cine-teatro alcançou regularidade programática das sessões e actividades exibidas, contribuindo para este efeito os espaços para exposições temporárias, exposição permanente e actividades formativas e animações. Todavia, continuará a depender de um trabalho constante na promoção cultural, do valor que as pessoas lhe atribuem, assim como o potencial de adaptação que o espaço oferece perante as alterações das actividades socioculturais. Um fenómeno desta circunstância, além das preocupações a nível da redução da lotação e orientação para outras actividades, é a possibilidade de transformar a área multiusos para funcionar num auditório de 50 a 60 pessoas.⁸⁰

A partir de um trabalho de conservação, manutenção, gestão e programação, funcionando também como residência permanente da companhia de dança Dançarte, a obra é actualmente parte integrante das actividades socioculturais da vila de Palmela. Oferece áreas polivalentes de grande espacialidade, zonas para produção cultural que fomentam um espírito crítico e criativo, complementaridade entre funções, funcionando também o Cine-teatro São João como um recurso para a população.

⁸⁰ Informação da memória descritiva do projecto de recuperação acedida em <http://www.cm-palmela.pt/pt/conteudos/areas+de+intervencao/cultura/equipamentos+culturais/cine-teatro+s+joao/>

5. Contexto geral e princípios programáticos para a proposta de reabilitação do Cine-teatro Gardunha e extensão das funções da Academia de Música e Dança da Santa Casa da Misericórdia do Fundão

Da análise desenvolvida sobre os casos de estudo, resta concluir que as intervenções presentes em ambas as obras vão além das circunstâncias da implantação e condições financeiras. Na realidade, as motivações que levaram os Cine-teatros a tornarem-se alvo de interesse está novamente ligado a uma estratégia local.

Tal como edifícios de iniciativa local, voltam a depender da aposta das autarquias num programa cultural no sentido em que contribuem para dar variedade programática e densidade às tradições e quotidiano da vida da população. De facto, a opção por programas multifuncionais, espaços livres ou de possíveis configurações funcionam como áreas de trânsito artístico das mais diversas naturezas que dinamizam os usos e a interacção com o público.

O controlo das lotações dos lugares recorrendo à remoção do balcão, controlo das áreas de funcionamento da sala ou reorganização das plateias, e uma melhoria em geral das condições acústicas, térmicas e visuais estão na base das intervenções de recuperação dos Cine-teatros. Em alguns casos, voltam a ser a grande sala de espectáculos da população na maioria das localidades que participaram na sua edificação. Na realidade, a semelhança entre o Fundão, Palmela, Alcobaça, a Covilhã, Castelo Branco e outras vilas e cidades é que o Cine-teatro continua a ser a maior sala de espectáculos das localidades a que pertencem.

No caso do Cine-teatro São João de Palmela, além do programa de espectáculos, exposição permanente e áreas polivalentes, também é residência para a companhia local e mantém uma actividade regular.

O Cine-teatro de Alcobaça, de 1944 da autoria dos arquitectos Ernesto Korrodi e Camilo Korrodi⁸¹, também foi reaberto em 2004. A recuperação passou por uma extensão do palco e melhoria das condições cénicas, voltando também a ser a maior sala da localidade com 732 lugares. Localiza-se na Rua

⁸¹ Ernesto Korrodi (1870 – 1944) e Camilo Korrodi (1905 – 1985), pai e filho, foram dois arquitectos emigrantes da Suíça, naturalizados em Portugal, responsáveis por quatro projectos de Cine-teatros construídos.

Dom Afonso Albuquerque e faz parte de um dos quarteirões que formaliza a maior praça e jardim da cidade, novamente numa situação de referência. O seu sucesso resulta da programação semanal ou bissemanal, com grandes produções e concertos com os maiores artistas musicais portugueses.

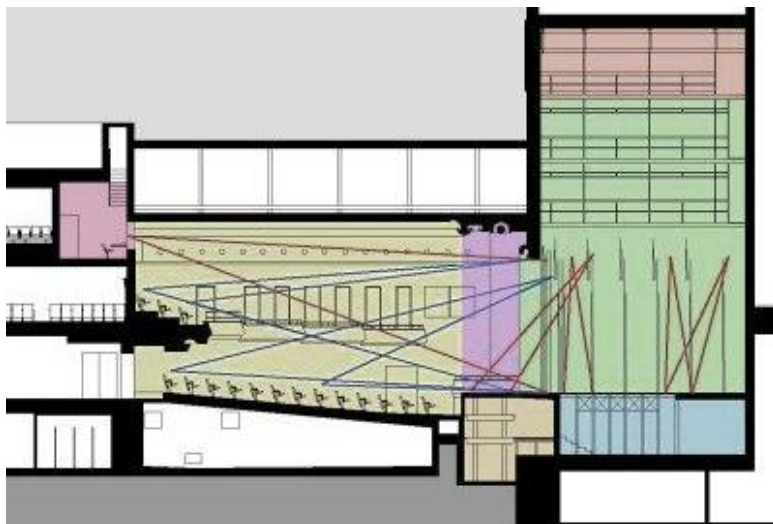


Fig. 5.1 – Corte longitudinal da sala de espectáculo do Cine-teatro de Alcobaça. Esquema das condições de visibilidade e projecção da cabina.

Quanto ao Teatro-Cine da Covilhã, a 14 km do Fundão, que data de 1954, é uma das maiores salas de espectáculos da Beira Interior. O primeiro edifício de 1899, denominado por *Theatro Colleya*, tinha uma capacidade de 560 lugares e foi implantado no mesmo local. O Cine-teatro actual, cujo projecto pertence a Raul Rodrigues Lima, acabou por substituir o primeiro teatro e fazer parte do plano urbanístico⁸² para o conjunto da praça municipal: o edifício da Câmara Municipal, os Correios e a Caixa Geral de Depósitos. Com uma lotação de 984 lugares, encerrou na década de 80 e reabriu em 1992 a cargo do órgão municipal que lhe garante frequência de espectáculos e um edifício aberto às iniciativas locais.

O Cine-teatro mantém a sua traça e interiores originais, e só 2001 foi alvo de procedimentos de restauro, instalação de um novo sistema eléctrico e a substituição das antigas máquinas de cinema. Embora já controle a programação desde 2003, a Câmara Municipal apenas tomou posse oficial do Teatro-Cine da Covilhã em 2011, alterando o nome para Teatro Nacional⁸³ e anunciando um novo investimento na recuperação do edifício.



Fig. 5.2 – Vista do Cine-teatro de Alcobaça a partir da praça.



Fig. 5.3 – Imagem da actual sala de espectáculos de Alcobaça.

⁸² Consultar desenho do plano nas páginas 39 – 41.

⁸³ Informação recolhida em <http://www.cm-covilha.pt/>.

Nos casos apresentados o sucesso depende do controlo e produção de programação por parte dos órgãos municipais motivando as populações a irem ao encontro da memória da sala de espectáculos. Por outro lado, existem localidades de maior dimensão em que os Cine-teatros não são a maior nem a única sala de espectáculos, pois existem outros auditórios anexados a instituições ou edifícios exclusivos de carácter cultural que se equiparam em zonas diferentes da cidade. Nesta situação, os Cine-teatros também são reactivados para afectarem um sector da população e funcionarem em circuito com os restantes espaços da mesma localidade.

No caso do Teatro Constantino Nery de raiz italiana em Matosinhos, o Cine-teatro passa a representar uma alternativa junto ao Porto de Leixões, sendo esse o sector principal da população que lhe corresponde.

O *Theatro Circo de Braga*, inaugurado em 1915 localizado na Avenida da Liberdade da cidade de Braga, é reconhecido como um dos maiores e antigos teatros de estilo italiano nacionais, da autoria do arquitecto Moura Coutinho⁸⁴. Encerrado desde os anos 80, sofreu obras de intervenção entre 2001 e 2006 para voltar a abrir como uma sala de cinema e espectáculos. O Cine-teatro foi recuperado a cargo da Câmara Municipal de Braga que interveio na antiga sala de 899 lugares através do redimensionamento do palco. Ao mesmo tempo construíram-se espaços de restauração, um espaço de exposição e apoio aos artistas em complementaridade aos usos originais, e uma segunda sala com uma capacidade de 250 pessoas abaixo da sala existente.



Fig. 5.4 – Imagem do *Theatro Circo* de Braga na Av. Liberdade.



Fig. 5.5 – Fotografia da sala de espectáculos após um longo processo de restauro e a intervenção no palco.



Fig. 5.6 – Fotografia do novo auditório abaixo da sala.



Fig. 5.7 – Imagem do foyer da entrada.

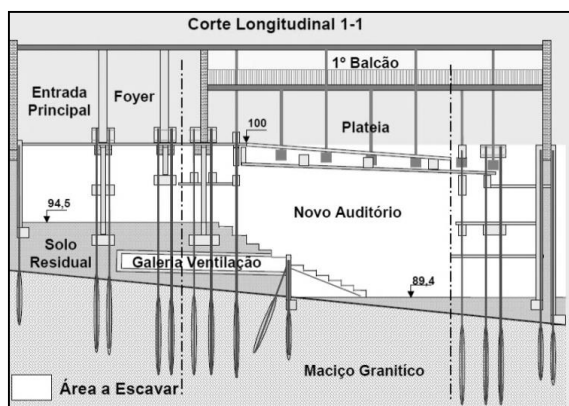


Fig. 5.8 – Corte longitudinal da sala de espectáculos e do auditório. Destaque para o volume de escavação necessária e instalação de uma laje pré-esforçada para a sustentação da sala acima. Outro detalhe previsto é o desenho de uma área de circulação periférica para garantir a ventilação do espaço.

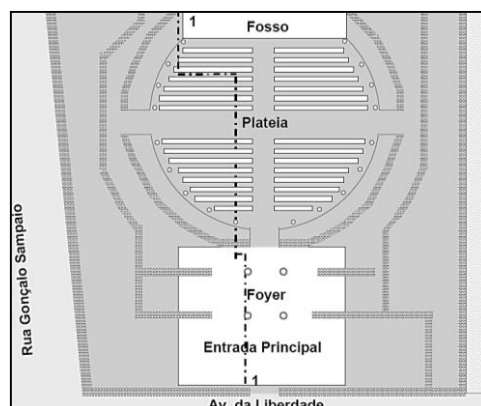


Fig. 5.9 – Planta esquemática da sala de espectáculos e das suas dependências, assim como a sua relação como as ruas que limitam a sua implantação.

⁸⁴ João de Moura Coutinho (1872 – 1954) era natural de Braga onde desde cedo fez parte da direcção das obras públicas. Foi responsável por inúmeras obras deste carácter construídas em Braga, Coimbra e Lisboa.

A 23 km de Braga na cidade de Fafe foi inaugurado em 1924 o Cine-teatro de Fafe com uma lotação de 464 lugares encerrado nos anos 80. Em 2001, o órgão municipal tomou posse e iniciou em 2008 um processo de recuperação da sala de espectáculos e modernização do sistema de apoio às várias produções. Posteriormente foram contruídas em seu redor as novas instalações para o funcionamento da Academia de Música José Atalaya, um estúdio de cinema, uma sala polivalente para 150 utilizadores e as dependências dos artistas e da administração. Em relação ao Cine-teatro, este recebeu uma melhoria do acondicionamento térmico e acústico.



Fig. 5.10 e 5.11 – Imagens das fachadas sul do corpo adjacente ao Cine-teatro e fachada original a nascente.

Relativamente à sua localização, encontra-se numa zona central e histórica da cidade, bem preservada, junto às artérias principais. Este veio dar incentivo à criação de uma praça pública numa das laterais do edifício. Nesta situação, o Cine-teatro de Fafe, a sua recuperação, as novas dependências em anexo e o carácter da zona contribuíram para uma nova praça de fomento ao espaço público.



Fig. 5.16 – Corte longitudinal da sala de espectáculo do Cine-teatro de Alcobaça. Esquema das condições de visibilidade e projecção da cabina.

A excelência das localizações dos Cine-teatros apresentados fazem com que se analisem as implantações dos edifícios. Pela importância dos locais, as áreas em que se encontram são condicionadas quando os edifícios estão



Fig. 5.12 – Imagem da sala de espectáculos existente.



Fig. 5.13 – Vista do novo auditório anexo ao antigo



Fig. 5.14 – Fotografia das áreas de circulação a poente.



Fig. 5.15 – Fachada a poente.



Fig. 5.17 – Mapa de localização do Cine-teatro de Fafe e a área que compreende a nova praça.

desactivados. Esta realidade é mais evidente quanto menor a localidade.

Na cidade do Fundão existem o auditório de 120 lugares da Escola Secundária do Fundão e o recinto do Pavilhão Multiusos no Jardim Municipal. Por último, o edifício público de três pisos da Moagem com um auditório de 147 lugares e actual espaço que recebe a maior parte do programa cultural da autarquia. Embora eficiente, e contando com condições técnicas excelentes, o palco apresenta dimensões para pequenas produções de concertos, teatros e conferências.

Embora exista proximidade à Covilhã, as relações intermunicipais entre programas culturais continuam a ser reduzidas e a distância considerada longa. Deste modo, continua a faltar no Fundão um espaço para as grandes produções nacionais e internacionais que actuam nos ciclos programáticos das grandes salas de teatro e cinema do país do qual o Cine-teatro Gardunha poderia participar.

O Fundão é caracterizado pelas suas iniciativas entre a autarquia e as massas jovens para dinamizar as actividades socioculturais da zona, recorrendo ao que já existe para receber boa programação rentabilizada na adesão da população.

Todavia, a capacidade dos espaços existentes e dos palcos continuam a ser insuficientes para o dinamismo que já existe. Assim, são os espaços exteriores ou pavilhões desportivos com uma improvisação das condições necessárias ao espectáculo que continuam a ser os recintos dos grandes acontecimentos.



Fig. 5.18 – Fotografia do auditório do edifício da moagem. Plateia e acessos no nível térreo e cabina de projecção no nível superior.



Fig. 5.19 – Fotografia actual da fachda do Cine-teatro Gardunha para a Avenida da Liberdade.

Foi neste sentido que a Câmara Municipal do Fundão, muito recentemente anunciou oficialmente o interesse na sala de espectáculos de modo a devolver à cidade um espaço capacitado a que se possa associar a programação.

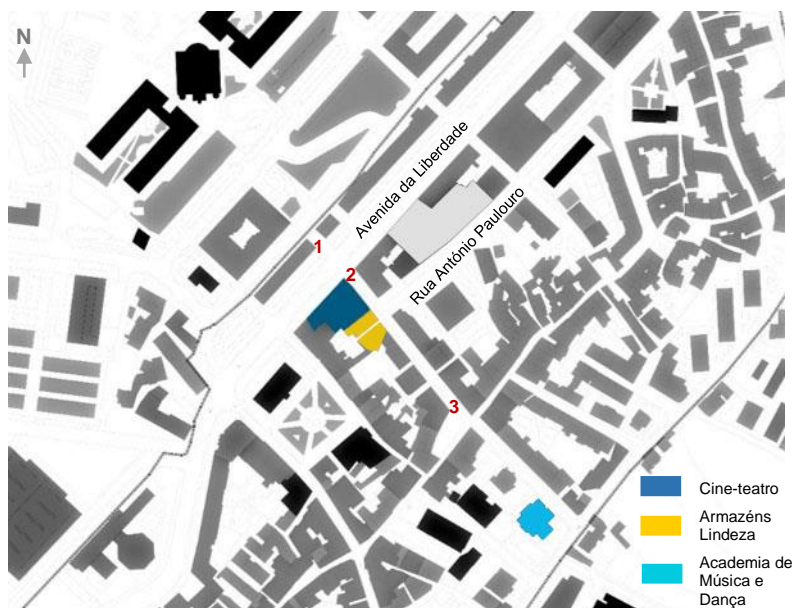


Fig. 5.20 – Planta do edificado da cidade, localização do Cine-teatro Gardunha e pontos de vista.

Da análise do Cine-teatro concluiu-se que a obra usufruía de uma vista desimpedida no encontro da Avenida da Liberdade e da rua Jornal do Fundão, uma zona consolidada, próxima aos principais serviços e comércio e de boas acessibilidades. Composta por ruas bem estruturadas, largos e praças tratados nos cruzamentos e espaços públicos adjacentes aos edifícios notáveis da cidade, além de representar a interface entre a zona antiga e nova da cidade.



Fig. 5.21 – Fotografia do Cine-teatro Gardunha na rua Jornal do Fundão.



Fig. 5.22 (Ponto 1) – Vista da rua Jornal do Fundão.



Fig. 5.23 (Ponto 2) – Vista da rua Jornal do Fundão.



Fig. 5.24 (Ponto 2) – Imagem da fachada para a Av. Liberdade.



Fig. 5.25 (Ponto 3) – Imagem do tratamento da Praça Velha.

A própria história do edifício, outrora ponto de encontro de pessoas que ainda são residentes, contribui para a vocação em servir um programa de palco e funcionamento como edifício público. Tal como a dimensão, a sobreposição de plantas que geram áreas amplas iluminadas, diversidade de espaços e grandes pés direitos e, claro, o tratamento em estilo *Art Deco*.

Embora estas circunstâncias viabilizem a conjugação de diversos programas, grande parte da área útil é reservada à circulação e átrios entre espaços, instalações técnicas desactualizadas e uma única circulação vertical em escada junto à entrada principal do edifício. Deste modo, uma das questões a ressaltar em relação à análise sobre as imposições e debilidades do Cine-teatro é a proporção entre área de circulação e área habitável. E, novamente, as condições de conforto térmico e acústico da sala de espectáculos, instalações segundo as actuais normas em edificações para o devido apoio aos vários programas, assim como a configuração para boas condições de visibilidade nas soluções que se possam propor.

A reflexão até ao momento vai de encontro a uma proposta de um equipamento cultural de uso público que não afecte radicalmente o edifício, descaracterizando-o e exigindo uma operação de outra natureza. Mantém-se um compromisso com as funções originais, explorando ao máximo a rentabilização das áreas de circulação, átrios e foyers⁸⁵. Foi a partir destas intenções e com a informação da posse do terreno adjacente a sudeste do edifício por parte do órgão municipal que se definiram os princípios da proposta.

Partindo do terreno referido surge uma interpretação e proposta de intervenção para a dinamização da zona afectada com uma concentração de usos segundo instalações autónomas, mas que possam funcionar em complementaridade programática e logística.

O critério de escolha para a segunda proposta, que substituiria os antigos armazéns Lindeza no terreno adjacente ao Cine-teatro, passou por uma ponderação sobre as instituições que geram valor para a cidade. Assim, constatando o desenvolvimento e sucesso do ensino da antiga Academia de Música e Dança da Santa Casa da Misericórdia, que se encontra restringida pela

⁸⁵ Consultar o programa e áreas originais do Cine-teatro Gardunha nas páginas 37 e 38.

insuficiência de espaços para o trabalho que desenvolvem⁸⁶, definiu-se o conteúdo programático como uma extensão das instalações da escola.



Fig. 5.26 – Fotografia do enquadramento do Cine-teatro e dos armazéns adjacentes na rua António Paulouro.

Esta opção colocou em evidência a importância da imagem da Rua Jornal do Fundão a nível do alçado da linha de edifícios formada pelo Cine-teatro Gardunha, o novo edifício para a Academia de Música e Dança seguido de um edifício de habitação de quatro pisos com galeria ao nível térreo. Outra questão será o encontro entre a rua António Paulouro com a rua Jornal do Fundão, perpendicular ao alçado da nova área. Finalmente, a conjugação entre a arquitectura do Cine-teatro, a sua traça, e o carácter do novo edifício, não querendo comprometer a importância do equipamento cultural e a harmonia das fachadas das ruas.



Fig. 5.27 – Imagem do Cine-teatro na rua Jornal do Fundão.



Fig. 5.28 – Armazéns Lindeza.



Fig. 5.29 – Imagem do edifício de habitação adjacente aos armazéns.

⁸⁶ Dulce Gabriel – *Academia de Música e Dança do Fundão precisa de espaço para crescer com som*, Jornal do Fundão, Edição de 7/072009.

5.1. Contextualização e definição do programa da proposta de intervenção

O Cine-teatro Gardunha do Fundão da autoria do arquitecto Willy Braun, inaugurado no dia 9 de Fevereiro de 1958, mantém-se encerrado desde o final da década de 80 e encontra-se actualmente classificado como imóvel de interesse municipal pelo IGESPAR.



Fig. 5.1.1 – Planta actual da cobertura do Cine- Gardunha e dos armazéns

Na análise da imagem urbana, o Cine-teatro Gardunha apresenta fachadas semelhantes para a Avenida da Liberdade e para a rua Jornal do Fundão com a torre em gaveto como referência do equipamento.



Fig. 5.1.2 e 5.1.3 – Fotografia do Cine-teatro Gardunha e do vão da torre.

A formalidade do Cine-teatro, comum a outros exemplos como o já referido Cine-teatro São João em Palmela, é própria da linguagem arquitectónica das construções no período do regime.

O Cine-Gardunha é caracterizado pelo rigor ortogonal da volumetria, dos elementos estruturais, vãos de portas e janelas, elementos de frisos e a própria estereotomia dos revestimentos. Aparenta robustez dada pela horizontalidade do volume que é contrabalançada pela presença da torre e relação da dimensão dos planos das fachadas e os vãos. Estes repetem-se num ritmo regular ao longo das fachadas, sendo mais verticais os da torre.

Ao contrário do Cine-teatro São João, o piso térreo do Cine-Gardunha é fechado, repetindo um ritmo de portas e janelas em caixilharia com guarda metálica. O deslizamento entre o plano da fachada do piso térreo e do piso superior definem um perímetro coberto em redor do edifício. Esta área é interrompida na torre que surge recuada e onde se localiza virada para a Avenida a entrada principal marcada por pala.



Fig. 5.1.6 e 5.1.7 – Fotografia dos vãos da fachada da Avenida da Liberdade e pormenor da pala e gradeamento da entrada.

Apresenta uma estrutura em betão e paredes em alvenaria de tijolo, revestido a pedra granítica no primeiro nível e rebocado e pintado a branco no segundo. No Cine-teatro Gardunha repete-se a platibanda ao longo de todo o edifício que limita o terraço acessível. As coberturas da torre e do segundo volume, correspondente ao depósito de água localizado acima do palco são formadas por quatro águas revestidas a telha.



Fig. 5.1.4 – Imagem dos anos 70 do Cine-teatro Gardunha na Avenida da Liberdade.



Fig. 5.1.5 – Imagem dos anos 60 do Cine-teatro São João.



Fig. 5.1.8 – Fotografia da entrada do Cine-teatro Gardunha.



Fig. 5.1.9 – Pormenor da platibanda e a intercepção com a torre.



Fig. 5.1.10 e 5.1.11 – Alçado da Avenida da Liberdade e alçado da rua Jornal do Fundão.

Finalizando a caracterização urbana da obra, fica evidenciada a sua dimensão em relação à envolvente próxima. De facto, é perceptível uma situação de monumentalidade dada pela sala de 700 lugares, pela exposição no declive da Avenida da Liberdade e pela situação de baixa altitude enquadrada pela envolvente de serra. O Cine-teatro aparece a partir dos vários pontos de vista como um elemento vertical de referência, gozando e proporcionando grande alcance visual.

Deste modo, tanto a proporção, o desenho das fachadas e a localização do edifício revelam a influência que o Cine-teatro tem sobre a envolvente próxima e a paisagem, acabando por o remeter inevitavelmente para o papel de grande equipamento cultural da cidade.

A planta trapezoidal do Cine-teatro ocupa uma área de implantação de 1045 m² e é composto por três pisos e subpalco, embora os alçados aparentem dois. O edifício foi implantado numa cota superior ao passeio, sendo os desníveis vencidos por meio de escadas em todos os acessos.

O Cine-Gardunha é constituído por um núcleo interior da sala de espectáculos e circulação na sua periferia. É nesta área que se localizam os acessos ao edifício, tanto pela entrada da Avenida como pelas portas duplas na rua Jornal do Fundão. O Café-cine continua a funcionar de forma autónoma a partir de dois acessos.



Fig. 5.1.12 – Imagem das portas de entrada da rua Jornal do Fundão. Destaque para as escadas de acesso à cota do edifício.

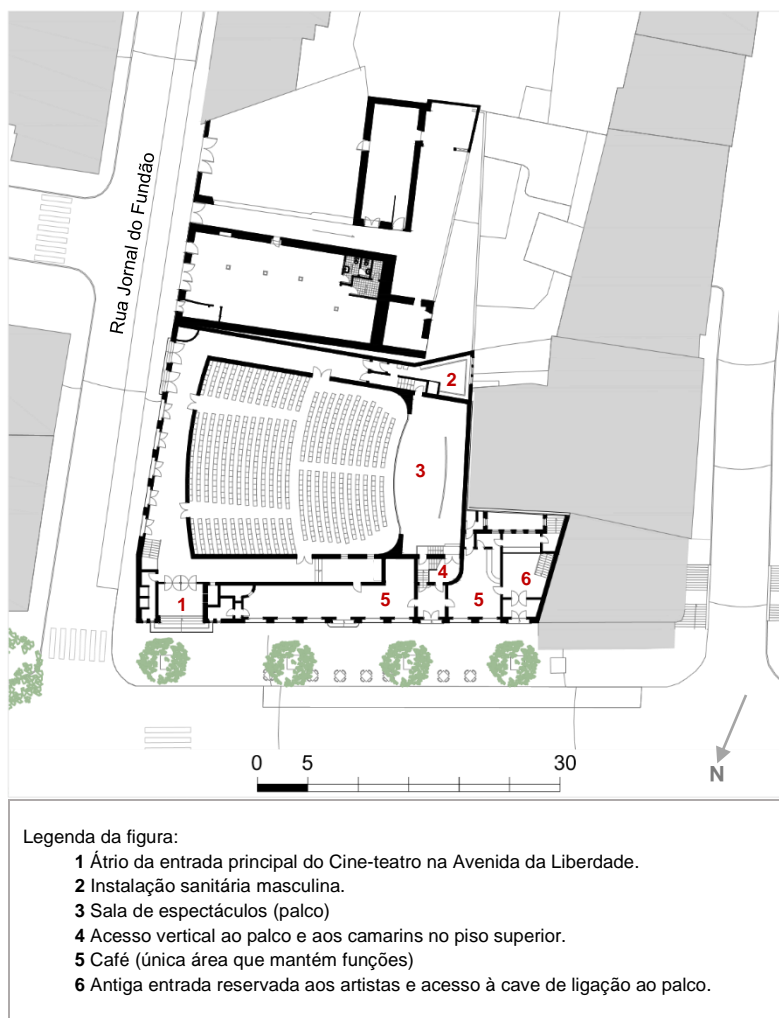


Fig. 5.1.13 – Planta original do piso térreo do Cine-teatro e localização dos usos.

Na entrada principal no piso térreo passa-se por um átrio exterior onde se localiza a bilheteira. Transpondo as portas de madeira que separam o interior tem-se acesso à bifurcação de duas áreas de distribuição com as entradas da sala de espectáculos. Também é na entrada que se situa a única circulação vertical pública de acesso ao piso superior. Na área paralela à Avenida da Liberdade localizam-se as instalações de um antigo acesso ao Café-cine e as escadas de acesso aos camarins dos artistas no piso seguinte.



Fig. 5.1.14 – Fotografia da entrada principal e escadas de



Fig. 5.1.15 – Vista da entrada da área de circulação paralela à Avenida da Liberdade.

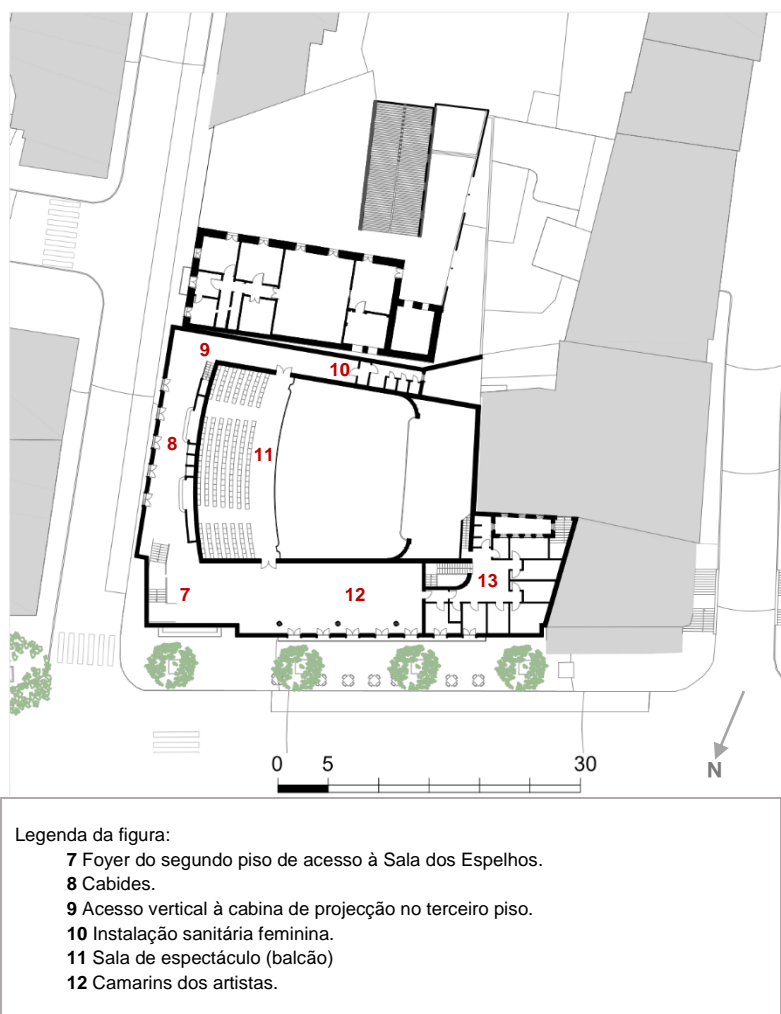


Fig. 5.1.16 – Planta do primeiro piso do Cine-teatro Gardunha e localização das funções.

No piso térreo, a escada adjacente à entrada principal dá acesso ao foyer da Sala dos Espelhos com ligação aos camarins. No primeiro piso, paralela à rua Jornal do Fundão, existe uma segunda área de circulação onde se encontram os cabides. Entre estes e a parede da sala de espectáculos situa-se o acesso à cabina de projecção.

A cabina localiza-se no último piso, no plano oposto ao palco da sala de espectáculos. É a partir desta dependência que é possível aceder ao andar da torre que por sua vez faz ligação ao terraço.



Fig. 5.1.20 e 5.1.21 – Fotografias da vista do terraço.



Fig. 5.1.17 – Sala dos Espelhos.



Fig. 5.1.18 – Escada de acesso adjacente à entrada principal.



Fig. 5.1.19 – Escada de acesso do Café-cine aos camarins.

A sala de espectáculos no núcleo central apresenta uma planta trapezoidal composta por plateia no nível térreo e balcão do segundo piso, palco e subpalco. A boca do palco tem 6,5 metros de altura, 12 metros de largura e o palco uma profundidade de 7,5 metros. O subpalco funcionava como cave e compreende o fosso da orquestra, cave e um antigo túnel de ligação ao acesso dos camarins.



Fig. 5.1.22 – Vista térrea da sala de espectáculos.

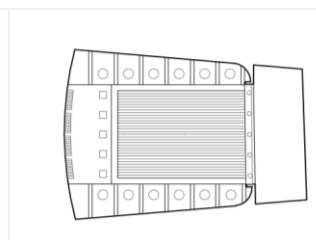
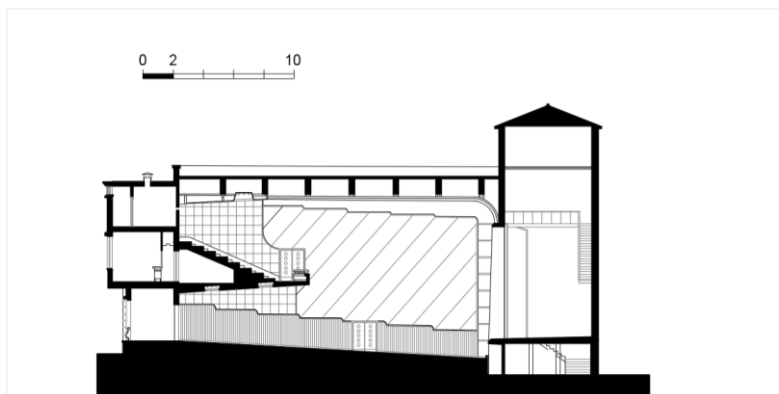


Fig. 5.1.23 e 5.1.24 – Corte da actual sala de espectáculo, subpalco e áreas de circulação. Desenho do tecto.

A sala apresenta tratamentos em estuque, revestimento em azulejos de grés azuis e madeira, o pavimento em alcatifa e as cadeiras de madeira pintadas a vermelho. A guarda do balcão é terminada num perfil em ferro. O espaço exhibe variedade de materiais e cores no estilo *Art Deco*, no entanto o desenho do tecto monocromático é o elemento predominante no tratamento geral.



Fig. 5.1.27 – Plateia abaixo do balcão.



Fig. 5.1.25 e 5.1.26 – Vista da sala de espectáculo a partir das entrada no balcão. Destaque para a iluminação, transição de materiais, palco e guarda.



Fig. 5.1.28 – Vista do palco da sala.



Fig. 5.1.29 – Pormenor do balcão e materiais de

Além da sala, o Cine-teatro apresenta detalhes nos tectos das áreas de distribuição e Sala dos Espelhos. Todavia, a leitura dos revestimentos e pavimentos do edifício é perturbada pelo estado de degradação do espaço interior.

A proximidade do Cine-Gardunha aos elementos geradores da cidade, as iniciativas locais, a exposição da Academia de Música e Dança como programa ideal a integrar as novas instalações, o vínculo da memória à arquitectura e a imagem radical que seria a sua demolição fazem com que a opção



Fig. 5.1.30 – Cadeiras em madeira.

seja requalificar a zona urbana tendo sempre presente o pré-existente.

Deste modo, a proposta terá em conta as condições resultantes dos contextos apresentados até ao momento. Nomeadamente as particularidades da arquitectura do Cine-Gardunha em relação à envolvente urbana de edifícios de habitação de 3 a 6 pisos e a formalização do novo edifício da escola. Outra restrição partirá da organização espacial existente, dada a sala de espectáculos ao centro e a relação da área útil e habitável. Também relacionada está a iluminação insuficiente do Cine-teatro cujos alçados apenas recebem exposição solar de norte e nascente. Este condicionamento deve-se à sua implantação, colocando em evidência que uma extensão de um terceiro alçado a sul para o terreno adjacente poderá viabilizar uma melhor iluminação e áreas possíveis para as dependências de apoio dos programas.

Finalmente, a sala de espectáculos estilo *Art Deco* que apresenta excesso de lugares, ausência de tratamento acústico e térmico, e uma grande degradação dos trabalhos em estuque e materiais de revestimento. No entanto, é a parede do balcão, a laje do terceiro piso e a cobertura que apresentam os maiores obstáculos devido a um incêndio nos anos 90 em que a estrutura foi comprometida.



Fig. 5.1.34 – Fotografia da degradação da parede do balcão provocada pelo incêndio.

A proposta terá tipologicamente como conceito um equipamento cultural de uso público com atendimento de segunda a sábado, exceptuando a sala de espectáculos que deverá funcionar conforme a agenda de eventos da autarquia.



Fig. 5.1.31 – Fotografia da área nascente do segundo piso. Destaque para a guarda que limita o poço das escadas.



Fig. 5.1.32 – Pormenor da intercepção do palco e a parede.

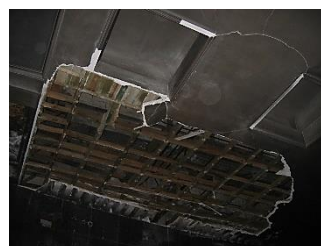


Fig. 5.1.33 – Pormenor da degradação do tecto na área correspondente ao balcão.

A nível da organização espacial, a função principal manter-se-á fiel à sala de espectáculos a partir de um controlo da lotação de 740 lugares. Também está prevista a extensão do palco para a recepção de médias e grandes produções artísticas. Será possível o programa de teatro, cinema, dança, concertos e conferências mediante o redimensionamento e a previsão dos apoios que lhe são complementares: a cabina de projecção, os espaços que fazem o apoio ao palco e à ventilação da sala, camarins para os artistas, bilheteira, instalações sanitárias e depósito. Outra funcionalidade a integrar é a dinamização da Sala dos Espelhos, considerado o espaço polivalente, servindo para eventos sociais com o apoio do café a partir da circulação vertical próxima. Poderá funcionar como sala de conferências com capacidade de 60 a 100 lugares, espaço para iniciativas locais e zona expositiva. Será proposto um acesso ao terraço para que possa funcionar como recurso para actividades exteriores e miradouro com horários controlados. Por fim, será determinante um estudo do máximo de combinações possíveis para potenciar as áreas de circulação existentes, pois são as únicas que se poderão tornar úteis para inserir o programa e dependências.

Assim sendo, deverá propor-se uma solução de rentabilização do espaço e das condições de iluminação a partir da flexibilização, utilização de materiais de boa durabilidade e resistência e melhoria da ventilação sempre que possível para introduzir o conforto térmico e acústico da construção do Cine-teatro Gardunha.

A proposta também terá em conta os acessos e instalações de acordo com os critérios de acessibilidade e segurança para idosos, pessoas fisicamente incapacitadas e restantes utentes. Ligações directas entre funções complementares para uma boa logística das acções, e propor obstruções não ofensivas para o controlo da frequência nos espaços. As soluções de intervenção terão de ir de encontro às características estéticas interiores de forma a obter uma imagem homogénea entre o existente e as alterações.

Quanto à Academia de Música e Dança da Santa Casa da Misericórdia, além do condicionamento que a imagem formal do novo edifício vai provocar na rua, terá em foco o momento de transição entre este e o alçado sul da proposta do Cine-teatro. Assim como a configuração geral do espaço público exterior que resulta. As demais restrições estarão confinadas ao programa que

se pratica no edifício existente na rua 25 de Abril e que terá de se estender à rua Jornal do Fundão salvaguardando a dinâmica já existente na escola.



Fig. 5.1.35 – Planta de coberturas das instalações da Academia de Música e Dança.

A instituição da Academia foi inaugurada em 1994 e desde sempre manteve uma ascensão no número de alunos pertencentes ao ensino de música e dança⁸⁷. Actualmente, são 350 os alunos a estudar no Fundão e 50 no estabelecimento na aldeia do Bispo em Penamacor a funcionar desde 2005.



Fig. 5.1.38 – Imagem da Academia e da rua 25 de Abril.

As instalações na rua 25 Abril são compostas pelo edifício original da Santa Casa da Misericórdia de 405 m² de área de implantação e um segundo auditório de 255 m² de 2000. A área do lote é ajardinada e compreende um grande espaço exterior com percursos de ligação entre os edifícios.



Fig. 5.1.36 – Imagem da rua Dr. Aurélio Pinto. Destaque para o pavilhão do auditório.



Fig. 5.1.37 – Imagem da entrada na rua 25 de Abril.

⁸⁷ Informação recolhida no site oficial da Academia de Musica e Dança do Fundão em http://www.amdf.pt/?section=submodule&sub=display&submodule_id=18.

O ensino é proporcionado em salas para formação instrumental, formação musical, uma sala de dança clássica e contemporânea, um espaço de biblioteca e leitura, recepção, administração e instalações sanitárias. O auditório tem a capacidade para 80 cadeiras amovíveis.



Legenda da figura:

- 1 Entrada da Academia.
- 2 Recepção.
- 3 Sala da dança clássica e contemporânea.
- 4 Salas de formação musical.
- 5 Gabinete administrativo e sala de reunião.
- 6 Salas de formação instrumental.
- 7 Biblioteca e sala de estudo.
- 8 Instalação sanitária feminina.
- 9 Instalação sanitária masculina.
- 10 Auditório de apresentações e sala de ensaios de música e dança.

Fig. 5.1.39 – Planta das instalações da Academia e localização dos usos.

A proposta é de extensão das funções devido à proximidade entre a escola existente e a zona de intervenção insistindo num eixo de concentração de usos e de importância da zona. Como a antiga escola goza de um grande pátio que determina a dinâmica da escola e o ensino integra alunos da pré-escola ao ensino superior, a intenção seria manter o sector de alunos mais novos no edifício original e manter as relações de lazer com o exterior. O sector dos alunos do ensino secundário e músicos profissionais seria transportado para as novas



Fig. 5.1.40 – Fotografia da entrada da Academia.



Fig. 5.1.41 – Vista das portas das salas de instrumentos.



Fig. 5.1.42 e 5.1.43 – Fotografias das salas de formação musical.



Fig. 5.1.44 – Sala de dança clássica e contemporânea.

instalações, prevendo um estúdio de gravação, espaços de ensino amplos e copa de apoio.

Embora possa haver flexibilidade nos critérios de divisão, a intenção seria beneficiar o ensino definindo uma educação especializada para a nova escola, áreas mais generosas e novos espaços de apoio à liberdade criativa.

A proposta terá em conta as garantias de conforto térmico e acústico, ventilação, boa iluminação e materiais resistentes e fácil manutenção, os acessos e instalações de acordo com as normas de acessibilidade e segurança.

5.2. Análise e memória descritiva da proposta

Apresentadas as restrições que resultam dos vários contextos do lugar, a proposta do programa para a intervenção terá como ponto de partida a exploração da flexibilidade possível no Cine-teatro. Assim como a análise de como deverá ocorrer a afectação no terreno adjacente para solucionar as necessidades do espaço.

O primeiro obstáculo tido em conta foi a degradação da cobertura, da laje do último piso e da parede estrutural do balcão, e a ausência de áreas amplas para usos. A primeira opção passou por manter a estrutura e criar um vão no primeiro piso para uma maior amplitude e uso do espaço. De seguida, a inclinação do balcão no primeiro piso de modo a obter um pé direito de 2,6 metros e possibilitando a circulação no conceito de uma galeria.

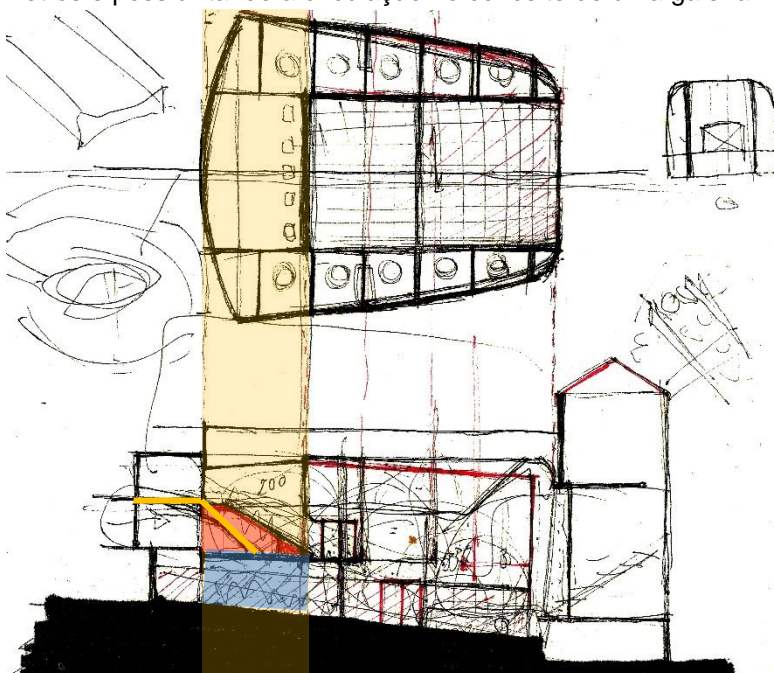


Fig. 5.2.1 – Corte pelo eixo de simetria da sala de espectáculos. É evidenciada a apropriação de área no piso inferior e o movimento do balcão. A solução passa por gerar pé direito abaixo do balcão e definir uma galeria.

Dado que a nova inclinação iria surtir problemas de visibilidade dos espectadores e de funcionamento da cabina de projecção, e admitindo a degradação da estrutura nesta área, optou-se por um deslizamento do balcão na direcção do palco.

A planta existente é composta por um núcleo interior e circulação exclusiva nas periferias, o que provoca um fechamento do edifício sobre ele mesmo. As próprias entradas não ligam a uma área ampla que, nos casos dos Cine-teatros, seria o foyer que se segue imediatamente ao átrio de recepção.

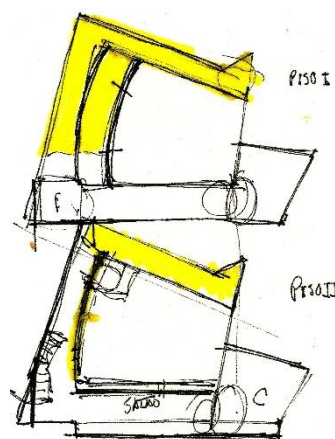


Fig. 5.2.2 – Esquemas de estudo das áreas de circulação no primeiro piso.

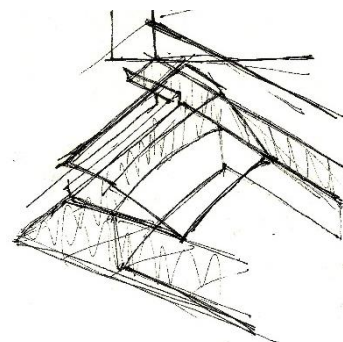


Fig. 5.2.3 – Axonometria do balcão e da nova galeria.

Legenda da figura:

- Limite original do balcão
- Apropriação no primeiro piso
- Área da galeria proposta.

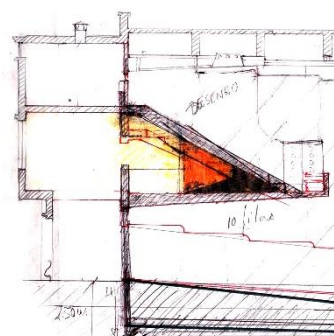


Fig. 5.2.4 – Corte da alteração de inclinação do balcão.

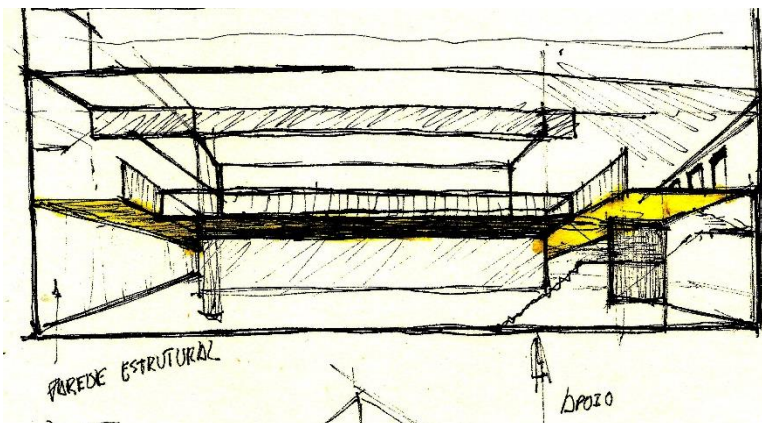


Fig. 5.2.5 – Perspectiva interior da galeria proposta. O quadro do desenho é o alçado da rua Jornal do Fundão.

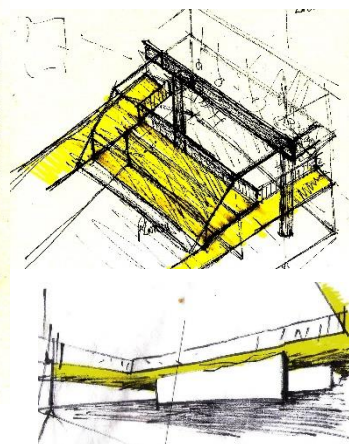


Fig. 5.2.7 – Desenhos dos espaços propostos no piso térreo e a sua relação com a galeria.

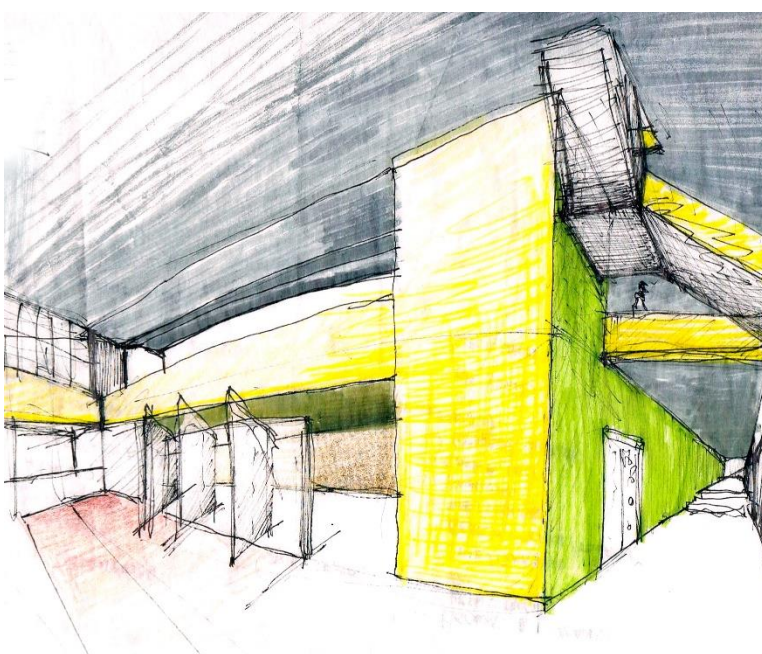


Fig. 5.2.6 – Perspectiva a partir da entrada principal do Cine-teatro. Os panos amovíveis perceptíveis no desenho têm o objectivo de possibilitar a compartimentação do espaço térreo em foyer e sala polivalente. A circulação à direita define o novo acesso interior ao Café-cine.

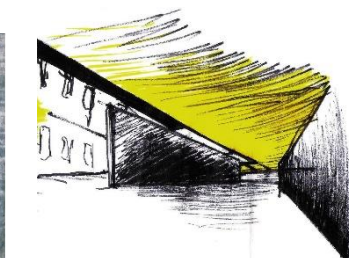


Fig. 5.2.8 – Perspectivas do vão de acesso ao novo espaço térreo. O plano do vão é corresponde ao antigo limite estrutural da sala de espectáculos.

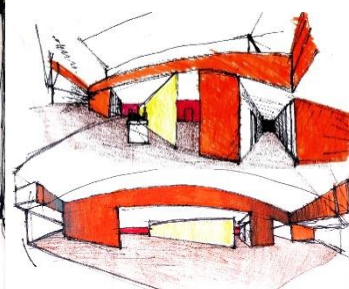


Fig. 5.2.9 – Vista do átrio da entrada principal.

Para o solucionar, tornou-se necessária a limitação dos lugares da plateia no piso térreo e a reconstrução do limite estrutural da parede oposta ao palco na sala de espectáculos. Esta continuaria a permitir a galeria no espaço anterior, a circulação na periferia, a introdução da iluminação no interior do edifício e a configuração de novos espaços.

Este é o ponto de partida para a melhoria das condições de habitabilidade do Cine-teatro ao mesmo tempo que se introduz a temporalização do percurso nas zonas de circulação através da integração de usos. O objectivo é um espaço contínuo sem compartimentação devido a longos e estreitos corredores de acesso.

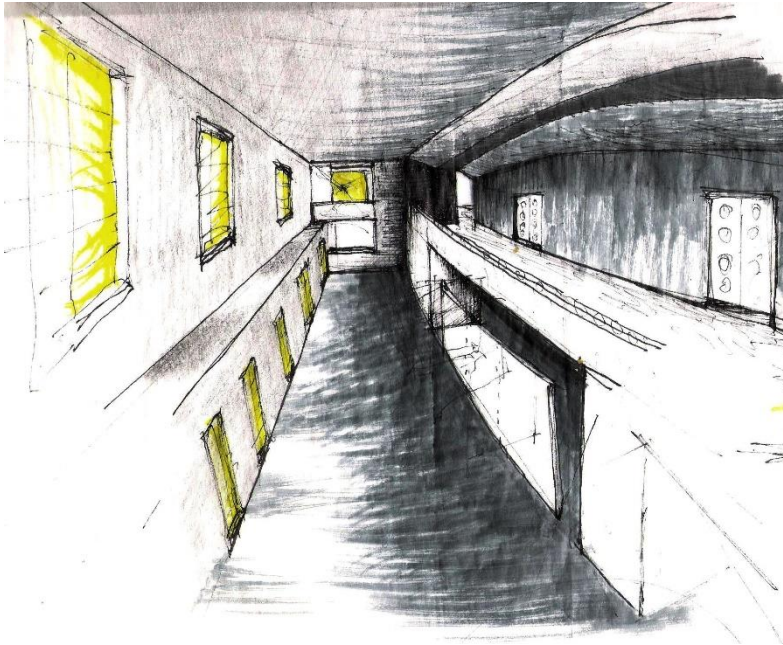


Fig. 5.2.10 – Perspectiva superior dos espaços propostos na área paralela à rua Jornal do Fundão. Ao fundo, a localização de um vão aberto a sul para área do terreno adjacente.

Ao introduzir a noção de espaços interligados tornou-se evidente a importância do alçado sul proposto para o Cine-teatro, actualmente um percurso sombrio que fecha nas instalações sanitárias. Com o interesse em transformar o pano cego sul num elemento translúcido, definiu-se a implantação das instalações da Academia de Música e Dança do Fundão na proposta urbana.

A configuração de uma rua de alçados alinhados deixou de funcionar, sendo necessário que a escola recuasse para o interior do logradouro e libertasse o pano do Cine-teatro. A análise do contexto urbano da obra, a sua posição sobre a Avenida da Liberdade e a necessidade de preservar a sua visibilidade determinaram a implantação da Academia em redor de um largo.

A opção influenciou fortemente aquilo que viria a ser a relação funcional da escola e a recepção do edifício. Assim como a imagem de conjunto que iria fechar a perspectiva da rua António Paulouro.



Fig. 5.2.13 – Alçado da rua Jornal do Fundão. Edifício de habitação com galeria ao nível térreo, proposta do novo edifício e Cine-teatro Gardunha.

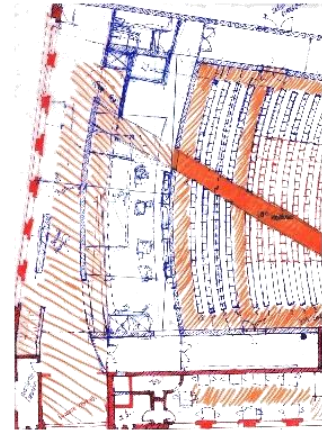


Fig. 5.2.11 – Planta do piso térreo da apropriação para usos.



Fig. 5.2.12 – Planta do piso térreo em que é evidenciado o movimento dos painéis.

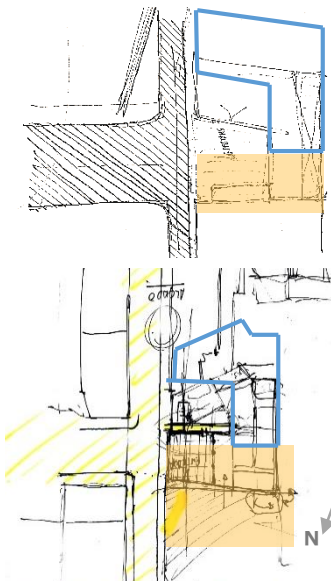


Fig. 5.2.14 e 5.2.15 – Esquemas de implantação da Academia.

O efeito produzido pelas novas imposições fazem dos elementos principais e geradores da intervenção a configuração do largo e a ligação da Academia ao Cine-Gardunha.

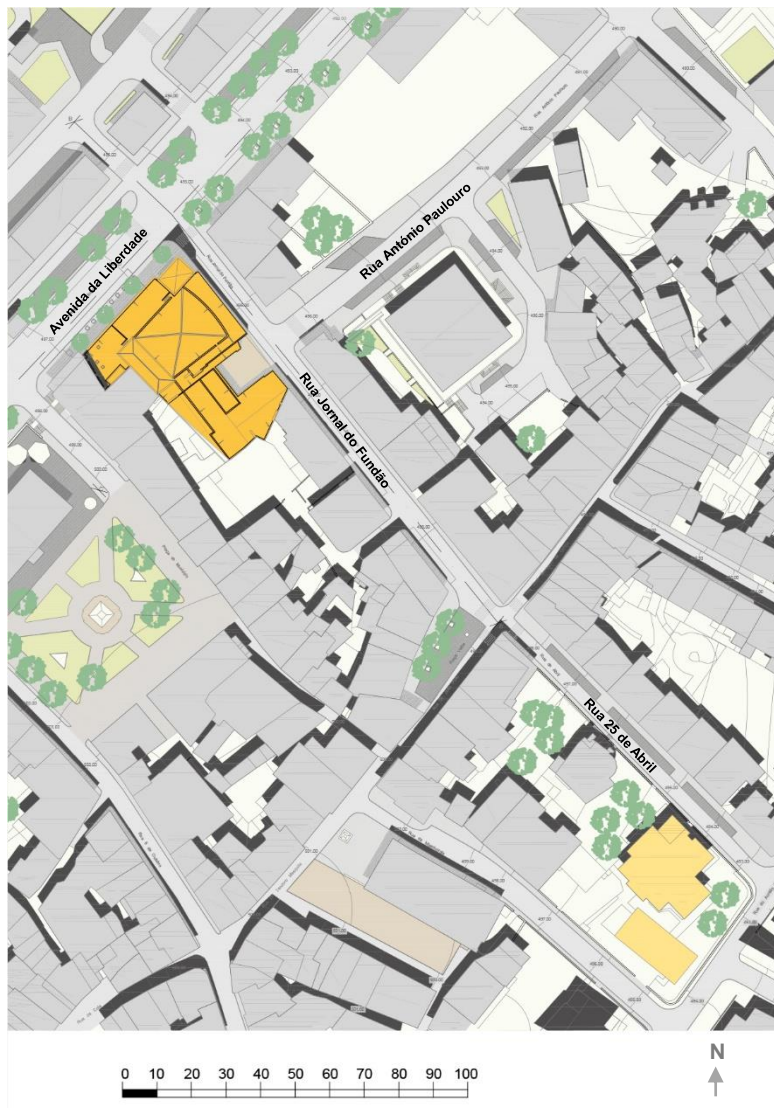


Fig. 5.2.16 – Planta de coberturas da proposta e localização da Academia de Música e Dança na rua 25 de Abril.



Fig. 5.2.17 – Fotografia da rua António Paulouro.

A ligação entre a obra e o edifício proposto foram determinadas pela necessidade de iluminação interior no Cine-teatro e as funções a este associadas.

Para assegurar a configuração de um espaço contínuo propôs-se um percurso rotativo ao longo do edifício. Assim, a existência de uma única circulação vertical e a relação exterior pretendida para o largo proposto deram imagem a outro acesso vertical. O novo elemento contribui para a interligação dos usos e um novo carácter da área afectada.

A escada proposta funciona em simetria à escada existente criando uma maior relação entre o primeiro e o segundo

nível. Para a sua formalização de modo a não representar um obstáculo foi necessário o alargamento da área de circulação sul do Cine-teatro⁸⁸.

A opção tem impacto tanto no interior como no exterior, sendo as segundas enunciadas quando abordada a organização e imagem formal do edifício adjacente.

Ao introduzir o conceito de interligação entre pisos estreitando as barreiras entre as áreas habitáveis e circulação, o efeito é uma grande área pública. Rapidamente ficaria claro o potencial da adaptabilidade do espaço para integrar a função museológica.

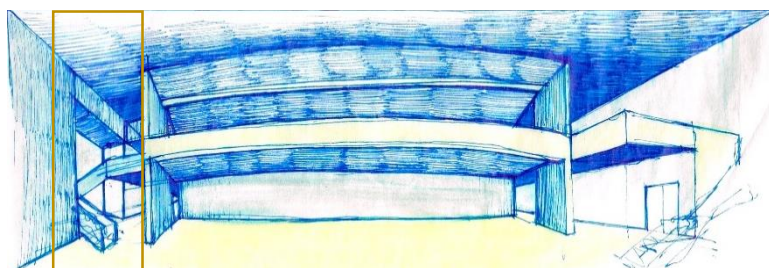


Fig. 5.2.18 – Perspectiva interior da circulação vertical e da galeria proposta. O quadro do desenho é o alçado da rua Jornal do Fundão.

Os espaços museológicos actuais apresentam flexibilidade a partir de elementos que alteram a configuração das áreas permitindo a satisfação de várias actividades expositivas. A resposta é tanto melhor quanto a liberdade artística que o espaço oferece. Podendo a expressão ir desde a exposição de uma pintura a uma performance, são necessárias várias ambiências no espaço, o controlo da iluminação, convertibilidade e uma circulação orientada.

Este tem que acondicionar e expor e até mesmo vender o objecto ou a performance apresentadas. Só assim é possível a formalização de um espaço de liberdade para o artista e a interacção com o público.

Por conseguinte, a programação do Cine-teatro Gardunha compreende a sala de espectáculos, palco, plateia no nível térreo e balcão. Na periferia da sala uma área de circulação contínua organizada em foyers, o espaço polivalente da Sala dos Espelhos e um circuito expositivo. As dependências dos programas são os camarins, cabina de projecção, subpalco, gabinetes de administração, bilheteira, bengaleiro instalações sanitárias e instalações para a ventilação dos espaços⁸⁹.

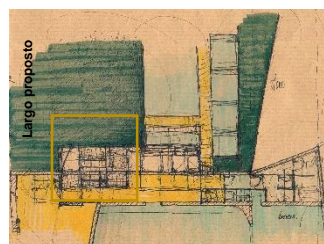


Fig. 5.2.19 – Esquemas de organização da Academia. Atenção para as escadas propostas para o Cine- Gardunha.

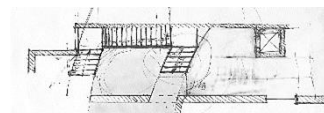
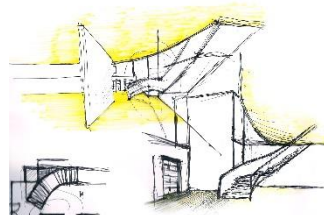


Fig. 5.2.20 – Esquema da circulação vertical proposta.



Fig. 5.2.21 – Desenhos da circulação vertical propostas.

⁸⁸ Consultar anexo das páginas 116 e 117 sobre a evolução da escada.

⁸⁹ Consultar anexo da tabela de áreas dos espaços propostos para o Cine-teatro Gardunha na página 114.

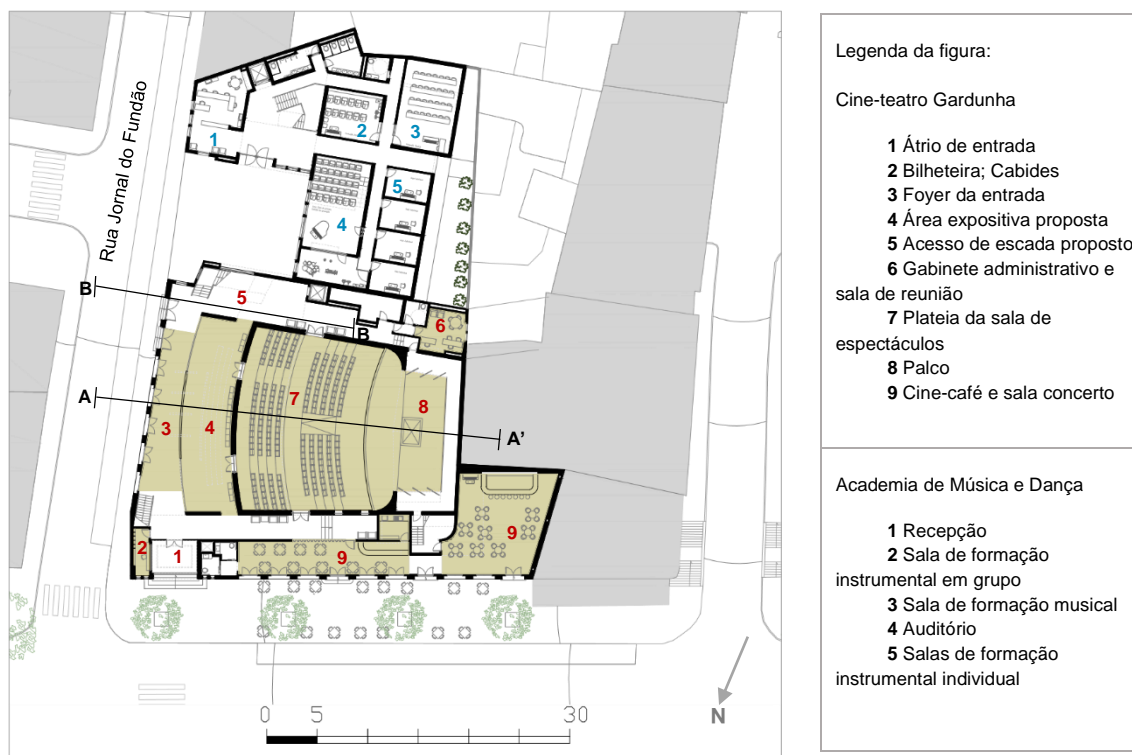


Fig. 5.2.22 – Planta do piso térreo da proposta para o Cine-teatro Gardunha e Academia de Música e Dança do Fundão.

A introdução do segundo acesso vertical contribui para a iluminação homogénea do interior. O controlo da exposição solar sobre as peças no programa museológico é feita por distanciamento às paredes requisitando o apoio de luz artificial.

O mesmo acontece no espaço inferior, posteriormente libertado para pertencer ao espaço público do edifício. A partir do apoio de uma estrutura em painéis em calhas desmontáveis esta área torna-se expositiva, ideal para projecções visuais ou instalações e performances consoante a recolha dos painéis.

Quanto à harmonia entre as alterações e o pré-existente, e quanto à forma como foram interpretadas, esta está clara no grande elemento da galeria. Além de respeitar a geometria da sala de espectáculos, a proposta foi projectada em função da curva da parede oposta ao palco, repetindo-o e ampliando-o para que fosse o elemento unificador do interior do Cine-teatro. A correspondência geométrica determinou o tratamento das superfícies para o conforto nos espaços, na formalização dos

tectos falsos para instalações técnicas, revestimentos e guardas.

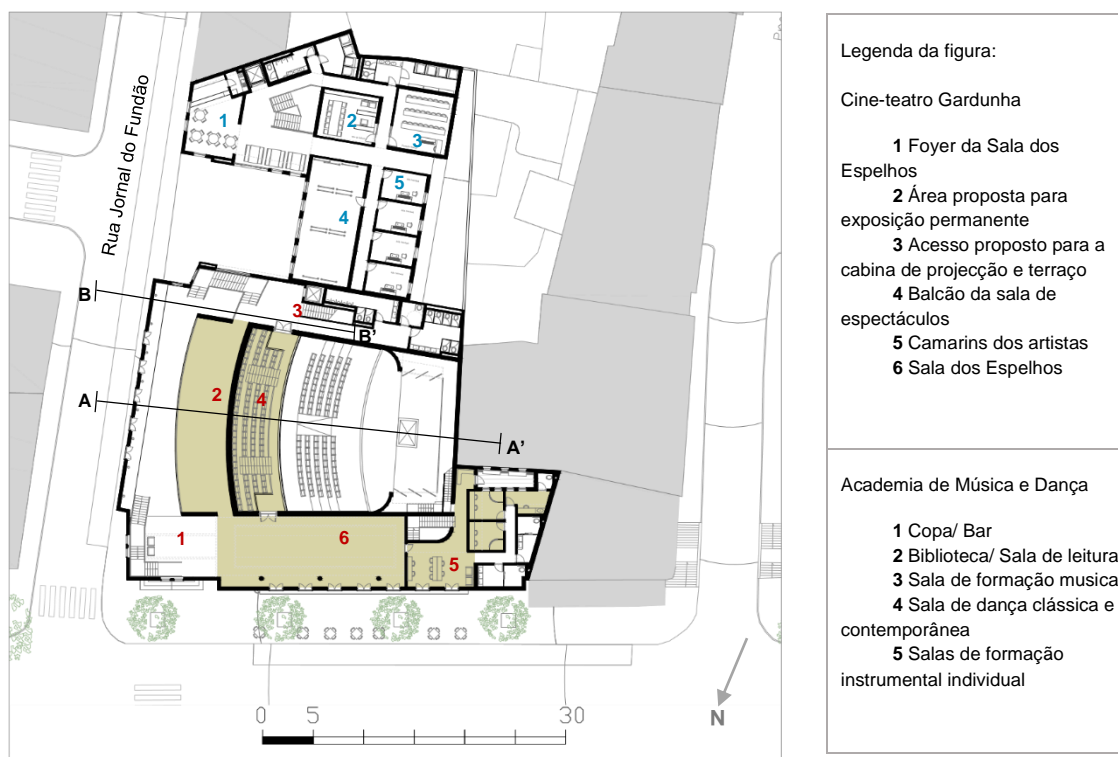


Fig. 5.2.23 – Planta do primeiro piso da proposta para o Cine-teatro Gardunha e Academia de Música e Dança do Fundão.

A Sala dos Espelhos é proposta para uso polivalente podendo ser organizada em pequenas plateias e eventos. Devido à sua superfície espelhada e área também disponibiliza um espaço de ensaios aberto às actividades locais.

Os camarins mantêm a mesma localização, mas organizados em espaços privativos e áreas comuns para a melhor logística como dependência do espectáculo. A área anterior ao palco é proposta para a exposição permanente que garante programação constante ao edifício.

Devido à apropriação do terreno adjacente, a área sul compreende as dependências técnicas do Cine-teatro referentes às instalações sanitárias, gabinete administrativo e sala de apoio à ventilação.

A sala de espectáculos, por sua vez, sofreu uma redução da lotação para 278 lugares. A organização actual mantém áreas para adicionar mais uma centena de lugares sentados devido aos amplos espaços de circulação. A plataforma do palco está a 1,10 metros de altura e tem mais 50 m² que permitem a exibição de grandes produções. A orquestra continua a existir ao fundo do palco e uma plataforma elevatória faz a ligação ao subpalco.

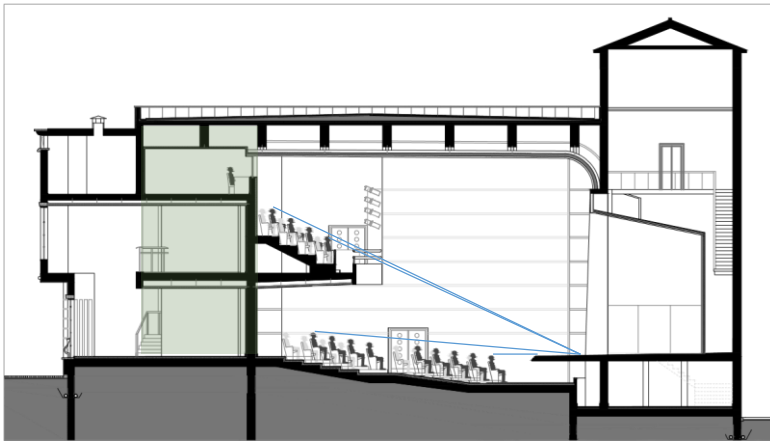


Fig. 5.2.24 – Corte longitudinal AA' da proposta para o Cine-teatro Gardunha. A área destacada é correspondente à área anteriormente dentro dos limites da sala de espectáculos.

A solução geral passa por procurar a concentração e controlo dos lugares existentes ao mesmo tempo que se garantem as necessárias condições de visibilidade, conforto térmico e acústico para a programação.

A projecção do som é condicionada pelos materiais absorventes de revestimento e pela nova caixa dentro do palco. Também está prevista uma concha acústica anterior à boca do palco movimentada a partir de um sistema de roldanas que controlará a sonorização para toda a sala ou apenas a plateia inferior. Esta solução torna-se a mais viável e menos dispendiosa para proporcionar um funcionamento parcial do espaço e dos elementos de apoio ao espectáculo.

Quanto à caracterização da sala de espectáculos, no desenho do arquitecto estava presente a intenção de um espaço revestido a estuque segundo linhas geométricas com um forte sentido de homogeneidade dos materiais. Na sala construída as composições geométricas estão presentes através da diversidade dos materiais e cores agora degradados.

Deste modo, simplificando a interpretação do desenho para introduzir o acondicionamento acústico propõe-se uma solução de tratamento que suavize o confronto entre os principais elementos de caracterização. Será importante preservar o tratamento do tecto e depurar os restantes planos com linhas geométricas que acompanhem os grandes planos da planta. Assim como atribuir uniformidade entre os elementos das guardas que caracterizam o Cine-teatro.

Também está prevista a localização permanente dos dispositivos de iluminação artificial e captação de imagem.

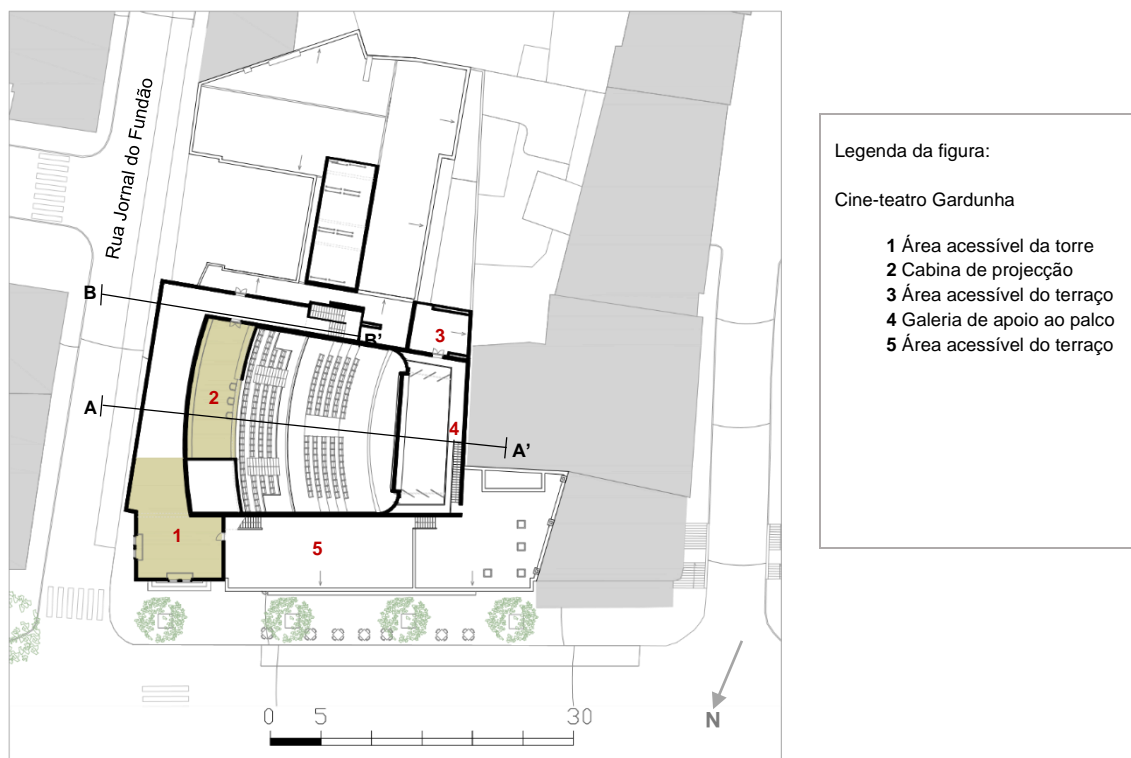


Fig. 5.2.25 – Planta do segundo piso da proposta para o Cine-teatro Gardunha e Academia de Música e Dança do Fundão.

No segundo piso, a cabina de projecção que acompanha o deslizamento do balcão mantém a área anterior liberta para permitir o acesso condicionado à torre e ao terraço.

Regressando à afectação no terreno adjacente, é a formalização das novas escadas que influencia a imagem do largo.

Inicialmente, tentou-se medir o impacto que as escadas iriam provocar na configuração dos alçados no espaço público exterior. Definiu-se que o terceiro alçado do Cine-teatro e os alçados do edifício da escola deveriam apresentar uma imagem de conjunto e representar de forma clara o largo. Para tal, seria necessário localizar as funcionalidades do interior da escola e assim determinar as imposições destas na imagem formal do espaço exterior.

Optou-se por uma organização que rentabilizasse a área de implantação num edifício de dois pisos com a circulação ao centro e espaços do programa da Academia em banda. A circulação vertical próxima da recepção do edifício e as instalações técnicas concentradas na área menos nobre⁹⁰.

⁹⁰ Consultar anexo da tabela de áreas dos espaços propostos para a Academia de Música e Dança na página 115.

Embora este fosse o princípio de organização, seria a localização da entrada a condicionar as funções.

Vista a intenção de um tratamento harmonioso entre os três alçados, seria natural introduzir a recepção do edifício no eixo da rua António Paulouro. Porém, a entrada e circulações verticais foram relocadas dado que a função que requisitava mais área apenas poderia estar compreendida na zona interior do logradouro. Deste modo, a recepção está mais próxima do passeio e na perspectiva dos principais fluxos pedonais e rodoviários que provêm da Avenida da Liberdade. As funcionalidades da Academia mantêm o distanciamento da rua para decorrerem e o próprio largo é uma recepção ao edifício.

Por conseguinte, de uma forma gradual alinharam-se no primeiro e segundo nível o auditório e estúdio de gravação com a sala de dança. Paralelas a estas, as salas de formação musical e instrumental na zona interior do quarteirão. As traseiras da Academia são limitadas por um pátio privado.

Reflectindo sobre as necessidades das várias funcionalidades da Academia que serão transpostas para os alçados e o alçado do Cine-teatro, concluiu-se que embora tratados como unidade, teriam que ser diferentes.

Assim, tornou-se essencial articular o antigo com o novo a partir de um elemento de transição, neste caso, a escada proposta para o Cine-teatro. Para unificar o tratamento dos alçados, esta funciona em paralelo com a entrada da escola, sendo estes os dois elementos de excepção da configuração formal do largo.

Por conseguinte, a primeira questão foi como se deveriam estabelecer as relações de importância entre os dois edifícios e o momento de transição da circulação vertical. Apesar de haver alguma viabilidade em tratar os alçados do largo para se dissiparem na rua e preservar o destaque do Cine-teatro, este desenho nunca dignificaria o papel da Academia de Música e Dança para a cidade. Este também produziria um problema de identidade do novo alçado do Cine-Gardunha por se uniformizar com um edifício de carácter diferente.

Estando as premissas definidas, a concretização numa imagem formal passaria por uma interpretação da arquitectura do Cine-Gardunha e dos Cine-teatros. Mesmo interpretado como uma

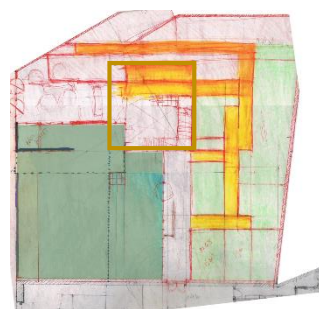


Fig. 5.2.26 – Esquema de organização da Academia.

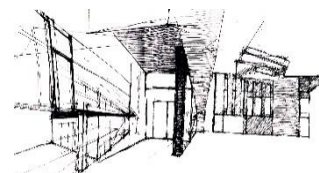


Fig. 5.2.27 – Desenhos do estudo da entrada da Academia.

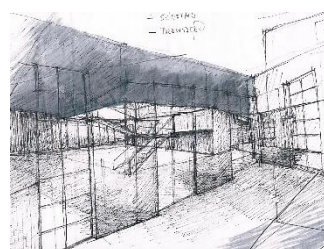


Fig. 5.2.28 – Perspectivas da circulação vertical interior da Academia.

extensão da imagem urbana, a imagem formal do largo pretende transmitir o que é novo como novo e o antigo como antigo.⁹¹

No estudo dos elementos arquitectónicos do Cine-teatro, destaca-se uma simetria geral da composição entre os elementos dos edifícios. Os vãos altos marcam os momentos de excepção no ritmo rigoroso das portas e janelas e existem linhas claras de horizontalidade e verticalidade dos frisos. Outra característica é o deslizamento horizontal entre os planos dos alçados. A entrada principal é destacada e apresenta grandes pórticos devido à inovação do betão.

Finalmente, para apresentar uma imagem clara das intenções do programa e do contexto urbano, a finalização da teorização sobre o acesso vertical da escada.

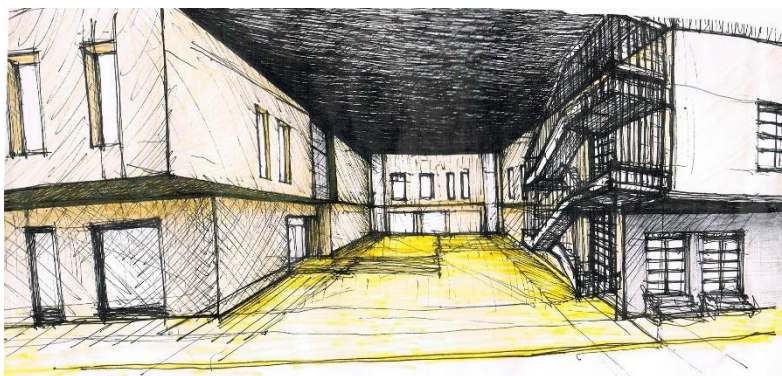


Fig. 5.2.29 – Perspectiva da formalização da proposta do largo. Atenção para o estudo da circulação vertical exterior.

Inicialmente, a escada seria exterior para não produzir uma saliência assimétrica na configuração rectangular do largo. Todavia, torna-se mais funcional que esta trabalhe no interior e tenha a mesma importância que a circulação existente do Cine-teatro.

Como a formalização da pele exterior do elemento dependeria da própria escada, e dada a importância que se atribui à curva para a proposta do espaço interior do Cine-teatro, adoptou-se a mesma orientação. Deste modo, também o volume interpreta a curva, sendo a solução uma transposição do interior.

Por conseguinte, a solução final é uma articulação entre os pés direitos e divisões de piso do Cine-Gardunha. A cércea da Academia aparenta ser constante através do volume da sala de dança.

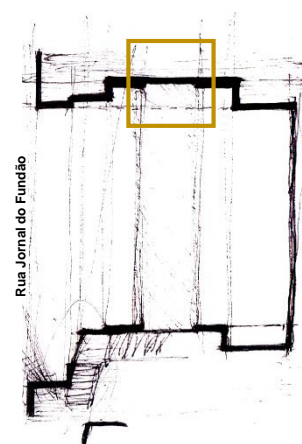


Fig. 5.2.30 – Esquema dos limites do largo proposto. Adopção da curva interior e relação entre o alçado proposto do Cine-teatro e a recepção da Academia.

⁹¹ Consultar anexo das páginas 117 e 118 sobre a evolução dos alçados.



Fig. 5.2.31 – Perspectiva da formalização da proposta do largo. Atenção para o estudo das cérceas dos edifícios e lógica dos vãos.

Após a definição das funções da escola e as conclusões sobre a arquitectura do Cine-teatro, na proposta dos alçados existe também a simulação de ritmo dos vãos. Estes são proporcionais aos vãos do Cine-Gardunha e apresentam uma imagem de conjunto do largo pontuado por momentos de excepção.⁹²

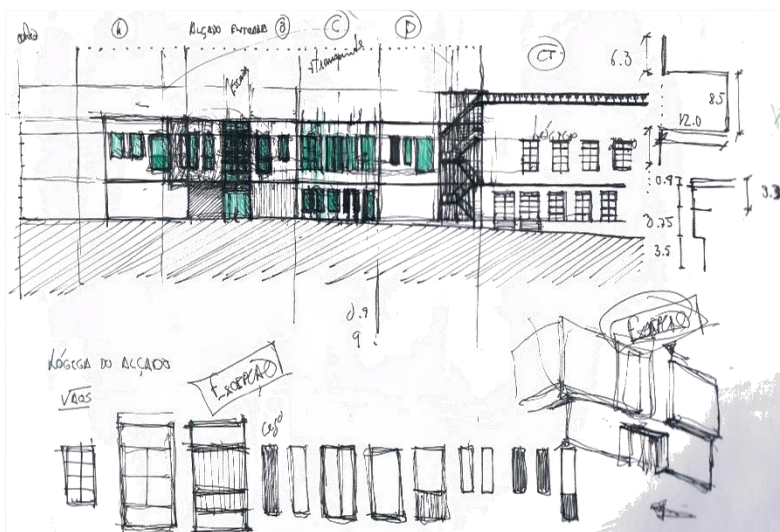


Fig. 5.2.32 – Estudo dos vãos para a proposta do largo. A lógica foi determinada pela dimensão, ritmo dos vãos, circulação vertical e pela ligação do Cine-teatro com o exterior.

O largo é equilibrado pela relação entre a entrada da Academia e o alçado oposto do Cine-Gardunha. Como o corpo da escada do Cine-teatro provoca um movimento para o exterior, o alçado da escola corresponde em simetria volumétrica para o interior. A configuração é proposta numa lógica de cheio e vazio.

⁹² Consultar anexo na página 120.

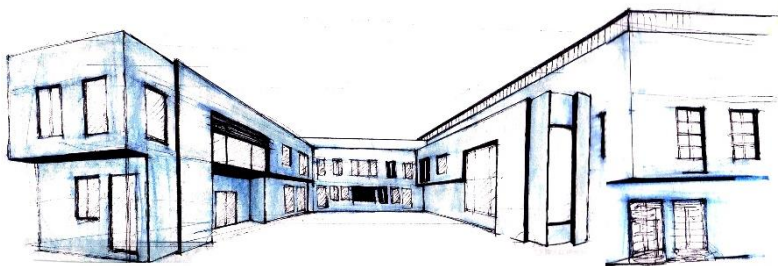


Fig. 5.2.33 – Perspectiva da formalização da proposta do largo. Volumetria final para o edifício da Academia e o alçado do Cine-teatro Gardunha.

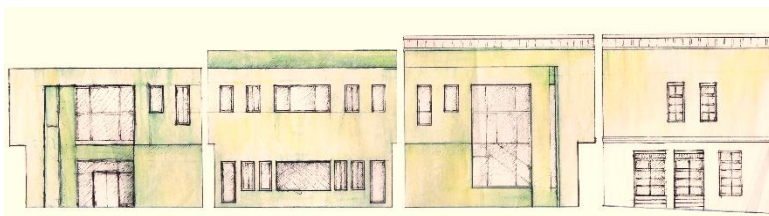


Fig. 5.2.34 – Composição do alçado da Academia e do Cine-teatro Gardunha. Estudo final da proposta.

Embora haja uma associação relevante entre os dois edifícios, é a multiplicação, sobreposição e deslizamento dos planos verticais que geram a imagem dos alçados. O desenho pretende associar a intervenção nova com o pré-existente mantendo a autonomia dos dois edifícios e o compromisso com a imagem do Cine-teatro.

O edifício da Academia tem diferentes requisitos para servir novos propósitos, mas os dois edifícios definem o mesmo espaço.



Fig. 5.2.35 – Desenho final da composição do alçado da Academia e do Cine-teatro Gardunha.

Quanto aos requisitos texturais, para que houvesse uma ideia de unidade no movimento dos planos verticais dos alçados, conclui-se que idealmente a escola deveria receber um revestimento uniforme. Assim, a fachada ventilada é rebocada e pintada a branco na sua totalidade, à semelhança do piso superior do Cine-teatro, havendo apenas uma diferenciação ao nível térreo.

6. Considerações finais

A proposta de intervenção no Cine-teatro Gardunha e o edifício da Academia de Música e Dança da Santa Casa da Misericórdia do Fundão tem como objectivo a satisfação das exigências da sociedade em questão salvaguardando o contexto patrimonial do lugar. Assim sendo, para salientar a importância da relação das pré-existências com os vários momentos de crescimento da cidade será importante apresentar um último caso sobre as estruturas que representam um testemunho físico e um sentimento ambíguo por parte das sociedades em que subsistem.

O mausoléu *Augusteum* em Roma, túmulo do primeiro rei de Roma, foi mandado construir como símbolo do império. O edifício foi desactivado e prevaleceu sob as formas de fortaleza, arena, depósito e actualmente habitação para os sem-abrigo. Roma reconstruiu-se ao longo do tempo mantendo no seu centro em constante transformação a memória do antigo império.

Esta lesão dos tecidos da cidade, que não se corrige nem se extingue, ilustra o apego desenvolvido pelas pré-existências. Mesmo que este seja um lugar silenciado pela sedimentação do tempo, mantém-se pela necessidade do ser humano em evitar as alterações dos hábitos e dos seus contextos para que a realidade que conhece não desapareça. Todavia, até o grande túmulo foi afectado e teve de se transformar para sobreviver, sem compromisso a ninguém ou uso específico, e a memória manteve-se.

Embora a arquitectura subsista numa situação de abandono, a sua sobrevivência passa por uma transformação. Pode-se afirmar que a circunstância que garantiu a participação do Cine-teatro é o permanente funcionamento do Café-cine. A total transformação do Cine-Gardunha é uma proposta de activação do edifício como um recurso da cidade.

A orientação programática e a sua formalização são com o propósito de devolver a obra como um espaço dinamizador dos contextos urbanos e socioculturais que afecta. Deste modo, tendo como limites as áreas de degradação do Cine-teatro, a aposta foi na flexibilização das áreas interiores ligadas em circuito para responder a um programa de usos de satisfação das necessidades da localidade.

O objectivo é condicionar ao mínimo a planta do edifício para que se possa adaptar no tempo consoante a exploração de áreas úteis. Para que o espaço funcione em correspondência ao indivíduo tem de orientar, sendo a via escolhida a percepção de uma organização espacial hierárquica, tanto interiormente como exteriormente, segundo o padrão de exigência da construção. O objectivo final é capacitar o Cine-Gardunha para responder num tempo diferente às privações culturais e às normas actuais de segurança e acessibilidade em edificações. No mesmo seguimento, é proposto um tratamento térmico e acústico quando necessário às superfícies interiores do Cine-teatro, com especial atenção à sala de espectáculos.

As afectações propostas de reabilitação são viabilizadas pelas actuais e avançadas técnicas construtivas no que refere à diversidade de materiais de revestimentos e superfícies falsas, dispositivos de aplicação para melhor se acondicionarem às exigências dos espaços e sistemas de sustentação para intervir com maior eficiência.

Quanto à formalização do alçado que aborda o tema da coexistência das pré-existências e as novas intervenções, procurou-se uma solução que gerasse uma transição natural entre as interfaces. Esta pressupõe uma integração num desenho equilibrado das novas funcionalidades com a arquitectura do Cine-teatro para que não haja um confronto com a imagem da memória da sociedade. Ou seja, manter dois edifícios funcionalmente independentes, que representam para o mesmo espaço público, contribuindo para a consolidação dos tecidos.

Os casos de estudo apresentados constituem o cenário da actual situação dos Cine-teatros e das medidas de reabilitação porque se têm optado. Numa perspectiva mais optimista, poderão clarificar as restrições e operações que são comuns ao conjunto de edificações para o aprofundamento do estudo.

No caso do Fundão, tratando-se do centro urbano em que as relações com as áreas da cidade são mais pessoais, foi com o intuito de não haver uma descaracterização dos contextos urbanos que se estabeleceu o compromisso com a arquitectura da obra. Quanto às relações com estes, previu-se a afectação do terreno adjacente da Academia de Música e Dança para a consolidação dos tecidos. A configuração geral da proposta foi de encontro a uma solução de conjunto concebida segunda a análise das pré-existências, atribuindo importância à zona.

Da perspectiva da coesão social para o desenvolvimento de uma identidade, a arquitectura é interveniente de acordo com o enquadramento que oferece. Para que esta funcione em correspondência à localidade deve haver uma análise que abranja não só os conteúdos ligados à reabilitação do edifício em si, mas também das interfaces com os contextos em que se encontram e a imagem geral do lugar.

Conclui-se deste modo que a arquitectura não vive isolada, pois mesmo inactivo o Cine-Gardunha continua a afectar o presente, tornando essencial a sua habitação e integração. No que respeita à carga de responsabilidade humana nesta acção, é papel das autarquias criar substância de programas para que haja frequência no espaço.

A demolição do depósito que é a obra do Cine-teatro Gardunha resultaria na possível perda de uma das principais componentes da identidade da área, assim como um exemplo de um período de edificação da arquitectura portuguesa.

Das características que marcaram a sua edificação, distinguem-se os planos urbanos que definiram praças e grandes artérias da cidade segundo a concentração de edifícios notáveis. A intenção da proposta é reactivar o Cine-Gardunha e expandir a influência da escola numa intervenção integrada que salvguarde os contextos urbanos numa perspectiva de sustentabilidade. A valorização do centro urbano é potenciado quanto maior o planeamento, a área tida em conta e a atenção ao carácter das pré-existências, sendo reconhecidas como as áreas mais dinamizadoras das cidades as que anexam as actividades dos vários sectores.

O novo conjunto de edifícios integra uma vertente programática de contributo para o desenvolvimento da população local, da população dos centros urbanos mais próximos e provenientes do sector turístico. A degradação irreversível sem intervenção terminaria na demolição, sendo importante o registo e levantamento detalhado do existente para a aplicação de qualquer operação.

7. Bibliografia

Livros:

ACIOLI, José de Lima – *Física básica para arquitectura*. Unb. Brasil, 1994.

ALMEIDA, Pedro Vieira de - *A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica*. Livros Horizonte. Lisboa, 2002.

BENEVOLO, Leonardo – *A cidade e o arquitecto: método e história na arquitectura*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

COELHO, A. Baptista (Coord.) – *Humanização e vitalização do espaço público*. Lisboa: LNEC, 2005.

FERNANDES, José Manuel – *Português Suave – Arquitectura do Estado Novo*. Lisboa: IPPAR, 2003.

FORTUNA, Carlos – *A cidade e o turismo. Dinâmicas e desafios do turismo urbano em Coimbra*. Lisboa: Edições Almedina, 2012.

MARQUES, Fernando Moreira - *Os Liceus do Estado Novo: Arquitectura, Currículo e Poder*. Lisboa: Educa, 1999.

MENEZES, Marluci – *Modalidades de Uso/Apropriação e o Planeamento dos Espaços Públicos Urbanos – Contributos para a análise e intervenção*. Lisboa: LNEC, 2007.

LAMAS, José M. Ressano Garcia – *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

LITTLEFIELD, Daniel – *Metric Handbook Planning and Design Data*. Oxford: The Architectural Press, 2008.

PEREIRA, Nuno Teotónio - *A Arquitectura do Estado Novo de 1926 a 1959*. Lisboa: Edições Fragmentos, 1987.

RODEIA, João Belo; TOSTÕES, Ana; LACERDA, Manuel - *Arquitectura Moderna Portuguesa, 1920-1970*. Lisboa: IPPAR, 2004.

SILVA, Susana Constantino Peixoto da – *A arquitectura de Cine Teatros: Evolução e Registo [1927-1959.] Equipamentos de cultura e lazer em Portugal no Estado Novo*. Lisboa: Edições Almedina, 2010.

TORRIJOS, Fernando – *Arte efemero y espacio estetico. Sobre el uso estético del espácio*. Barcelona: Anthropos, 1988.

Teses de licenciatura, mestrado e doutoramento:

CENTENO, Maria João Anastácio – *As organizações culturais e o espaço público – a experiência da Rede Nacional de Teatros e Cine-teatros*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova, Junho 2010. Dissertação de Doutoramento em Ciências da Comunicação.

DÂMASO, Ana Cláudia Ferreira – *Programação em rede. Estudo de caso: Montijo e Palmela*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Fevereiro 2013. Dissertação de Mestrado em Práticas Culturais para Municípios.

FAVACCHINO, Alberto Rizzone – *O planeamento do espaço público e a qualidade das cidades*. Lisboa: Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, 2002. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura.

FELINO, Ana Isabel Pinto de Oliveira – *Os cinemas em Portugal - A interpretação de um arquitecto: Raul Rodrigues Lima*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Outubro 2008. Prova final de licenciatura em Arquitectura.

FERREIRA, Rui – Sousa Bastos - *A recuperação e reconversão do antigo Teatro*. Coimbra: Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, Dezembro 2011. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura.

MOREIRA, Ana Silva – *Novas tendências do habitar – A habitação do Futuro vista pelo cinema*. Lisboa: Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, Junho 2012. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura.

OLIVEIRA, Francisco Carlos Almeida do Nascimento e – *Os novos lugares do habitar e as formas de apropriação contemporâneas*. Lisboa: Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, 2001. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura.

ROSA, André Veiga – *Construir no construído. Heterotopia e o Habitar Contemporâneo – Projecto para o Convento de Santo António dos Capuchos*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2011. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura.

SERRAT, Bárbara Suassuna Bent - *Iluminação cénica como elemento modificador dos espectáculos: os seus efeitos sobre os objectos de cena*. Brasil: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação de Mestrado em Ciências da Arquitectura.

Artigos:

FRANCISCO, Nuno – *Cine-teatro Gardunha – E agora como recuperá-lo?* Jornal do Fundão, Fundão. Secção Fundão, 2008.

FRANCISCO, Nuno – *Retomar a ligação directa entre o Café-cine e o Cine-teatro.* Jornal do Fundão, Fundão. Arquivo: edição 19 Julho, 2007.

RODRIGUES, Ana Ribeiro – *Aposta na cultura – Cine-Teatro Gardunha vai ser recuperado.* Jornal online da UBI, Covilhã. Edição nº 255, 27 Dez. 2004.

Documentos e legislação:

Resolução do Conselho de Ministros nº82/2000 de 10 de Julho de 2000. I – Série B. Revisão do Plano Director Municipal do Fundão.

Despacho nº 14/404 de 7 de Julho de 2004. I – Série B. Ministério das Cidades, Ordenamento do Território e Ambiente – Gabinete do Ministro.

Decreto-Lei nº 307/2009 de 23 de Outubro de 2009. 1ª Série. Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional. Regime jurídico da reabilitação urbana.

Edital nº 993/2012 de 9 de Novembro de 2012. 2ª Séria. Aprovação da Aru do Município do Fundão.

Bibliografia electrónica:

<http://architecturelinked.com/profiles/blogs/calatrava-and-the-nyc-ballet> - *New York City Ballet*, Estados Unidos.

<http://architizer.com/projects/dance-studio-in-tribeca/#.UpyjJ8RdWSp> – Estúdio de Dança em Nova Iorque, Estados Unidos.

<http://censos.ine.pt> – Censos 2001 e 2011.

<http://chronicle.com/blogs/buildings/a-2-year-colleges-performing-arts-center-intends-to-be-a-landmark/21431> - Centro de Artes Performativas em *Washington*, Estados Unidos.

<http://concursosdeprojeto.org/2012/07/16/museu-de-arte-em-tianjin-china/#jp-carousel-19445> – Museu de arte em Taiji, Japão.

<http://euro.harlequinfloors.com/en/news/case-studies/case-study-american-academy-of-dance-paris/> - Academia Americana de Dança em Paris, França.

<http://europaconcorsi.com/projects/138263-Pedro-Santos-Arquitectura-Lu-s-Fl-rio-Arquitecto-Nelly-Prazeres-Jo-o-Saleiro-Museu-Do-Carro-El-ctrico> – Museu do Carro Eléctrico no Porto.

<http://kostasvoyatzis.wordpress.com/2007/03/16/national-ballet-school-project-to-win-aia-2007-honor-award-for-architecture/> - projecto para a Escola Nacional de *Ballet* do Canadá, Toronto.

www.amdf.pt – Academia de Música e Dança da Santa Casa da Misericórdia do Fundão.

www.architectural-review.com/belfasts-metropolitan-arts-centre-by-hackett-hall-mcknight/8629276.article - Centro metropolitano de Artes em Belfast, Irlanda.

www.arq.ufsc.br/~labcon/arq5661/trabalhos_2002-1/Acustica_Arquitetonica - Informação sobre acústica em edifícios.

www.bib-palmela.rcts.pt – Biblioteca de Palmela.

www.dezeen.com/2012/04/20/civic-centre-in-palencia-by-exit-architects/ - Centro Cívico em Palência, Espanha.

www.dezeen.com/2012/07/16/music-school-louviers-extension-by-opus-5/ - Escola de Música na Normandia, França.

www.monumentos.pt – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico.

www.cm-braga.pt – Câmara Municipal de Braga.

www.cm-castelobranco.pt – Câmara Municipal de Castelo Branco.

www.cm-fundao.pt - Câmara Municipal do Fundão.

www.cm-matosinhos.pt – Câmara Municipal de Matosinhos.

www.cm-palmela.pt - Câmara Municipal de Palmela.

www.cm-covilha.pt – Câmara Municipal da Covilhã.

www.etu.pt/conchas-acusticas.html - Informação sobre conchas acústicas.

www.patrimoniocultural.pt – Direcção Geral do Património Cultural.

www.portzamparc.com/en/projects/paris-opera-ballet-school/ - Escola de Ópera e *Ballet* Nacional de Paris, França.

www.proder.pt/conteudo.aspx?menuid=385 – Programa de Desenvolvimento Rural.

www.qca.pt/iniciativas/leader.asp - Quadro Comunitário de Apoio. Iniciativa LEADER.

www.qren.pt – Quadro de Referência Estratégico Nacional.

www.rcb-radiocovadabeira.pt/pag/21169 - Rádio Cova da Beira

www.rude-adr.pt – Associação de Desenvolvimento Rural.

8. Anexos

8.1. Tabela de áreas da proposta

Cine-teatro Gardunha

|

ÁREA DE IMPLANTAÇÃO

1111 m²

ÁREA BRUTA DE CONSTRUÇÃO

2298 m²

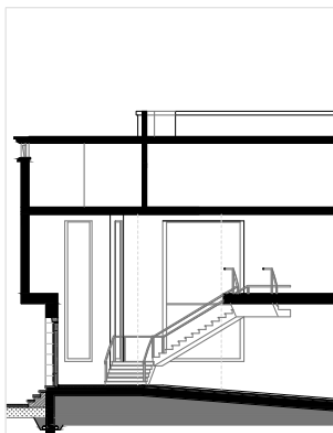
Pisos		ABC/m ²	Área útil/ m ²	Área hab/ m ²	Programa de usos e espaços complementares	Área útil/ m ²
CINE-TEATRO GARDUNHA	PISO 0	1019	911	640	Átrio de entrada	15
					Bilheteria/Cabides	7
					Foyer da entrada	32
					Área expositiva proposta	139
					Administração	24
					Sala de espectáculos	355
					Cine-café e sala de concertos	158
					Instalações de ar condicionado	14
	PISO 1	711	613	377	Foyer da Sala dos Espelhos	28
					Área proposta para a exposição permanente	97
					Balcão da sala de espectáculos	84
					Camarins dos artistas	116
					Sala dos Espelhos	132
					Instalações sanitárias	35
	PISO 2	880	310	154	Cabina de projecção	82
					Área acessível ao nível da torre	188
					Área acessível do terraço	312
	COBERTURA	532	353		Área acessível do terraço	353

Academia de Música e Dança
da Santa Casa da Misericórdia do Fundão

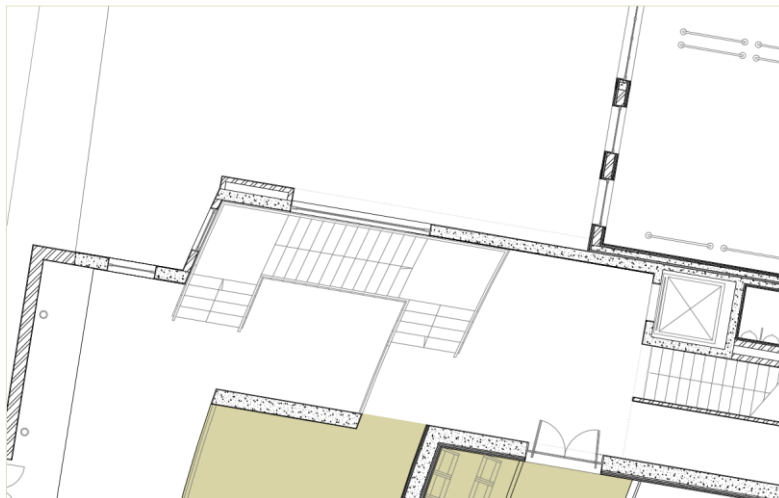
ÁREA DE IMPLANTAÇÃO	440 m ²
ÁREA BRUTA DE CONSTRUÇÃO	859 m ²
ÁREA EXTERIOR 1 (LARGO)	132 m ²
ÁREA EXTERIOR 2 (PÁTIO PRIVADO)	80 m ²
ÁREA TOTAL DO LOTE	652 m ²

Pisos		ABC/m ²	Área útil/ m ²	Área hab/ m ²	Programa de usos e espaços complementares	Área útil/ m ²
CINE-TEATRO GARDUNHA	PISO 0	436	401	227	Átrio da entrada	35
					Recepção	13
					Administração	23
					Sala de formação instrumental em grupo	26
					Sala de formação musical	48
					Salas de formação instrumental individual	49
					Auditório	52
					Estúdio de gravação	18
					Instalações sanitárias	30
	PISO 1	453	407	236	Copa/Bar	56
					Biblioteca/Sala de leitura	26
					Sala de formação musical	34
					Salas de formação instrumental individual	49
					Sala de dança clássica e contemporânea	70
					Instalações sanitárias (balneários)	48
	COBERTURA	440				

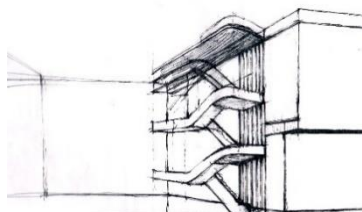
8.2. Estudo da proposta do acesso vertical para o Cine-teatro Gardunha



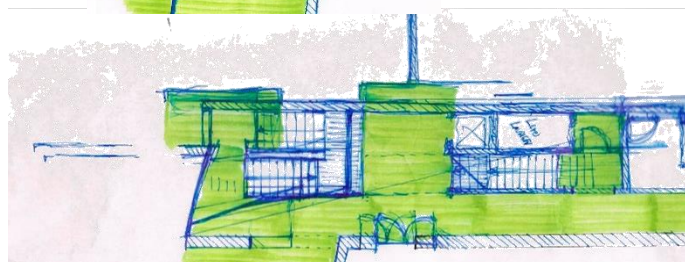
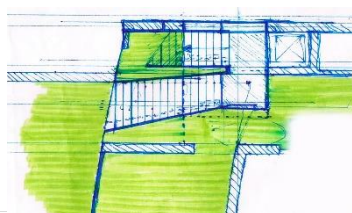
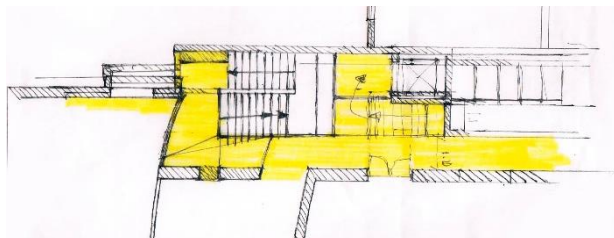
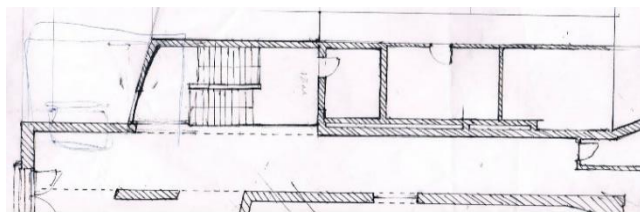
Corte BB' do acesso vertical proposto para o Cine-teatro Gardunha.



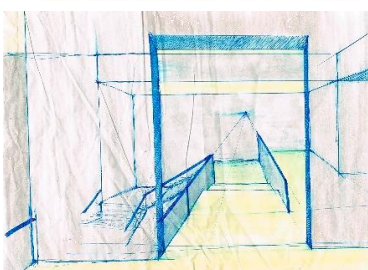
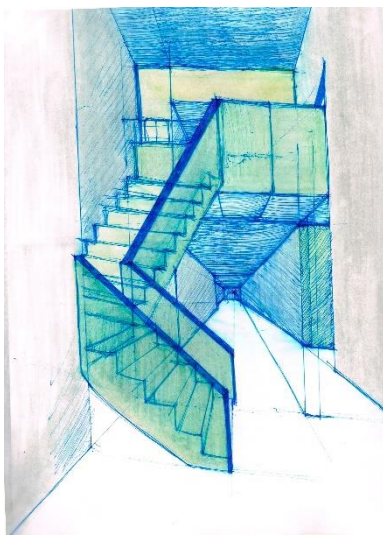
Planta do nível II do Cine-teatro. Pormenor dos acessos verticais propostos.



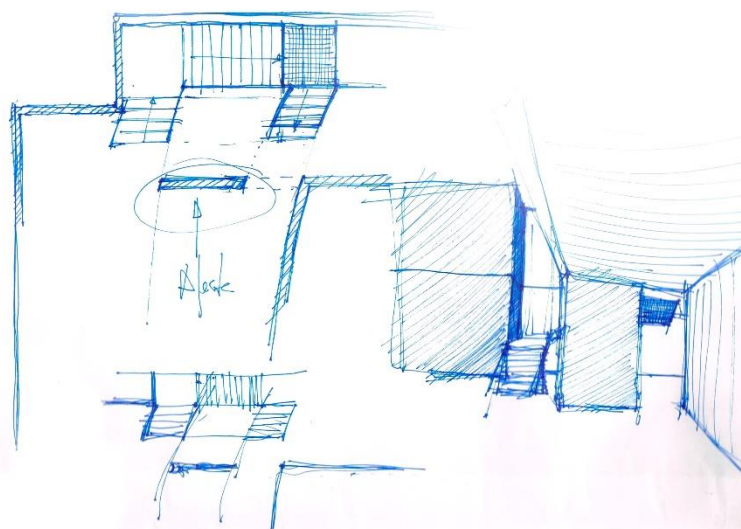
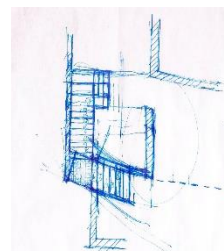
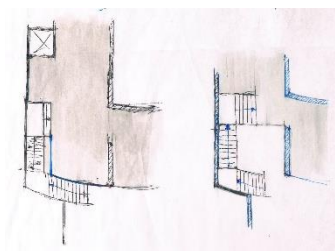
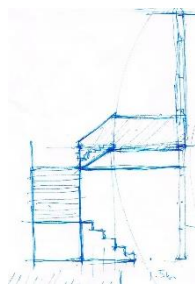
Perspectiva da escada do Cine-Gardunha pelo exterior.



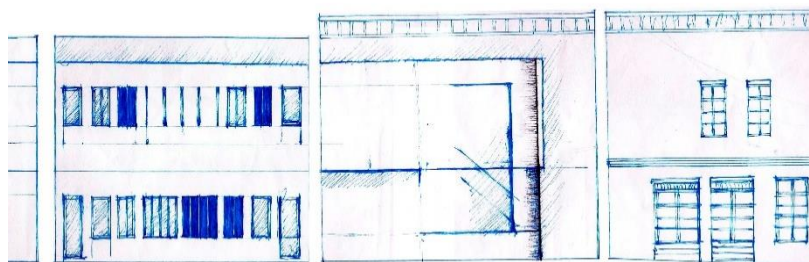
Soluções em plantas da escada. Inicialmente, esta seria de dois lances por piso de modo a continuar para o nível do terraço. Posteriormente, enfatizou-se o arranque do acesso vertical e secundarizou-se o prolongamento ao último piso.



Perspectiva da formalização da escada.

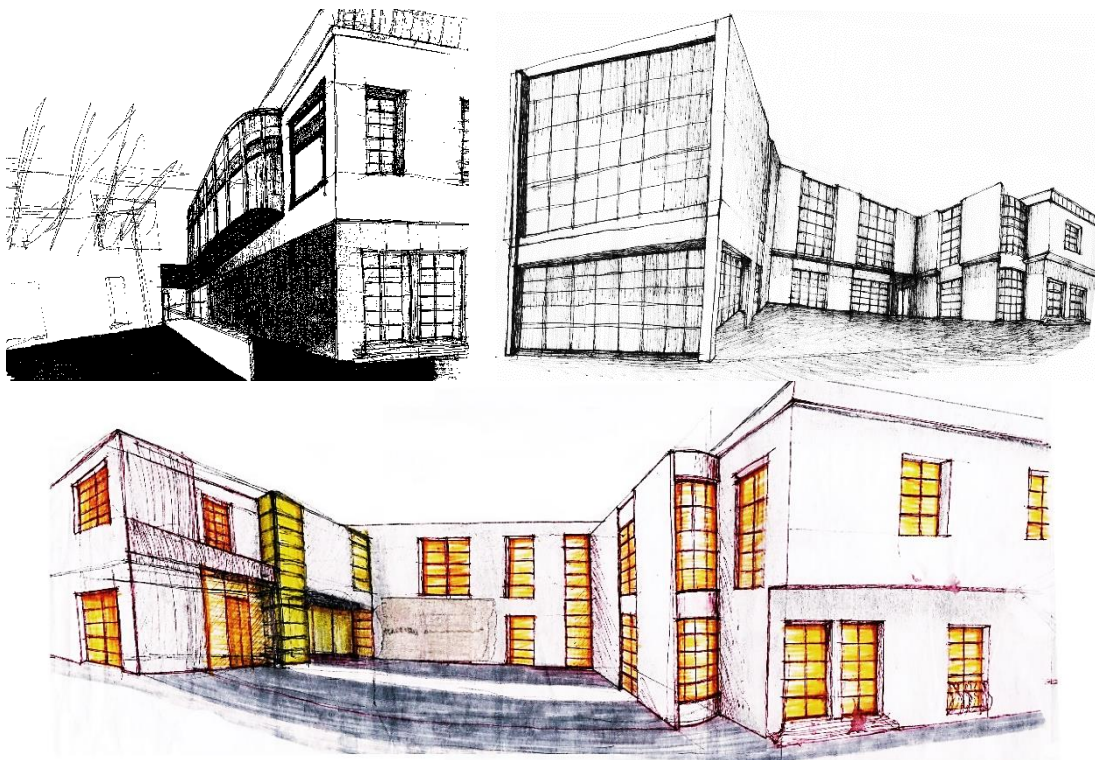


Esquemas da solução final da escada. À semelhança da escada existente, o acesso proposto também acompanha os limites do Cine-teatro. Assim, os critérios de justificação são a localização oposta entre as duas escadas, a procura de simetria e a importância do novo alçado para o largo.

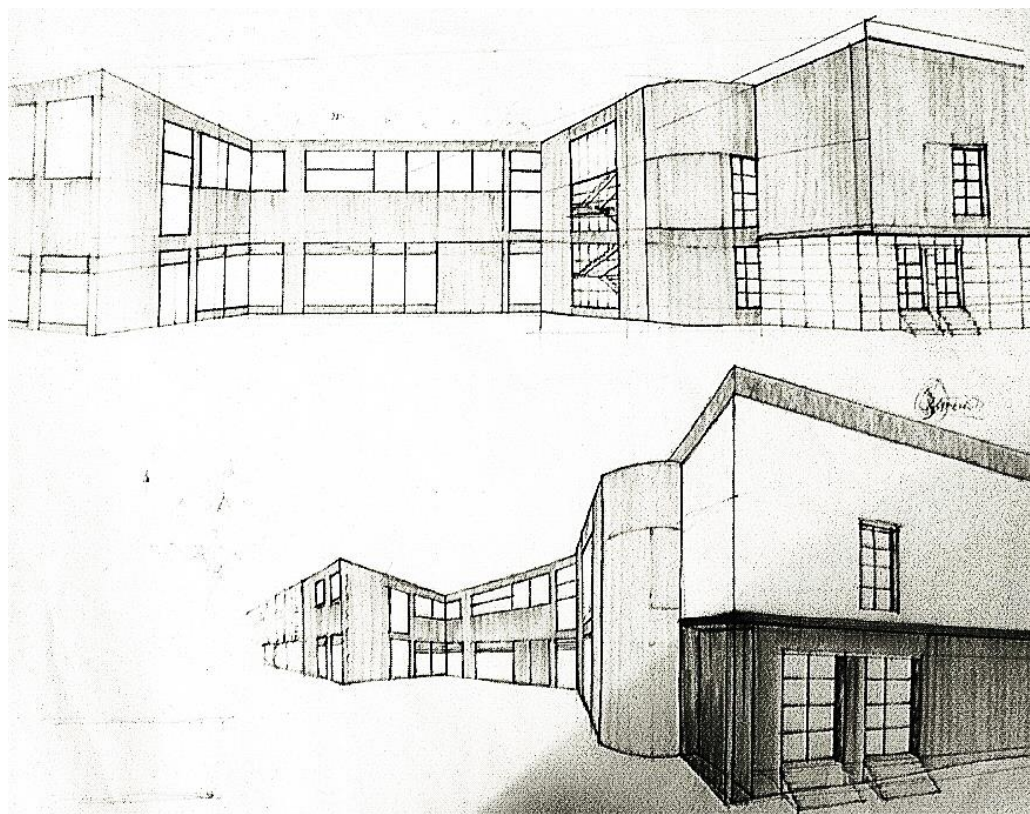


Desenho dos alçados que configuram o largo.

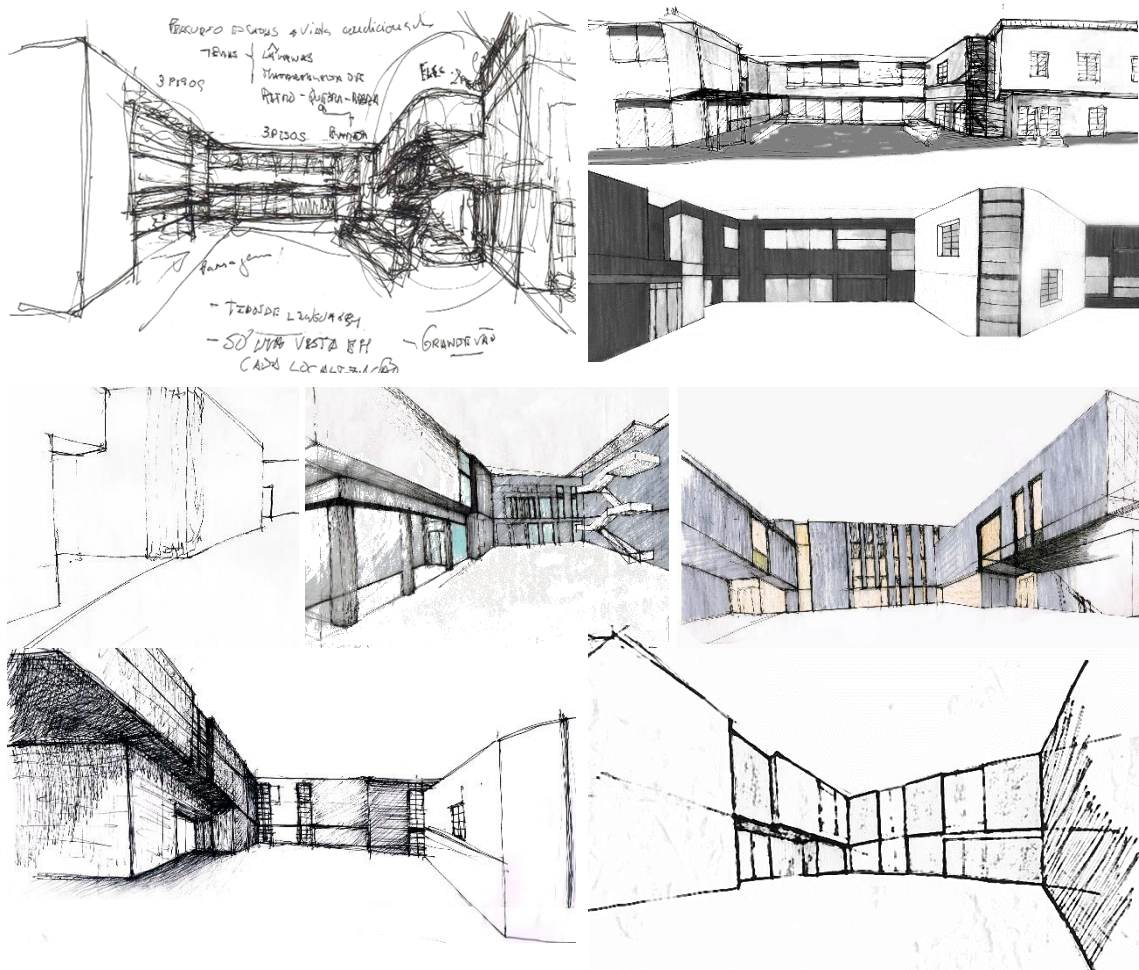
8.3. Estudo da proposta de alçados



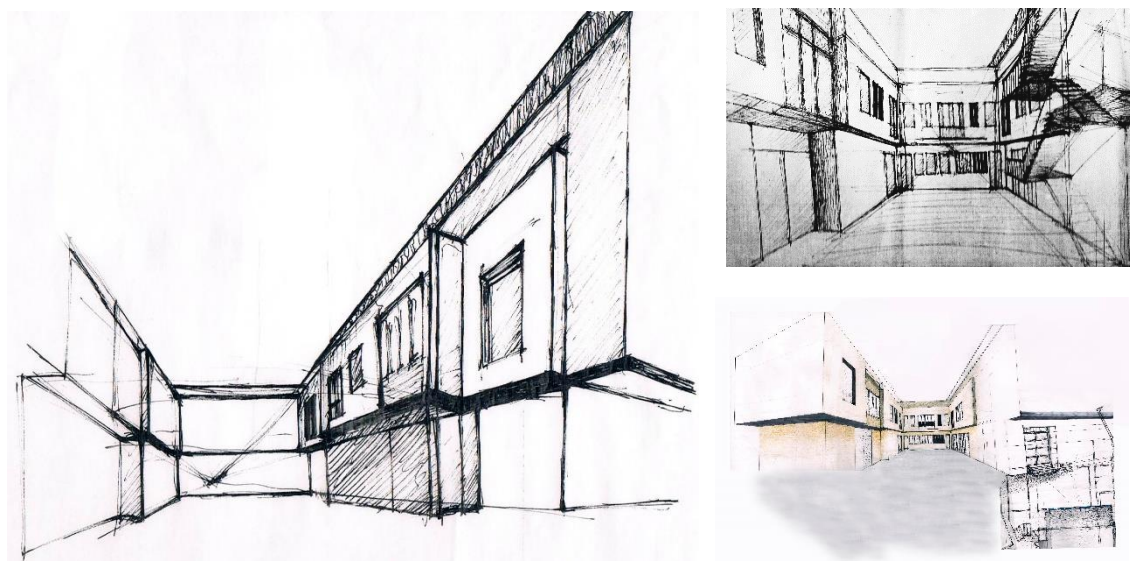
Propostas iniciais da configuração dos alçados do largo. A escada resulta num volume exterior aos limites do Cine-teatro. Os desenhos são baseados na análise dos elementos que caracterizam os Cine-teatros.



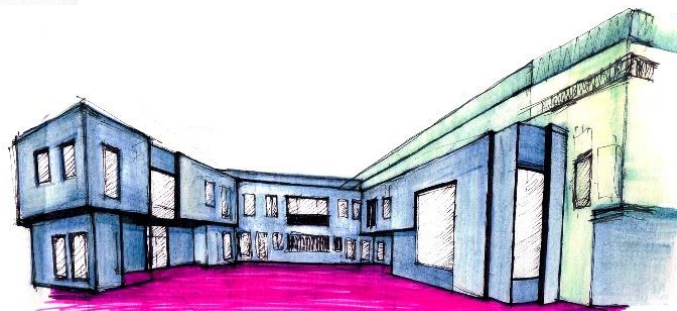
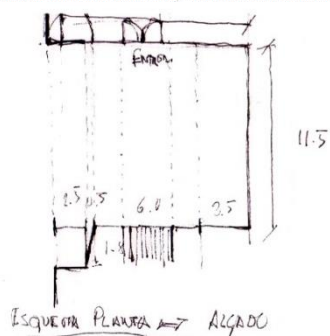
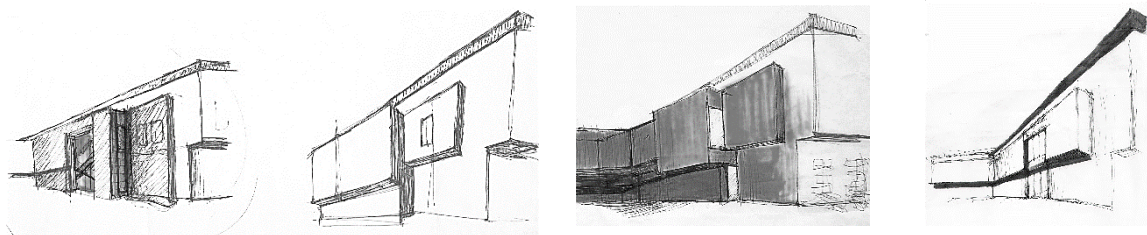
Perspectivas da formalização da proposta do largo. Havendo a necessidade de uma distinção entre o Cine-teatro e o edifício da Academia de Música e Dança, optou-se por um desenho que apenas adopta as principais linhas horizontais do Cine-teatro. O objectivo era a camuflagem do novo edifício no contexto urbano reservando o destaque à obra.



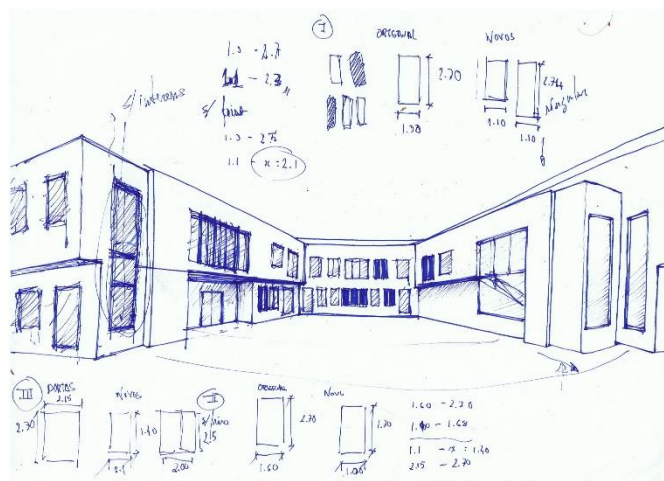
Perspectivas da formalização da proposta do largo. Após várias tentativas, a proposta baseou-se na relação entre o acesso vertical do Cine-teatro e a recepção do edifício da Academia. A volumetria é baseada no desfasamento entre os dois níveis do Cine-teatro e o recuo da torre.



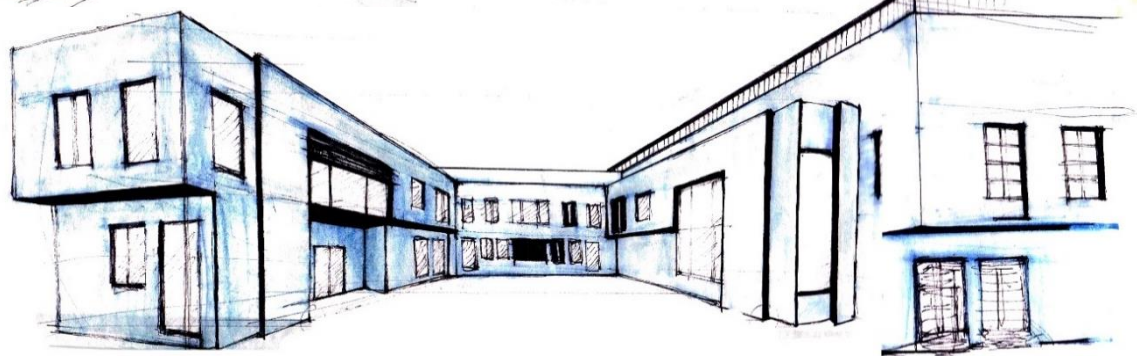
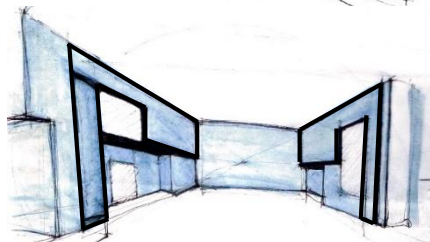
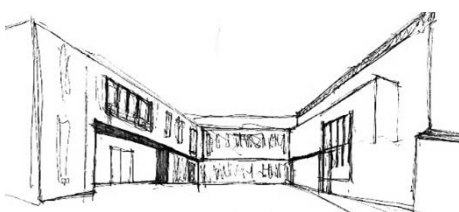
Perspectivas da formalização da proposta do largo. Definido que o acesso vertical do Cine-teatro resultaria num volume transposto para o exterior, tornou-se essencial a formalização do alçado correspondente. Definiu-se a lógica das marcações de vão de modo a estudar a caracterização do novo volume e a arquitectura do Cine-teatro.



Esquemas da proposta do edifício da Academia e o alçado do Cine-teatro. Nas imagens está representada a relação entre a escada e a recepção da Academia, assim como os momentos de excepção no ritmo dos vãos.



Esquemas e desenhos finais da formalização da proposta do largo. Nas imagens estão representados as cérceas, volumetria e ritmos de vãos finais para o edifício da Academia e o alçado do Cine-teatro Gardunha.



A RECUPERAÇÃO DO CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Projecto de reintegração funcional e sociocultural

PROJECTO FINAL DE MESTRADO | MARIANA SANTOS PINTO | 7116 | ORIENTADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR LUÍS AFONSO
COORDENADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR MANUEL TEIXEIRA | OUTUBRO 2014



O Fundão é uma cidade portuguesa pertencente ao concelho do Fundão, no distrito de Castelo Branco. Localiza-se num dos ramos da Serra da Gardunha a uma altitude entre os 400 e 500 metros.

O concelho do Fundão em conjunto com o concelho da Covilhã e Belmonte formam a região da Cova da Beira. Esta é servida por uma densa rede hidrográfica, solos graníticos e xisto. Caracterizada por uma área florestal de castanheiros, eucaliptos e pinheiros, apresenta uma paisagem de montanha, enquadrada pela Serra da Gardunha e pela Serra da Estrela, repleta de miradouros naturais.

O Fundão é um concelho composto por 31 freguesias ao longo de 700 Km² e um total de 31



Planta actual da cidade do Fundão | Escala 1/2000



Potencialidades - Edifício de referência da cidade.



Fraquezas - Abandono na Avenida da Liberdade.



Oportunidades - frequência da população na área.



Potencialidades - Edifício de referência da cidade.

ANÁLISE SWOT

Potencialidades (Strengths)

- Zona melhor consolidada da cidade; proximidade aos principais serviços, comércio e transportes públicos;
- Zona de maior concentração de fluxos rodoviários e pedonais;
- Interface entre as zonas antiga e recente da cidade;
- Forte identidade cultural e relação pessoal aos vários lugares da cidade;
- A ligação da sociedade ao Cine-teatro Gardunha;
- A sua localização, usufruindo de uma vista desimpedi- da a partir de vários pontos de vista;
- A possibilidade de afectar o terreno adjacente a sudo- este.

Oportunidades (Opportunities)

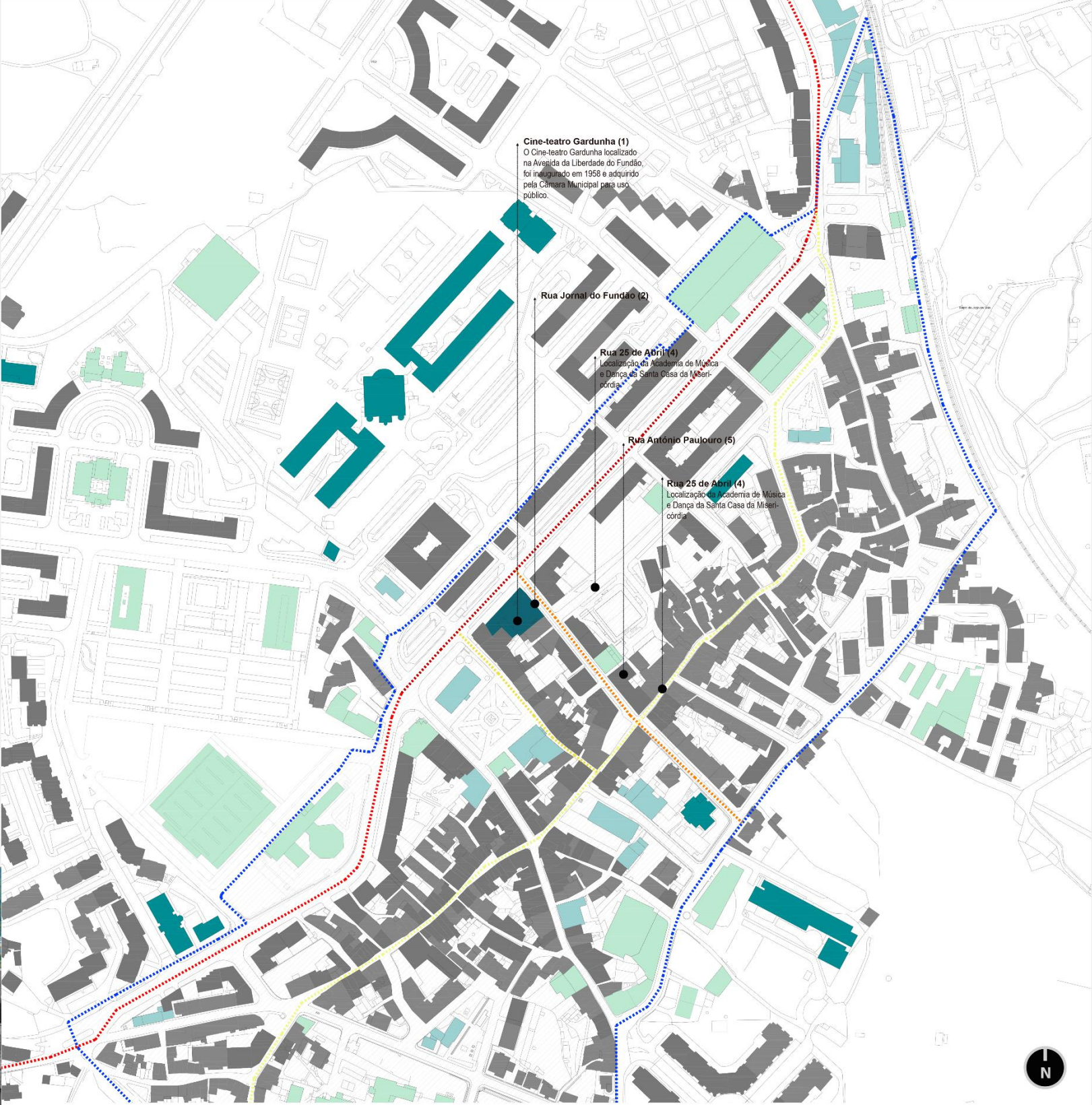
- Recuperar o Cine-teatro Gardunha e devolvê-lo à sociedade;
- A valorização da área com a melhoria das infraestruturas e concentração de novas funções;
- Dinamizar as relações socioculturais;
- Fomentar a frequência na zona da população residente e das localidades próximas;
- Contribuir para o sector turístico.

Fraquezas (Weaknesses)

- Grande densidade construtiva;
- Os limites de implantação do Cine-teatro no quarteirão que ocupa;
- As interfaces entre a obra e o contexto urbano próximo;
- A degradação do Cine-teatro resultante de um incêndio e ausência de manutenção;
- O abandono do edifício na Avenida da Liberdade da cidade.

Ameaças (Threats)

- O abandono do Cine-teatro;
- A degradação do edifício que levará à sua destruição;
- A fragmentação das relações urbanas da área;
- A perda de oportunidade para restabelecer um espaço que possa receber grandes produções;
- A desaparecimento da memória do Cine-teatro Gardunha.



Edifício de habitação | Cine-teatro Gardunha | Edifício com interesse cultural | Limite da zona antiga da cidade | Eixo de ligação entre as entradas da cidade | Eixos geradores da cidade

Edifício de habitação com serviços no piso térreo | Serviços | Escola e ATL | Avenida da Liberdade | Rua Jornal do Fundão e Rua da Misericórdia

Localização da área de intervenção



Mapa do distrito de Castelo Branco e do concelho do Fundão.

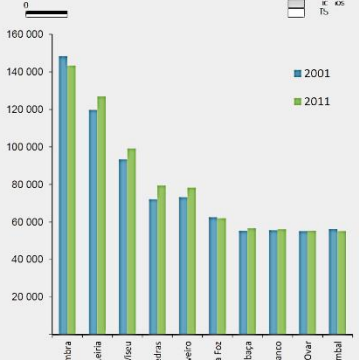
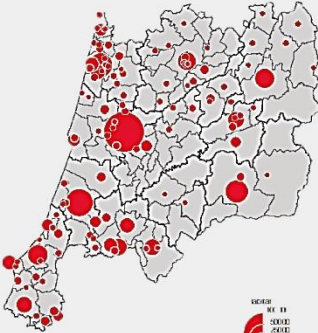


Gráfico de 2011 da população residente nos 10 municípios com mais população da região centro e mapa de distribuição da população residente em lugares com 2 000 ou mais habitantes.

	População Residente	Famílias	Alojamentos	Edifícios
Distrito de Castelo Branco	208 063	80 417	135 148	106 476
Município de Castelo Branco	196 262	81 628	148 708	114 467
Município do Fundão	55 708	21 555	35 027	23 438
Município da Covilhã	56 109	23 277	38 382	24 668
Município de Belmonte	31 482	12 120	20 849	17 292
Município de Castelo Branco	29 213	12 012	22 058	18 168
Município de Belmonte	54 505	20 353	30 627	20 001
Município de Belmonte	51 797	21 258	35 302	22 082
Município de Belmonte	7 592	2 815	4 564	3 956
Município de Belmonte	6 859	2 752	4 937	4 210

Quadro referente aos valores dos Censos 2001 e 2011 na Região centro.



A RECUPERAÇÃO DO CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO

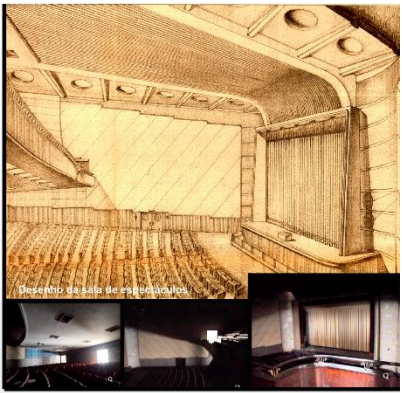
FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Projecto de reintegração funcional e sociocultural

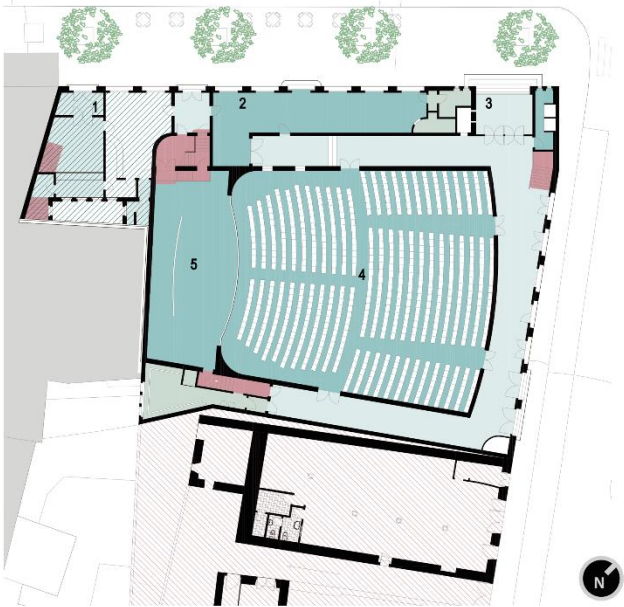
PROJECTO FINAL DE MESTRADO | MARIANA SANTOS PINTO | 7116 | ORIENTADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR LUIS AFONSO | COORIENTADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR MANUEL TEIXEIRA | OUTUBRO 2014



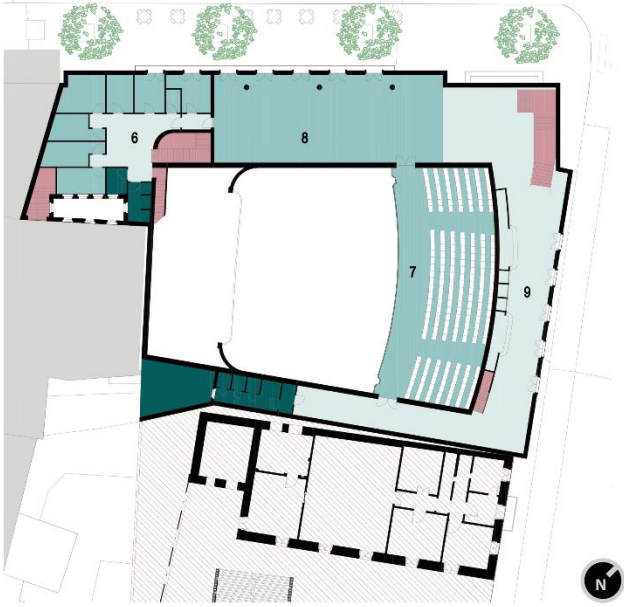
O Cine-teatro Gardunha, exemplo do movimento de edificações de salas de espectáculos entre 1927 a 1959, foi inaugurado em 1958, sendo representativo das construções mais tardias. Encontra-se localizado na Avenida da Liberdade do Fundão, em Castelo Branco, na principal artéria da cidade. Com uma área de implantação de cerca de 1000 m² e uma sala de espectáculos de 740 lugares, encontra-se inactivo, exceptuando o Café Cine, antigo e actual ponto de encontro. O edifício está integrado numa Área de Reabilitação Urbana (ARU) que conforma a zona antiga da cidade, regulamentada e incentivada por apoio financeiro da autarquia e programas de entidades nacionais e europeias.



Planta actual da cidade do Fundão e localização da área de intervenção | Escala 1/1000



Planta do piso 0 | Escala 1/500



Planta do piso 1 | Escala 1/500

Zonas de usos
Circulação vertical
Área para demolir
Circulação horizontal
Zonas húmidas
Área anteriormente afectada

DADOS SOBRE A OBRA

Data de inauguração: 1958. Adquirido pela Câmara Municipal em 2001. Estilo: Arquitectura Portuguesa Suave/Estado Novo e interior Art Deco

Área de implantação: 1042 m²
ABC dos níveis I, II, III e terraço: 968 m², 1048 m², 395 m², 440 m²
AU dos níveis I, II e III: 881 m², 619 m², 213 m²
AU da sala de espectáculos – 465 + 158 = 623 m² (p.d. 10,2 m e capacidade total de 740 lugares sentados)

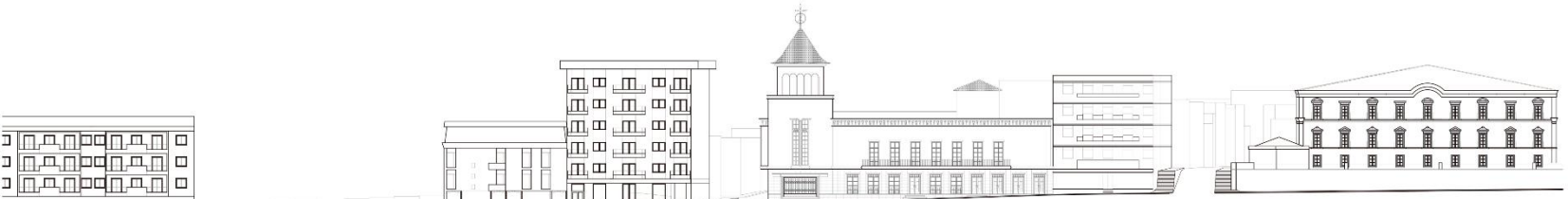
Programa de usos do nível I e respectivas áreas:
1 Entrada dos artistas 42 m²
2 Café (única área que mantém funções) 32 + 73 = 105 m²
3 Entrada principal 14 m²
4 Sala de espectáculos 362 m²
5 Palco 94 m²

Programa de usos do nível II e respectivas áreas:
6 Camarins dos artistas 87 m²
7 Balcão da Sala de espectáculos 146 m²
8 Sala dos espelhos 171 m²
9 Espaço para cabides 97 m²

Programa de usos do nível III e respectivas áreas úteis:
Zona técnica e cabina de projecção 98 m²



Alçado da rua Jornal do Fundão



Alçado da Avenida da Liberdade



TEATRO NACIONAL CONSTANTINO NERY | O Teatro Municipal Constantino Nery, localizado em Matosinhos, no distrito do Porto, foi inaugurado no dia 10 de Junho de 1906 e figura como um dos primeiros Cine-teatros a integrar a rede de equipamentos culturais portugueses construídos na primeira metade do século XX. Encontra-se reabilitado e em funções desde 2008.

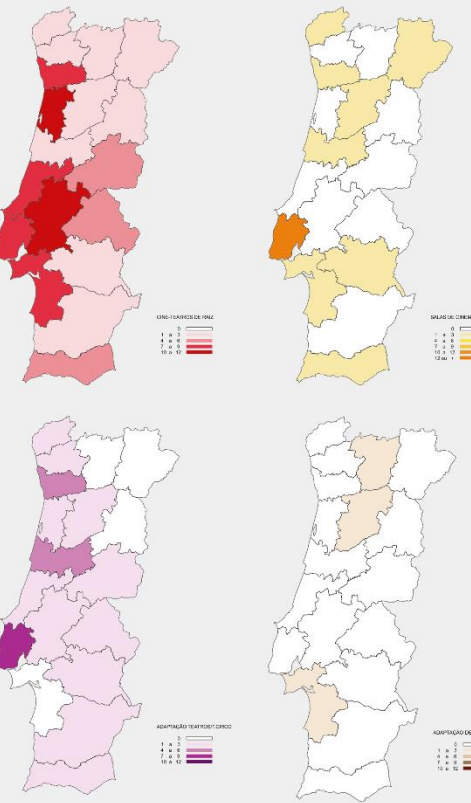


CINE-TEATRO SÃO-JOÃO | O Cine-teatro São João é um dos exemplares da rede de salas de cinema e teatro construídas durante o Estado Novo, inaugurado em Julho de 1952, localizado no centro da vila de Palmela, no concelho de Palmela, distrito de Setúbal. O edifício manteve-se encerrado entre 1981 e 1991, reabrindo após a sua aquisição por parte da Câmara Municipal de Palmela. Em 2008, numa proposta de promoção cultural com a criação de uma rede de equipamentos e apoio a agentes criativos locais, é aprovada a reabilitação da totalidade do edifício.

Contextualização dos Cine-teatro (1927 - 1959)

Os Cine-Teatros são edifícios que se encontram actualmente num processo de abandono ou de aquisição por parte das autarquias e reabilitados segundo programas nacionais e europeus. Têm o seu aparecimento oficial a partir de 1927 com a publicação de um diploma legislativo, definindo os requisitos da sua construção e dos espaços de implantação, já que estes deveriam sustentar suportar a ideia da existência de um grande equipamento cultural e público de referência das cidades. Está na génese das razões para o seu surgimento a difusão do cinema, apresentado primeiramente em espaços menos nobres de estrutura simples do cinema ambulante, feiras e circos. Após a transformação da actividade num negócio rentável, o regime do Estado Novo vai patrocinar o teatro e o cinema com grandes edifícios publicitários. Também o incentivo do Estado trabalha a favor da massificação da construção, na medida que define uma série de princípios programáticos que as localidades vão encomendar directamente para que se construa um grande equipamento cultural na localidade. Os Cine-Teatros também vão ser alvo de inovações técnicas, como a primeira experimentação com o betão. Os equipamentos acompanham uma mudança de costumes e quotidiano das sociedades, tornando-se na grande sala de espectáculos em que as várias classes desfrutaram do mesmo programa.

Mapa do distrito de Castelo Branco e do concelho do Fundão.



Mapas da distribuição por grupos classificativos dos edifícios construídos reconhecidos oficialmente por Cine-teatros.



Gráfico da distribuição por grupos classificativos dos edifícios construídos reconhecidos oficialmente por Cine-teatros.

A RECUPERAÇÃO DO
CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Projecto de reintegração funcional e sociocultural

PROJECTO FINAL DE MESTRADO | MARIANA SANTOS PINTO | 7116 | ORIENTADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR LUIS AFONSO |
COORIENTADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR MANUEL TEIXEIRA | OUTUBRO 2014



Planta de coberturas da proposta | Escala 1/1000



Planta de hierarquia da estrutura viária | Escala 1/1000

..... Ruas principais
..... Ruas terciárias
..... Ruas secundárias



DADOS SOBRE A OBRA

Edifício original da Santa Casa da Misericórdia
Data de inauguração do funcionamento do edifício como Academia: 1994
Data de inauguração do auditório: 2000

Área de implantação: 685 m2
ABC da Academia: 405 m2
ABC do auditório: 255 m2

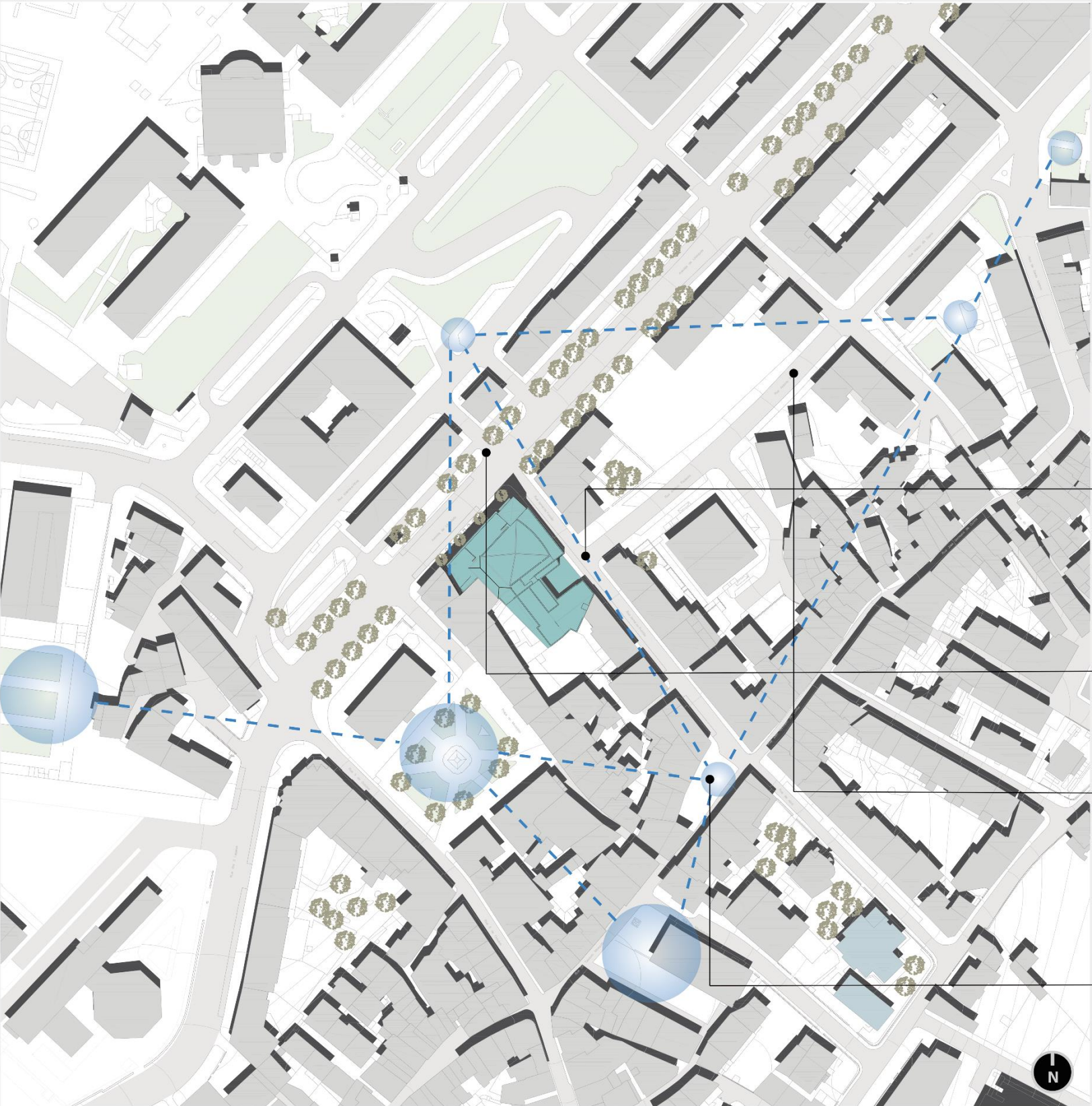
Programa da Academia de Música e Dança

Recepção
Sala da dança clássica e contemporânea
Salas de formação musical
Gabinete administrativo e sala de reunião
Salas de formação instrumental
Biblioteca e sala de estudo
Instalação sanitária feminina
Instalação sanitária masculina

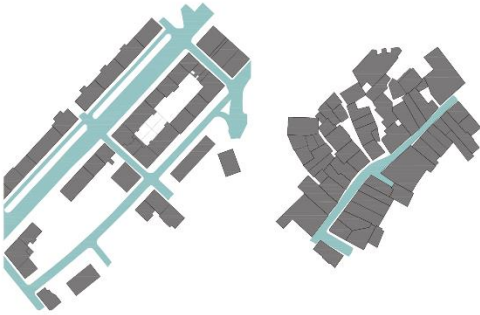
Auditório de apresentações e sala de ensaios de música e dança



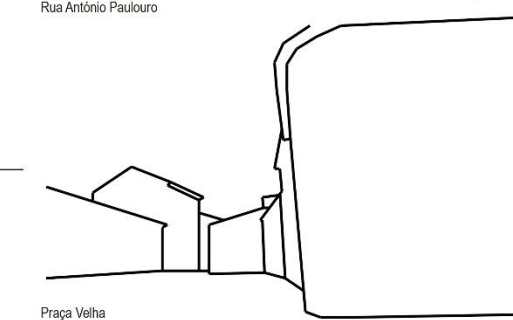
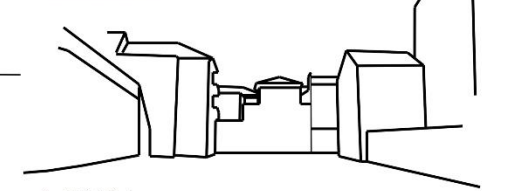
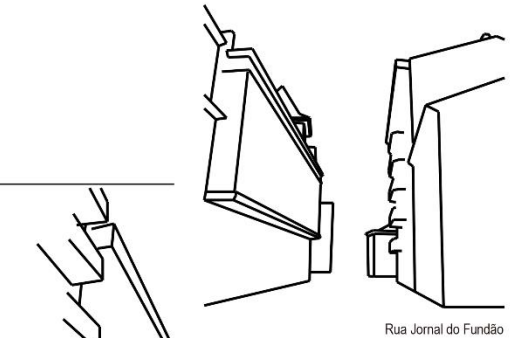
Planta do piso 0 da Academia de Música e Dança | Escala 1/500



Principais características da ocupação urbana



Formas de ocupação do território.



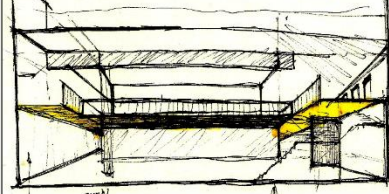
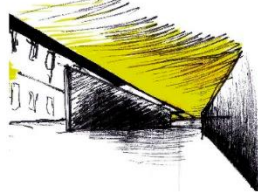
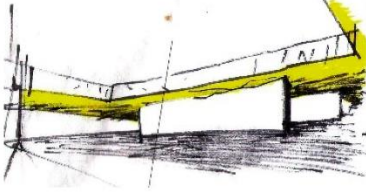
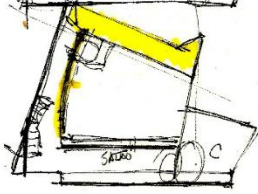
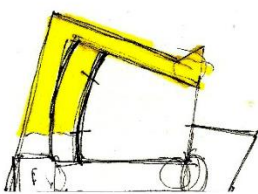
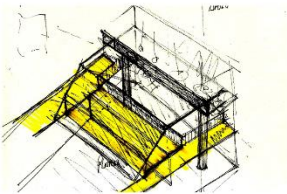
Sequências visuais.

A RECUPERAÇÃO DO
CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO

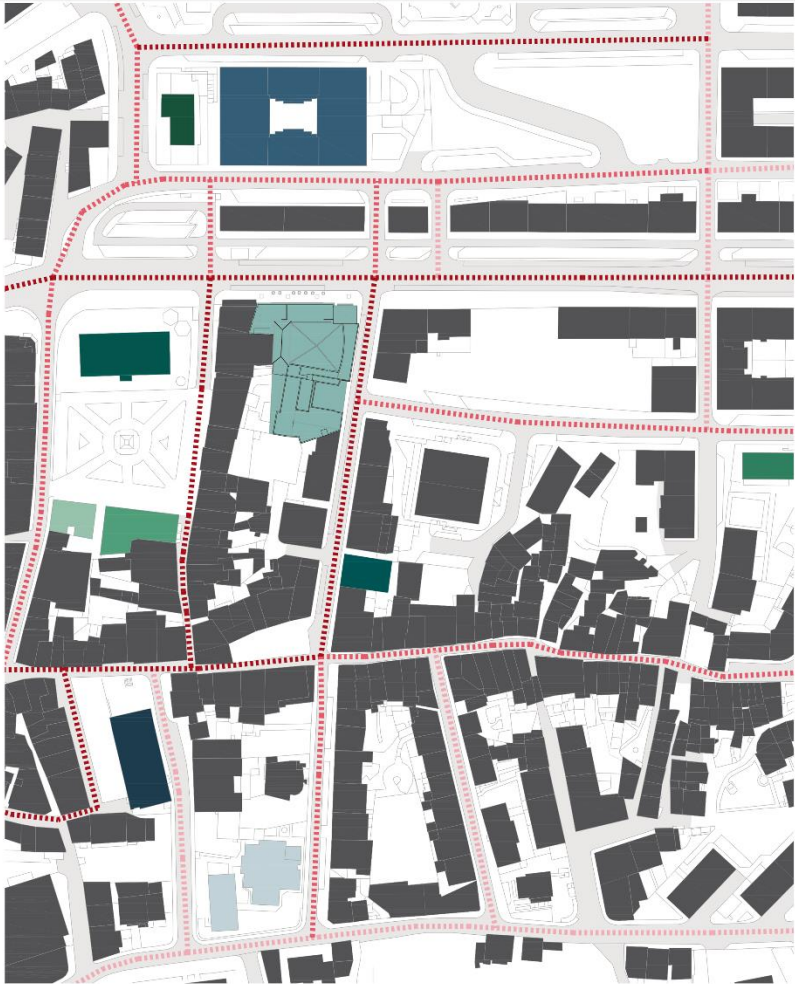
FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Projecto de reintegração funcional e sociocultural

PROJECTO FINAL DE MESTRADO | MARIANA SANTOS PINTO | 7116 | ORIENTADOR CIENTIFICO: PROFESSOR LUIS AFONSO |
COORDINADOR CIENTIFICO: PROFESSOR MANUEL TEIXEIRA | OUTUBRO 2014

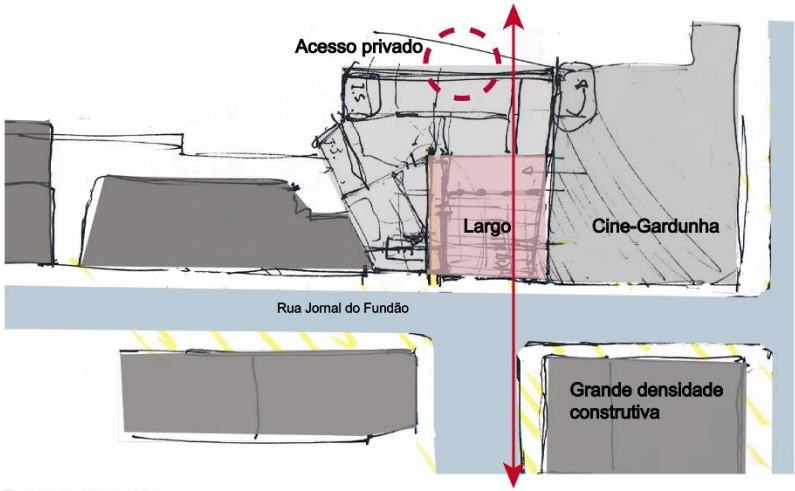


Planta de coberturas da proposta | Escala 1/500



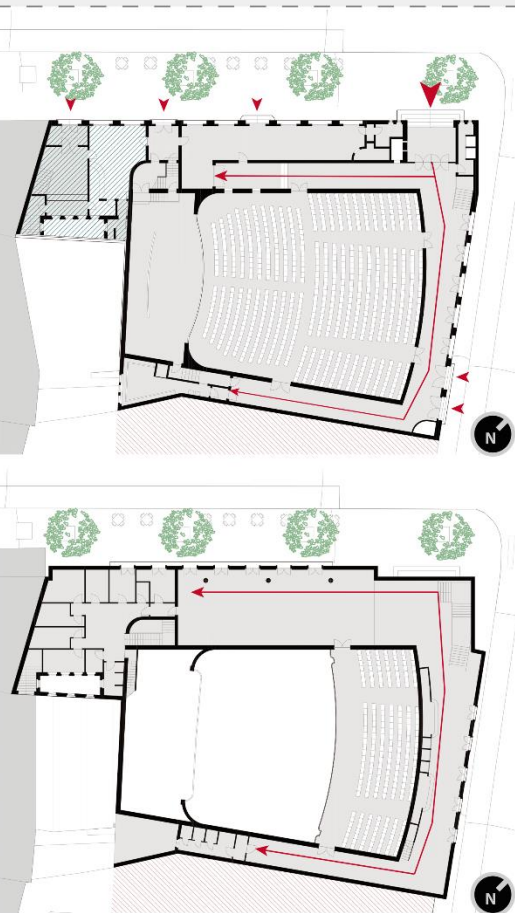
Planta de hierarquia da estrutura viária | Escala 1/1000

- Ruas principais
- Ruas terciárias
- Ruas secundárias

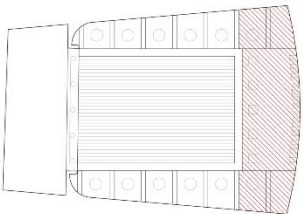
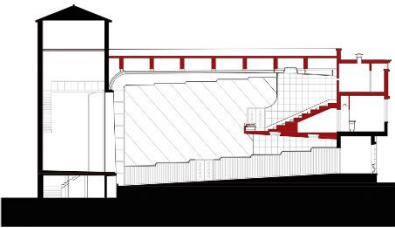


Esquema da proposta urbana

Análise das debilidades do Cine-teatro



Planta actual do piso 0 e 1. Indicação das entradas e circulação | Escala 1/350



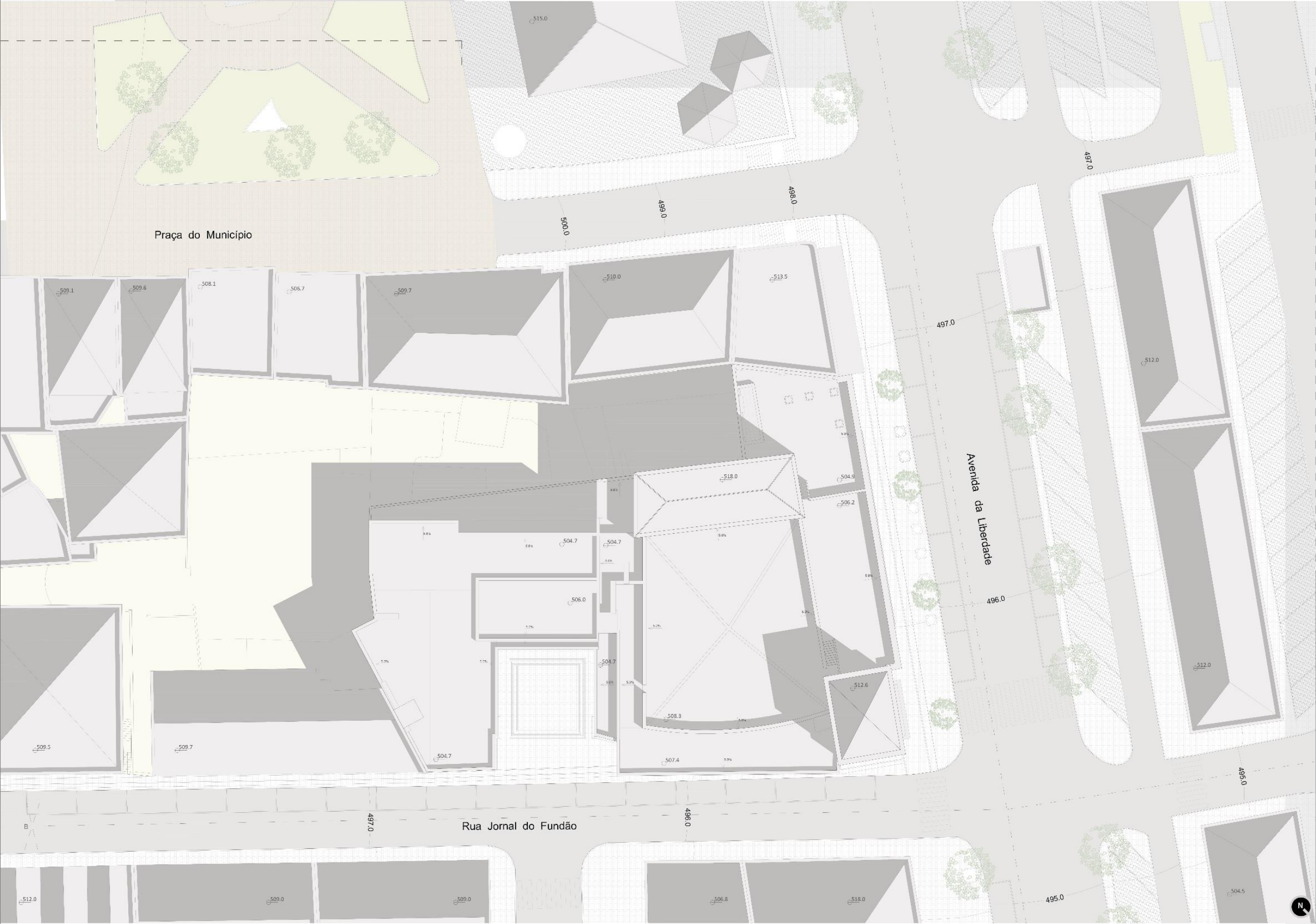
Área afectada em risco de ruptura | Escala 1/350

A RECUPERAÇÃO DO
CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Projecto de reintegração funcional e sociocultural

PROJECTO FINAL DE MESTRADO | MARIANA SANTOS PINTO | 7116 | ORIENTADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR LUIS AFONSO |
COORDINADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR MANUEL TEIXEIRA | OUTUBRO 2014



Planta de coberturas da proposta | 1/200

Tabela das áreas do programa da proposta

Cine-teatro Gardunha			ÁREA DE IMPLANTAÇÃO		1111 m2	
			ÁREA BRUTA DE CONSTRUÇÃO		2298 m2	
PISOS		ABC/m²	Área útil/ m²	Área habi/ m²	Programa de usos e espaços complementares	Área útil/ m²
CINE-TEATRO GARDUNHA	PISO 0	1019	911	840	Atro de entrada	15
					Bilheteria/Cabides	7
					Foyer da entrada	32
					Área expositiva proposta	139
					Administração	24
					Sala de espetáculos	355
					Cine-café e sala de concertos	158
					Instalações de ar condicionado	14
	PISO 1	711	613	377	Foyer da Sala dos Espelhos	28
					Área proposta para a exposição permanente	97
					Balcão da sala de espetáculos	84
					Camarins dos artistas	118
					Sala dos Espelhos	132
					Instalações sanitárias	35
	PISO 2	880	310	154	Cabina de projecção	82
					Área acessível ao nível da torre	188
					Área acessível do terraço	312
COBERTURA	532	353		Área acessível do terraço	353	

Tabela de áreas proposta para o Cine-teatro Gardunha.

Academia de Música e Dança		ÁREA DE IMPLANTAÇÃO	440 m2
		ÁREA BRUTA DE CONSTRUÇÃO	859 m2
		ÁREA EXTERIOR 1 (LARGO)	132 m2
		ÁREA EXTERIOR 2 (PÁTIO PRIVADO)	80 m2
		ÁREA TOTAL DO LOTE	652 m2

Pisos	ABC/m²	Área útil/ m²	Área habi/ m²	Programa de usos e espaços complementares	Área útil/ m²
PISO 0	438	401	227	Atro da entrada	35
				Recepção	13
				Administração	23
				Sala de formação instrumental em grupo	26
				Sala de formação musical	48
				Salas de formação instrumental individual	49
				Auditorio	52
				Estúdio de gravação	18
				Instalações sanitárias	30
				Copa/Bar	56
PISO 1	453	407	236	Biblioteca/Sala de leitura	26
				Sala de formação musical	34
				Salas de formação instrumental individual	49
				Sala de dança clássica e contemporânea	70
				Instalações sanitárias (balneários)	48
COBERTURA	440				

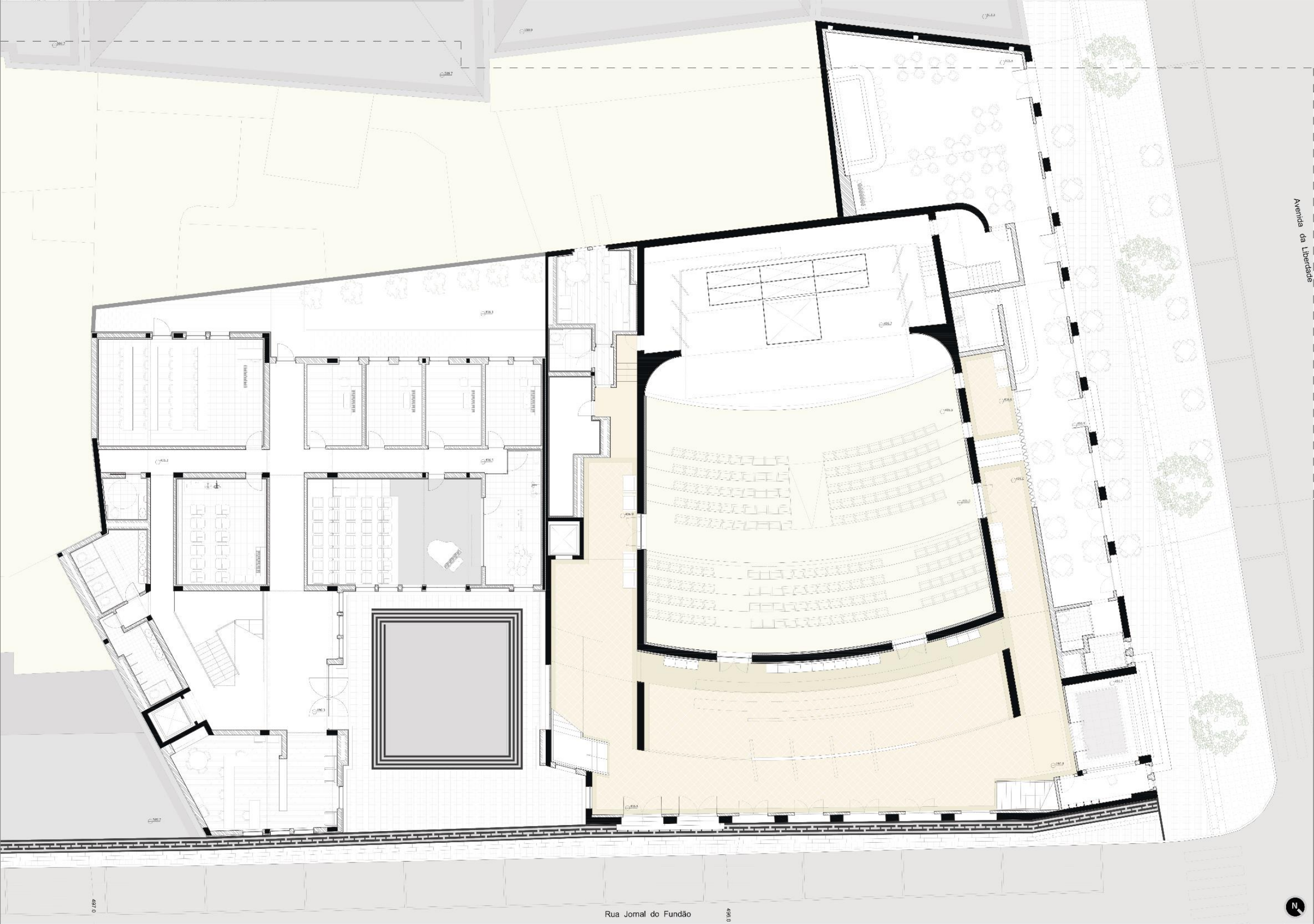
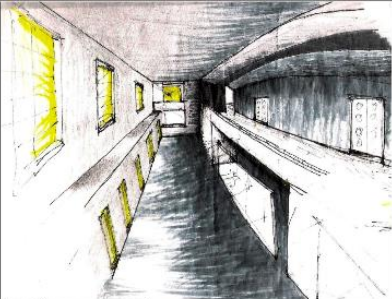
Tabela de áreas proposta para a Academia de Música e Dança.

A RECUPERAÇÃO DO
CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO

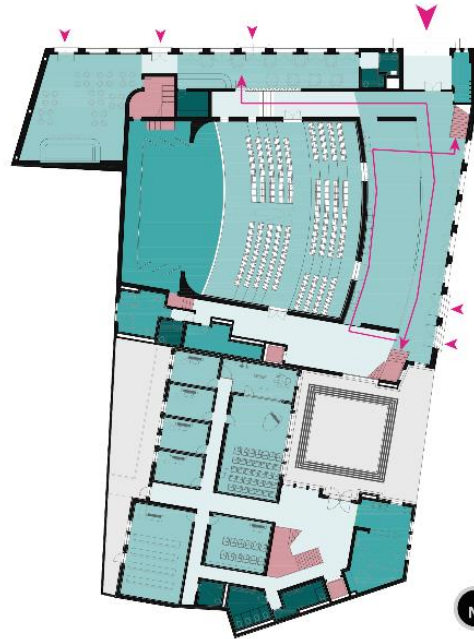
FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Projecto de reintegração funcional e sociocultural

PROJECTO FINAL DE MESTRADO | MARIANA SANTOS PINTO | 7116 | ORIENTADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR LUIS AFONSO |
COORDINADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR MANUEL TEIXEIRA | OUTUBRO 2014



Planta de organização da proposta



Planta do piso 0. Indicação das entradas e circulação | Escala 1/350

- | | |
|-----------------------|---------------------|
| Zonas de usos | Circulação vertical |
| Circulação horizontal | Zonas húmidas |



Avenida da Liberdade | Paralelos e lançois de pedra granítica



Avenida da Liberdade | Paralelos e lajetas de pedra granítica



Rua Jornal do Fundão | Paralelos de pedra calcária



Rua Jornal do Fundão e Praça Velha | Paralelos e lajetas de pedra granítica e calcária

Materialidade da envolvente próxima | Pavimentos

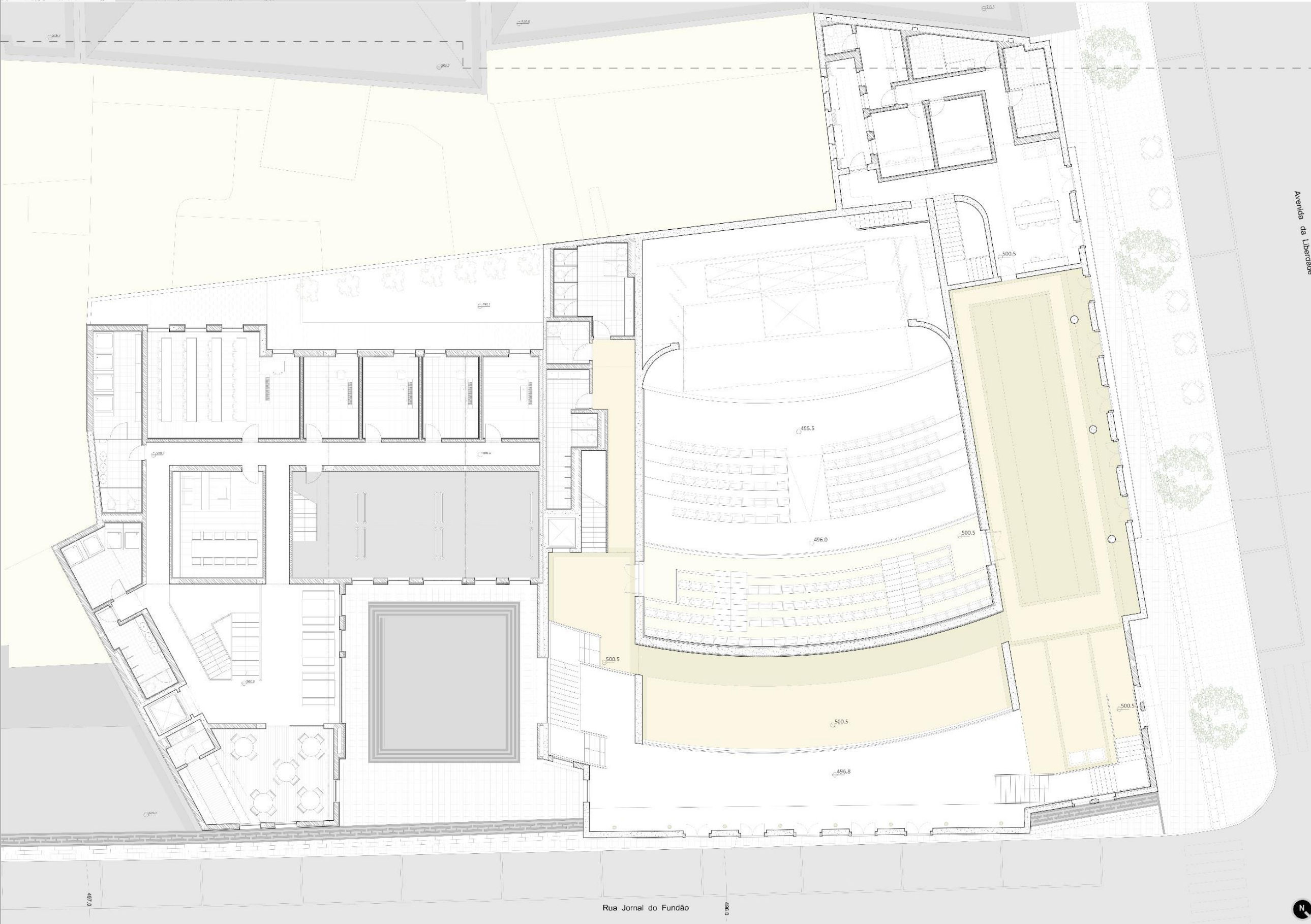
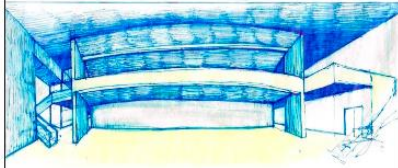
Planta do piso 0 da proposta | Escala 1/100

A RECUPERAÇÃO DO
CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO

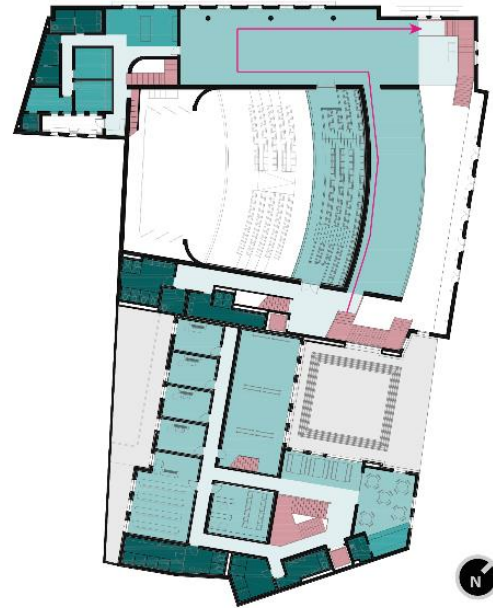
FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Projecto de reintegração funcional e sociocultural

PROJECTO FINAL DE Mestrado | MARIANA SANTOS PINTO | 7116 | ORIENTADOR CIENTIFICO: PROFESSOR LUIS AFONSO |
COORIENTADOR CIENTIFICO: PROFESSOR MANUEL TEIXEIRA | OUTUBRO 2014



Planta de organização da proposta

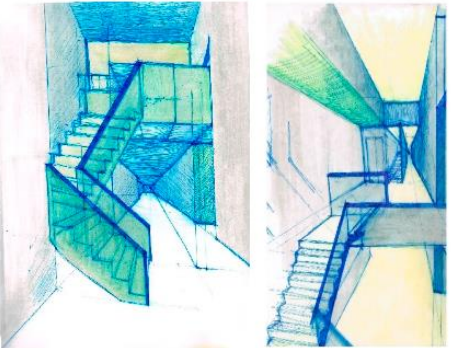


Planta do piso 1. Indicação das entradas e circulação | Escala 1/350

- Zonas de usos
- Circulação vertical
- Circulação horizontal
- Zonas húmidas



Esquemas iniciais do acesso vertical proposto



Perspectivas da proposta final do acesso vertical

Estudo do acesso vertical proposto para o Cine-teatro.

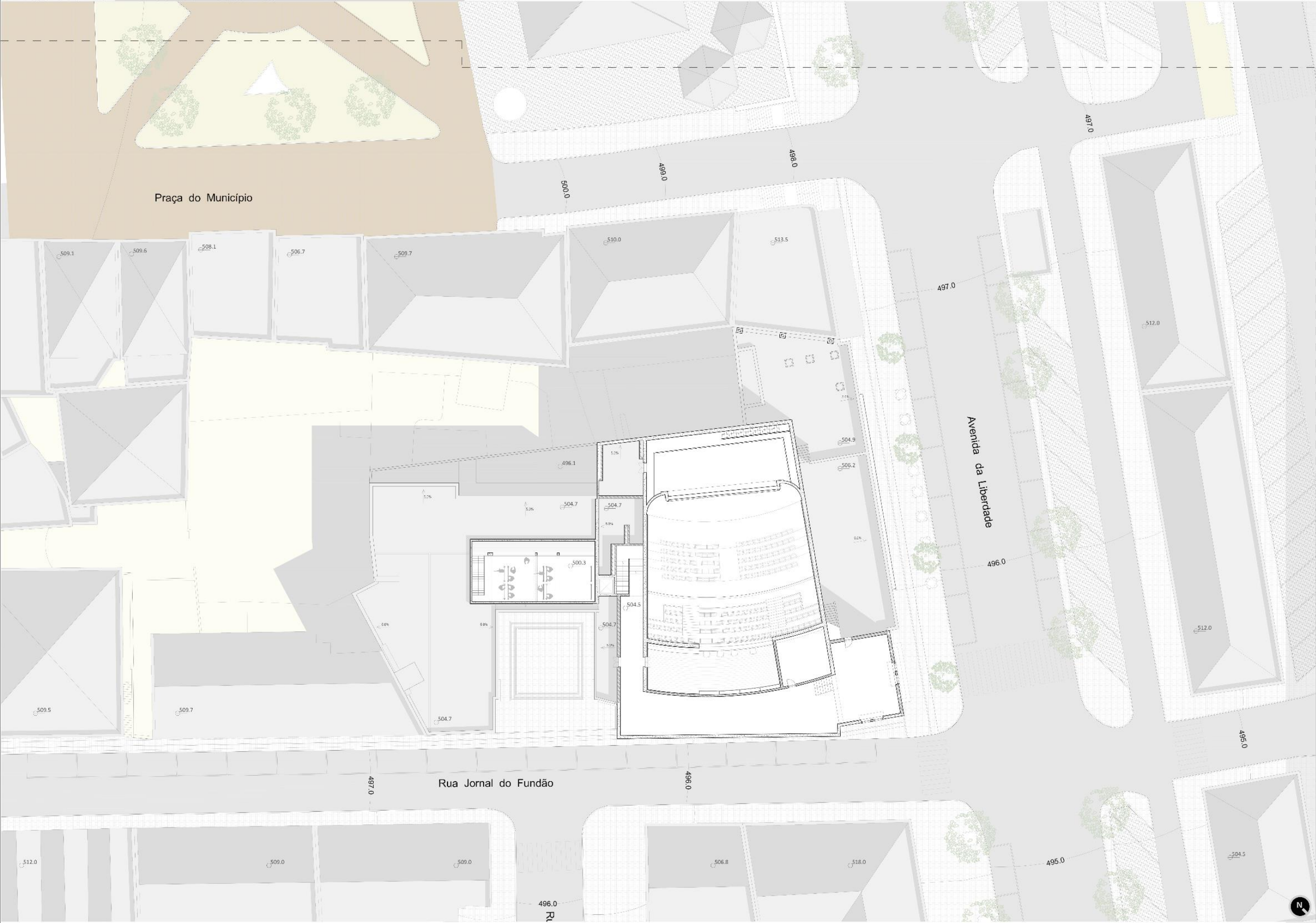
Planta do piso 1 da proposta | Escala 1/100

A RECUPERAÇÃO DO
CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO

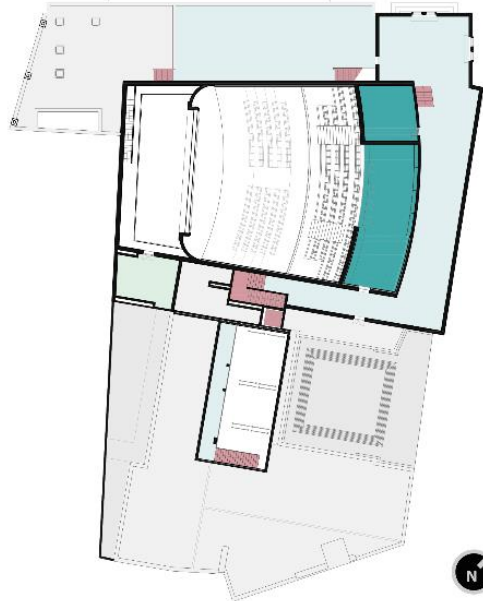
FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Projecto de reintegração funcional e sociocultural

PROJECTO FINAL DE MESTRADO | MARIANA SANTOS PINTO | 7116 | ORIENTADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR LUIS AFONSO |
COORIENTADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR MANUEL TEIXEIRA | OUTUBRO 2014



Planta de organização da proposta



Planta do piso 1. Indicação das entradas e circulação | Escala 1/350

- | | |
|-----------------------|---------------------|
| Zonas de usos | Circulação vertical |
| Circulação horizontal | Zonas húmidas |

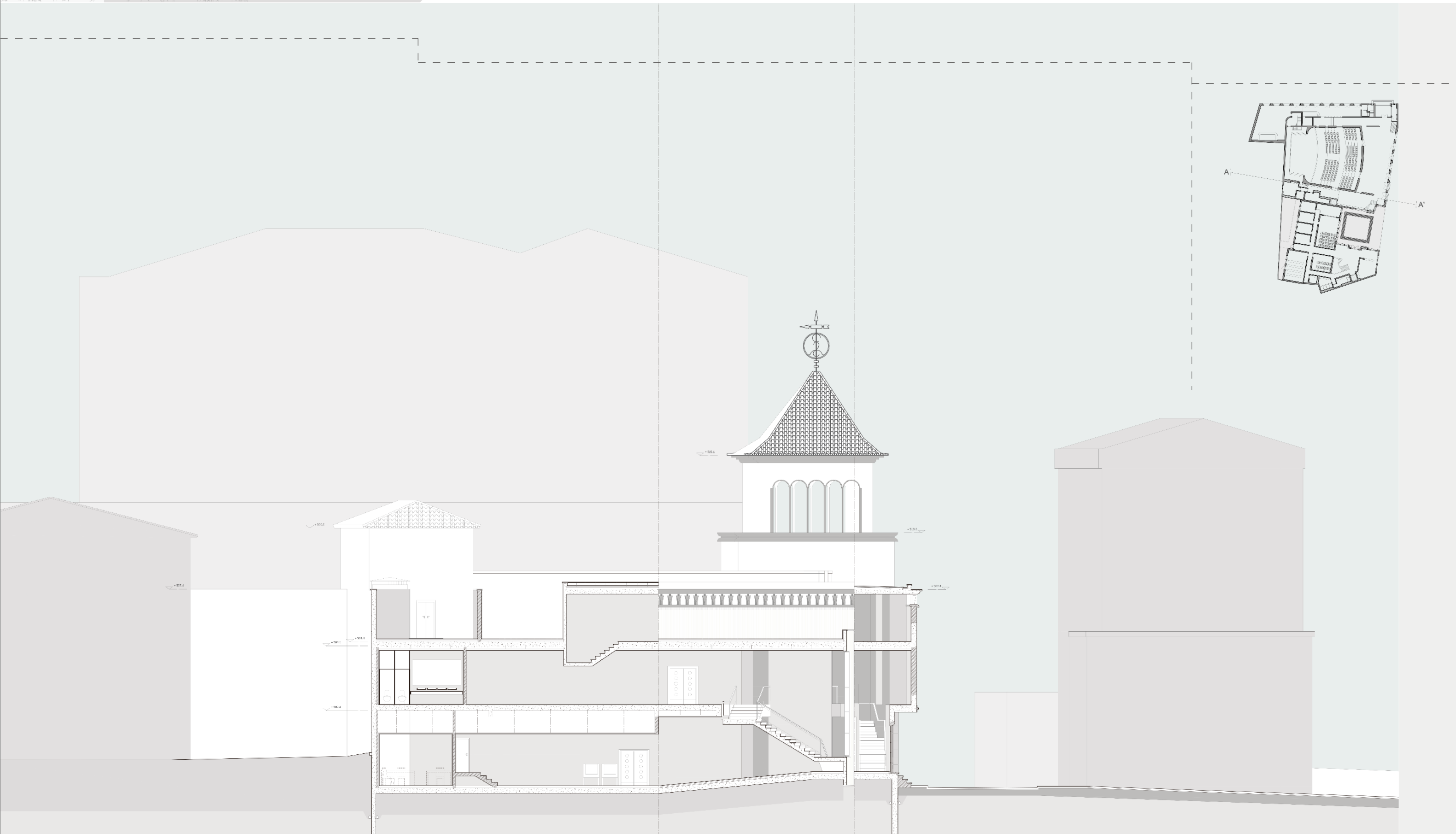
Planta do piso 2 da proposta | Escala 1/200

A RECUPERAÇÃO DO CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Projecto de reintegração funcional e sociocultural

PROJECTO FINAL DE MESTRADO | MARIANA SANTOS PINTO | 7116 | ORIENTADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR LUIS AFONSO |
COORDINADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR MANUEL TEIXEIRA | OUTUBRO 2014



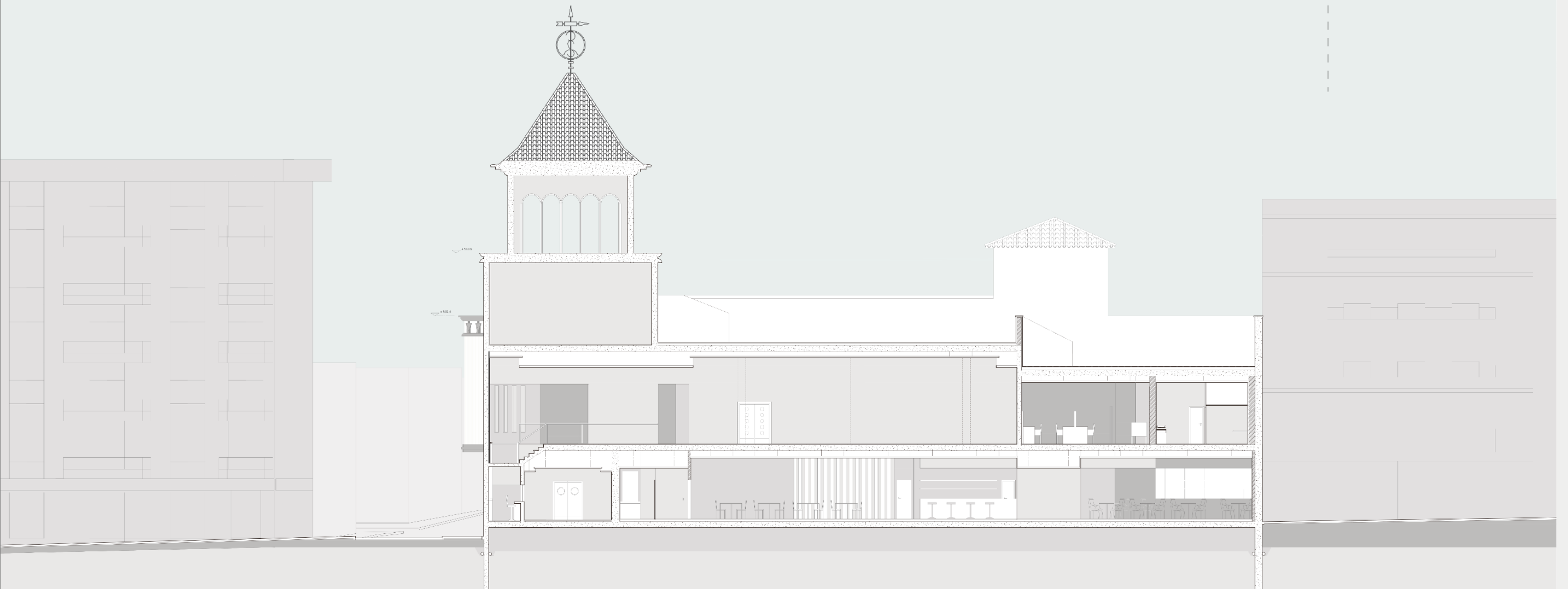
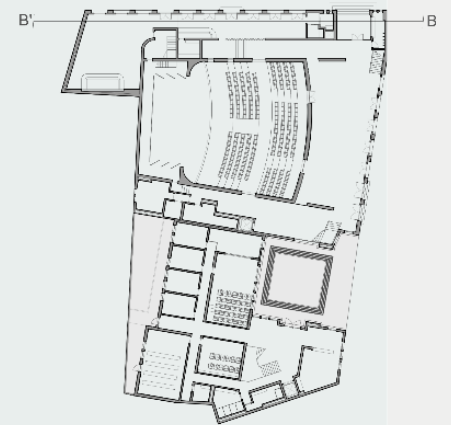
Corte longitudinal AA' | Acesso vertical proposto | Escala 1/100

A RECUPERAÇÃO DO
CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Projecto de reintegração funcional e sociocultural

PROJECTO FINAL DE MESTRADO | MARIANA SANTOS PINTO | 7116 | ORIENTADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR LUIS AFONSO |
COORDINADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR MANUEL TEIXEIRA | OUTUBRO 2014



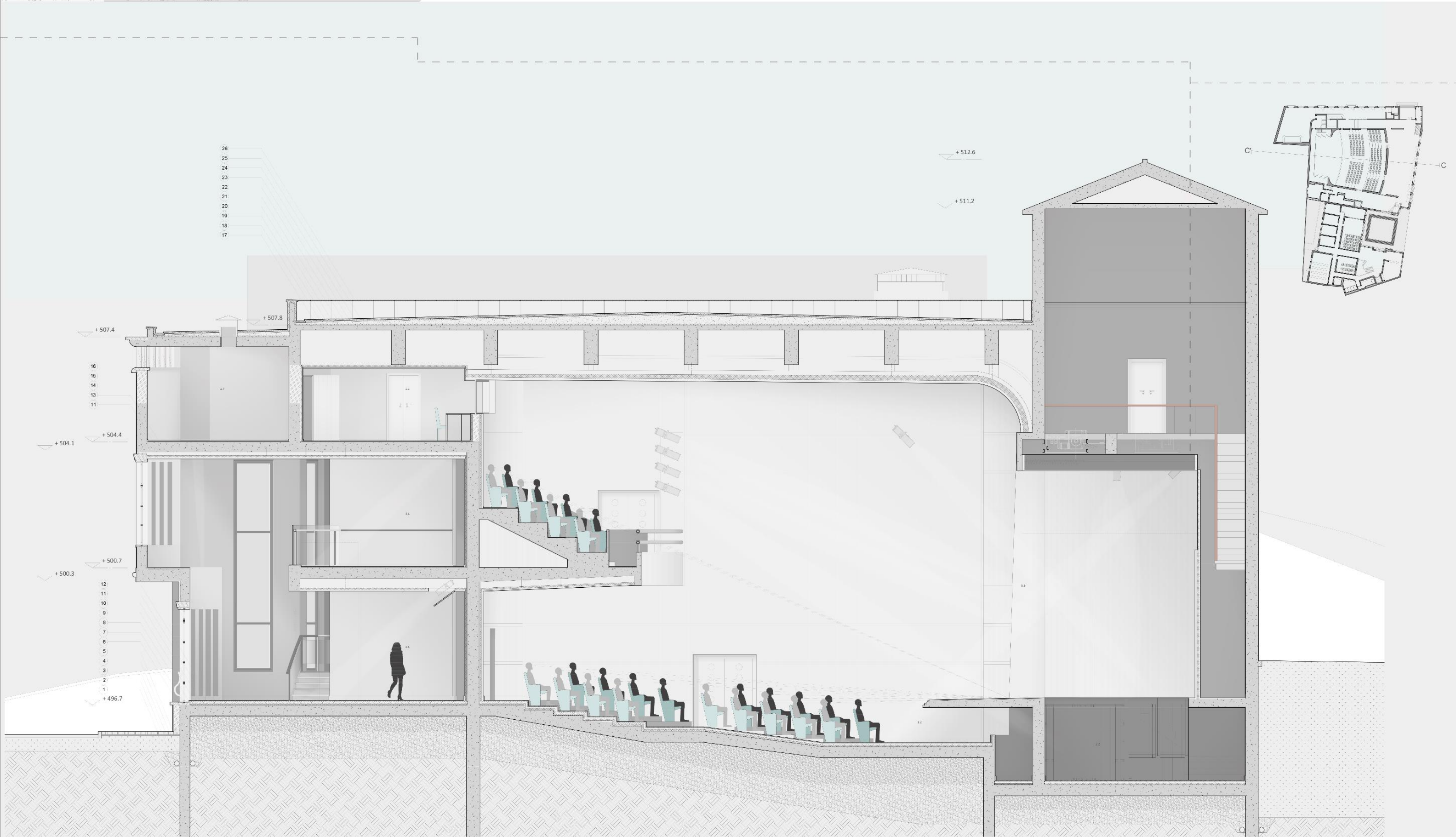
Corte longitudinal BB' | Entrada principal e Cine-café | Escala 1/100

A RECUPERAÇÃO DO
CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Projecto de reintegração funcional e sociocultural

PROJECTO FINAL DE MESTRADO | MARIANA SANTOS PINTO | 7116 | ORIENTADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR LUIS AFONSO |
COORDINADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR MANUEL TEIXEIRA | OUTUBRO 2014



Corte longitudinal CC' | Sala de espectáculos | Escala 1/50

1 Revestimento pavimento (calçada portuguesa); 2 Geodreno; 3 Camada geotêxtil em volta do tubo de drenagem; 4 Gravelha; 5 Pedra de remate; 6 Enrocamento (areão, brita e cascalho); 7 Massame armado [0.30]; 8 Barreira de vapor e pintura betuminosa; 9 Isolamento térmico [0.05]; 10 Betonilha armada [0.05]; 11 Betonilha de regularização; 12 Revestimento pavimento (grés e acabamento em resina epóxida); 13 Revestimento pavimento (parquete); 14 Alvenaria em tijolo; 15 Reboco pintado a branco; 16 Pedra de remate (granito); 17 Laje de betão armado [0.18]; 18 Barreira de vapor; 19 Isolamento térmico [0.03]; 20 Camada de forma; 21 Betonilha de regularização [0.03]; 22 Tela impemeabilizante; 23 Separador químico; 24 Isolamento térmico [0.04]; 25 Camada geotêxtil; 26 Lajetas de betão pré-fabricadas

A RECUPERAÇÃO DO
CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Projecto de reintegração funcional e sociocultural

PROJECTO FINAL DE MESTRADO | MARIANA SANTOS PINTO | 7116 | ORIENTADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR LUÍS AFONSO |
COORIENTADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR MANUEL TEIXEIRA | OUTUBRO 2014



Corte longitudinal DD' Acesso vertical proposto | Escala 1/50

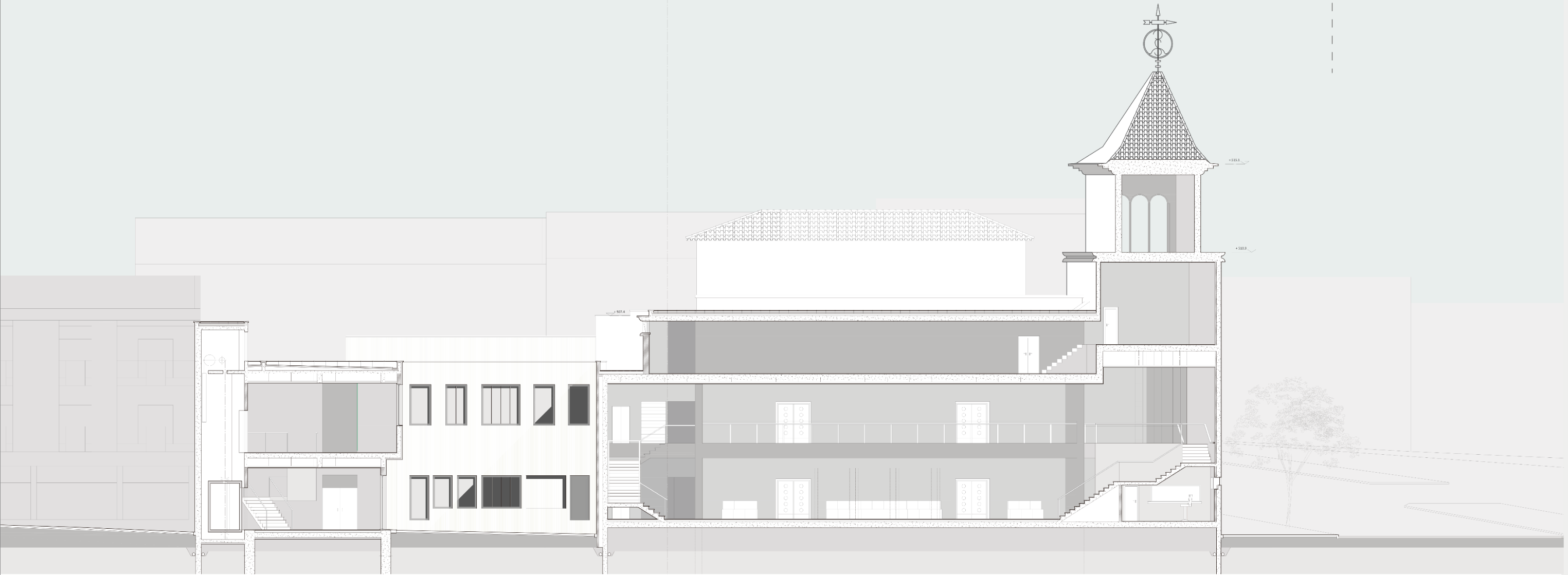
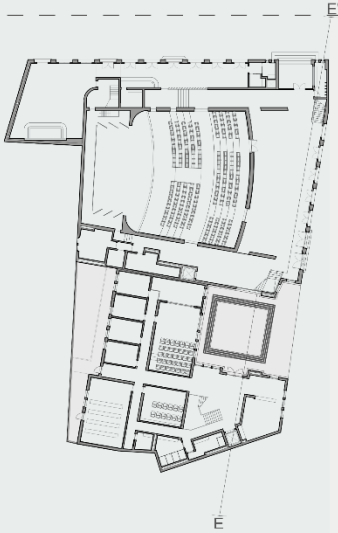
1 Revestimento pavimento (pedra granítica); 2 Geodreno; 3 Camada geotêxtil em volta do tubo de drenagem; 4 Gravelha; 5 Alvenaria em tijolo; 6 Enrocamento (areão, brita e cascalho); 7 Massame armado [0.30]; 8 Barreira de vapor e pintura betuminosa; 9 Isolamento térmico [0.05]; 10 Betonilha armada [0.05]; 11 Betonilha de regularização; 12 Revestimento pavimento (grés e acabamento em resina epóxida); 13 Laje de betão armado [0.25]; 14 Barreira de vapor; 15 Isolamento térmico [0.03]; 16 Camada de forma; 17 Betonilha de regularização (0.03); 18 Tela impermeabilizante; 19 Separador químico; 20 Isolamento térmico [0.04]; 21 Camada geotêxtil; 22 Laje de betão pré-fabricadas

A RECUPERAÇÃO DO
CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Projecto de reintegração funcional e sociocultural

PROJECTO FINAL DE MESTRADO | MARIANA SANTOS PINTO | 7116 | ORIENTADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR LUIS AFONSO |
COORIENTADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR MANUEL TEIXEIRA | OUTUBRO 2014



Corte transversal EE' | Proposta dos acessos verticais | Escala 1/100

A RECUPERAÇÃO DO
CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO

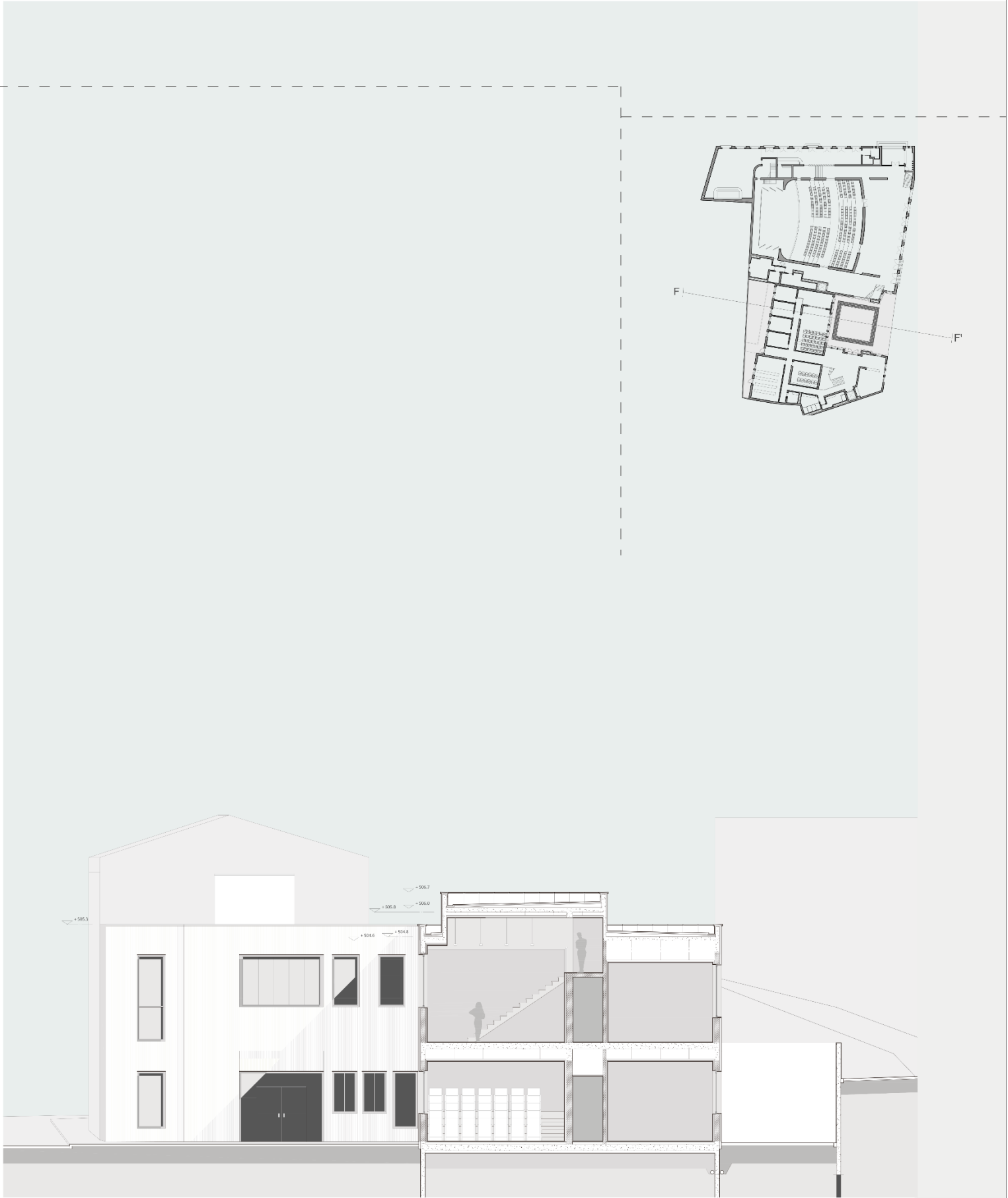
FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Projecto de reintegração funcional e sociocultural

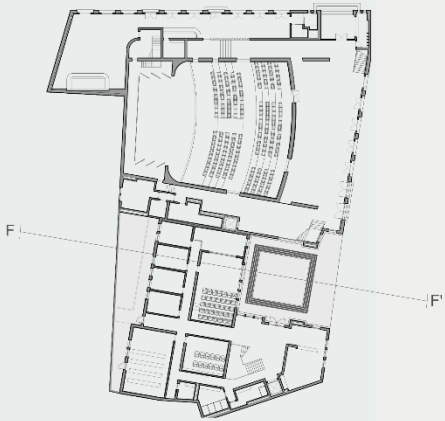
PROJECTO FINAL DE MESTRADO | MARIANA SANTOS PINTO | 7116 | ORIENTADOR CIENTIFICO: PROFESSOR LUIS AFONSO |
COORIENTADOR CIENTIFICO: PROFESSOR MANUEL TEIXEIRA | OUTUBRO 2014



Corte longitudinal FF | Academia de Música e Dança | Escala 1/100



Corte longitudinal FF | Academia de Música e Dança | Escala 1/100

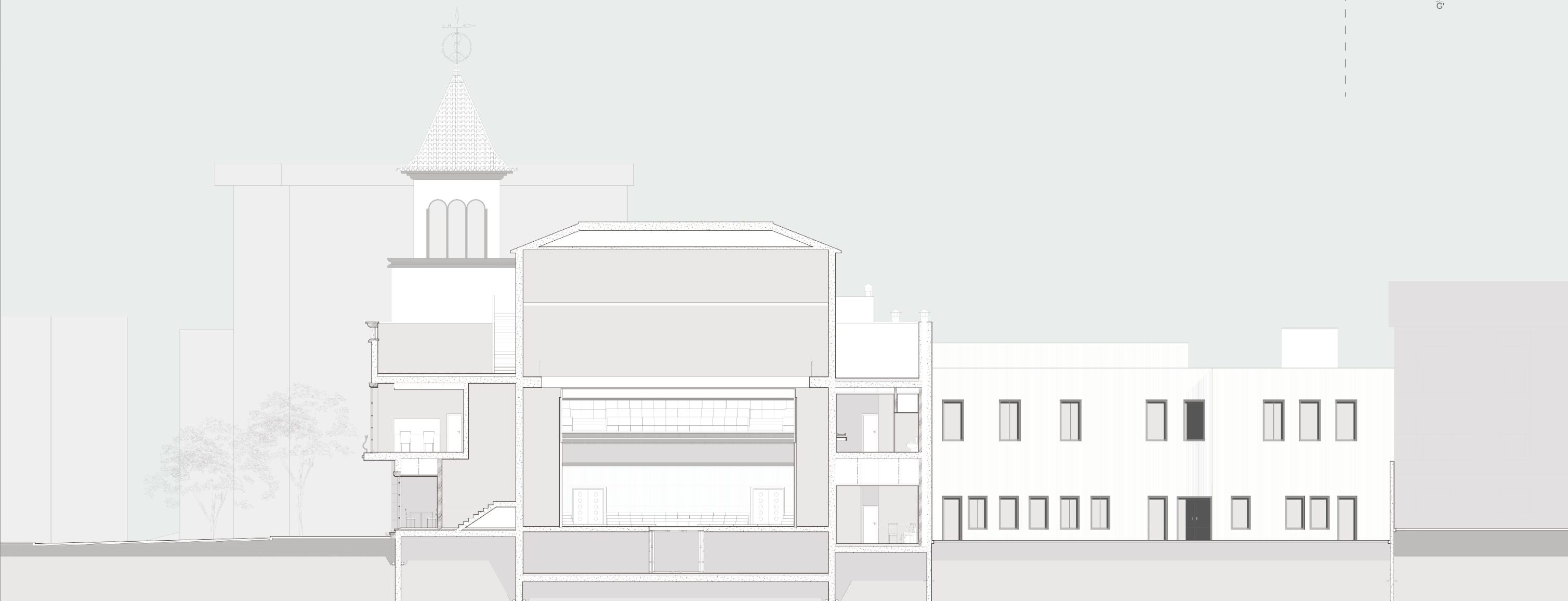
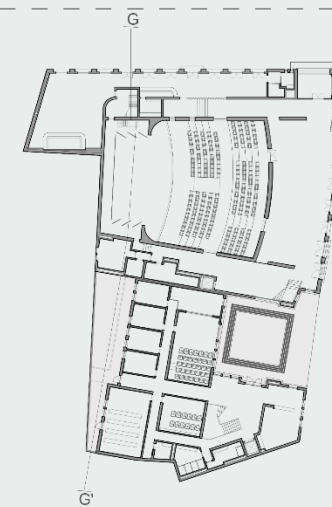


A RECUPERAÇÃO DO
CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Projecto de reintegração funcional e sociocultural

PROJECTO FINAL DE MESTRADO | MARIANA SANTOS PINTO | 7116 | ORIENTADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR LUIS AFONSO |
COORIENTADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR MANUEL TEIXEIRA | OUTUBRO 2014

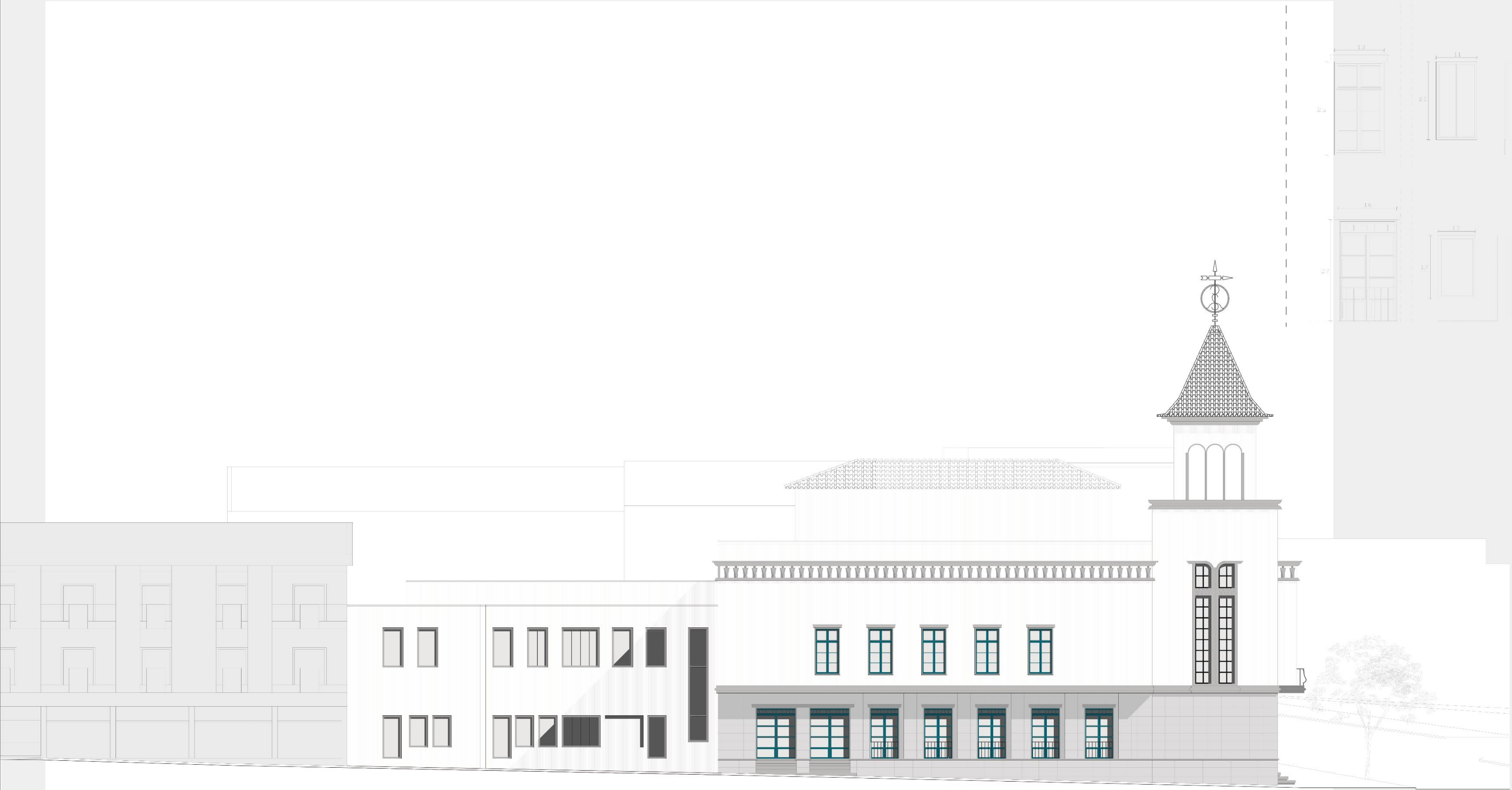
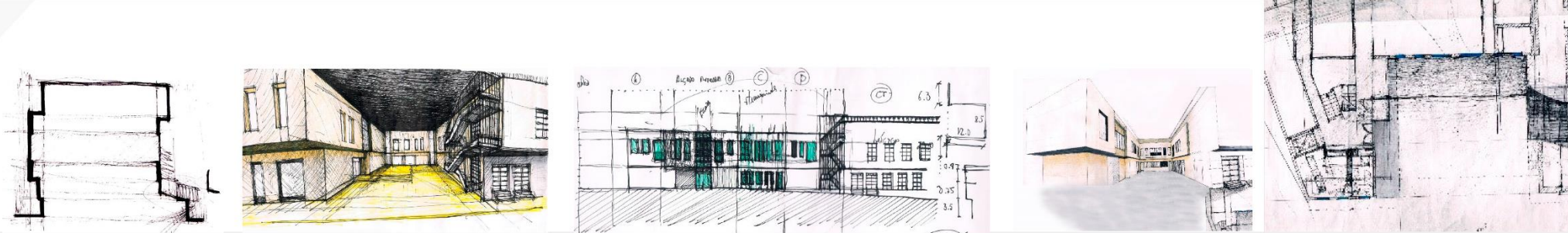


A RECUPERAÇÃO DO
CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Projecto de reintegração funcional e sociocultural

PROJECTO FINAL DE MESTRADO | MARIANA SANTOS PINTO | 7116 | ORIENTADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR LUIS AFONSO |
COORDINADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR MANUEL TEIXEIRA | OUTUBRO 2014

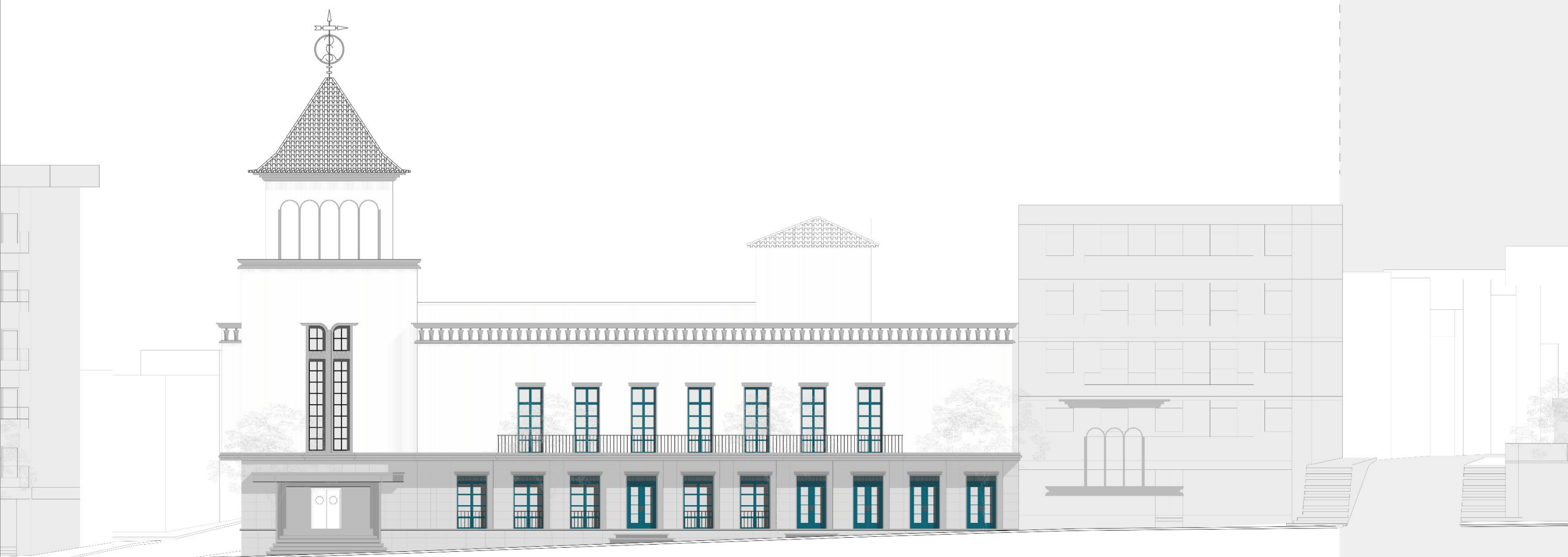
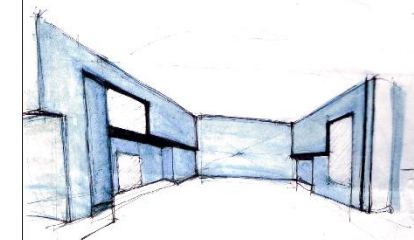
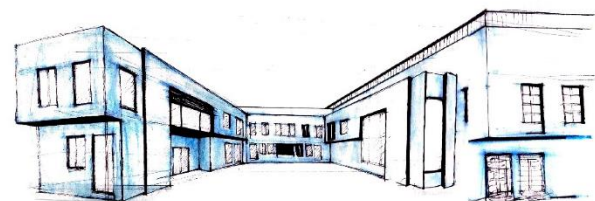


A RECUPERAÇÃO DO
CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Projecto de reintegração funcional e sociocultural

PROJECTO FINAL DE MESTRADO | MARIANA SANTOS PINTO | 7116 | ORIENTADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR LUIS AFONSO |
COORDINADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR MANUEL TEIXEIRA | OUTUBRO 2014



A RECUPERAÇÃO DO
CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Projecto de reintegração funcional e sociocultural

PROJECTO FINAL DE MESTRADO | MARIANA SANTOS PINTO | 7116 | ORIENTADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR LUIS AFONSO |
COORIENTADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR MANUEL TEIXEIRA | OUTUBRO 2014

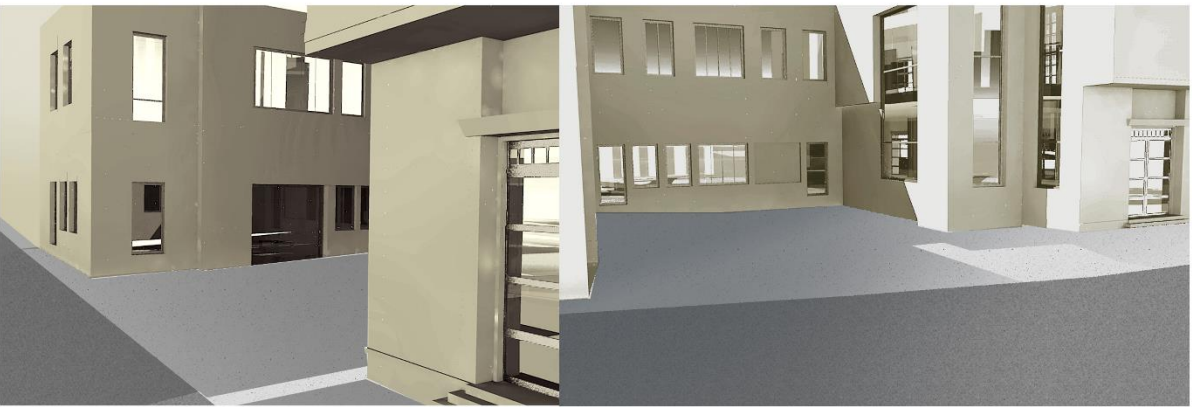
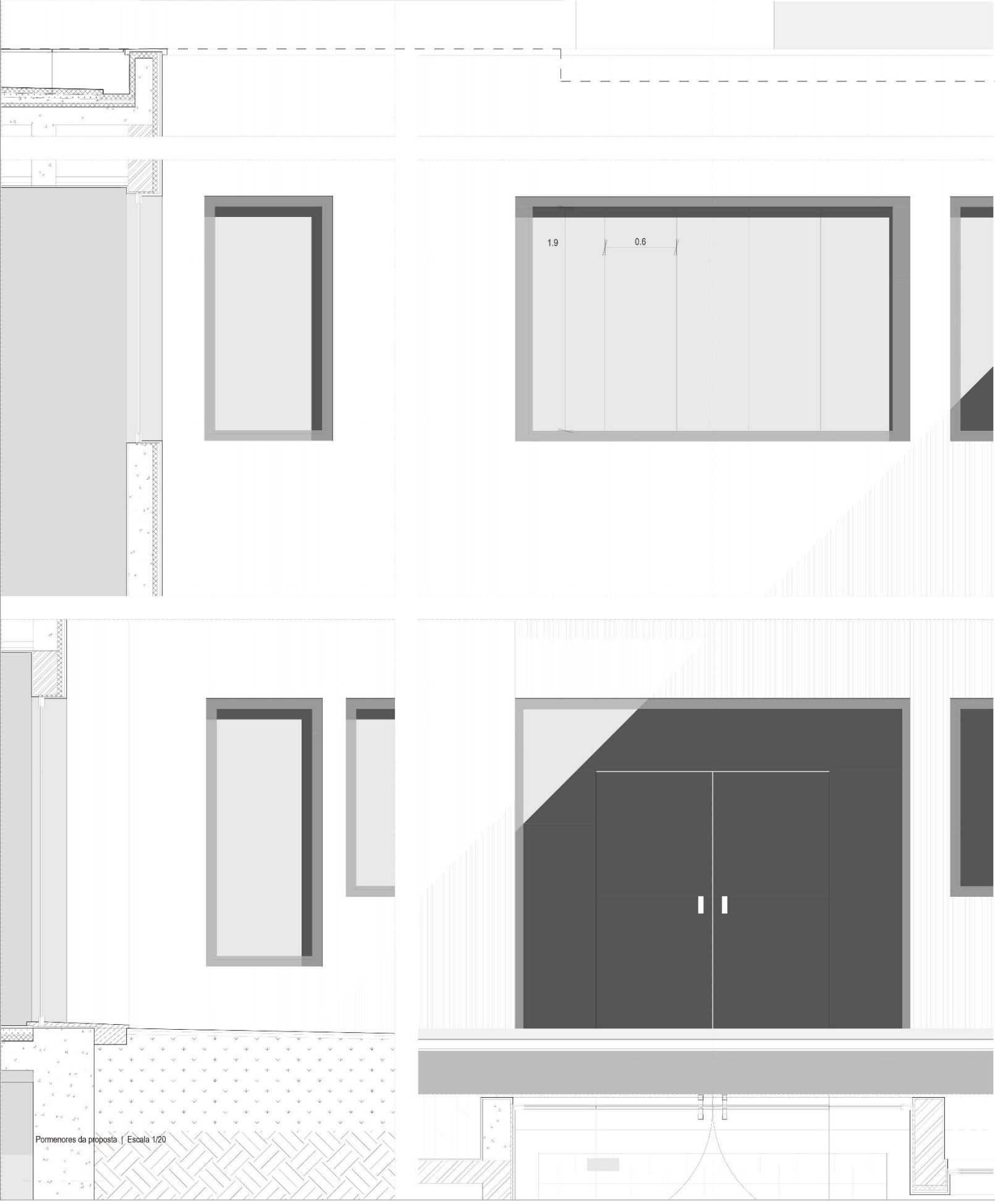


A RECUPERAÇÃO DO
CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Projecto de reintegração funcional e sociocultural

PROJECTO FINAL DE MESTRADO | MARIANA SANTOS PINTO | 7116 | ORIENTADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR LUIS AFONSO |
COORDINADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR MANUEL TEIXEIRA | OUTUBRO 2014



Imagens da proposta